

PROBLEMAS POLITICOS CONTEMPORANEOS

N. 9

GUSTAVO BARROSO

O quarto Imperio

LIVRARIA - JOSE' OLYMPIO - EDITORA

RIO DE JANEIRO

GUSTAVO BARROSO

*La Inga, São Paulo
Julho de 1935 Bahia*

O QUARTO IMPERIO

1 9 3 5

Livraria Jose Olympio Editora
Rua do Curvidor N.º 110 Rio de Janeiro

Handwritten text, possibly a signature or date, including "2000" and "EPI".

BEDESCHI — imprimiu

OS QUATRO IMPERIOS

— Hae quatuor bestiae magnae *quatuor sunt regna* quae consurgent de terra.

(BIBLIA SACRA, *Vulgatae Editionis, Sixti V recognita, Clementis VIII auctoritate edita, Archiepiscopo Parisiensis approbata, liber Danielis, caput VII, v. 17*)

— Estas quatro grandes alimárias são *quatro reinos* que se levantarão da terra.

(A BIBLIA SAGRADA, *tradução da Vulgata por Antonio Pereira de Figueiredo, aprovada pelo Arcebispo da Baía, livro de Daniel, cap. VII, v. 17.*)

- 1.º Imperio: A TEOCRACIA-ARBITRAL
- 2.º Imperio: A POLITICA-ARBITRARIA
- 3.º Imperio: A ECONOMIA-MATERIAL
- 4.º Imperio: A SINTESE ECONOMICA-POLITICA-ESPIRITUAL.

A SOMA



O IMPERIO DO CARNEIRO

Nous devons suivre la marche des Atlantes vers l'Orient, signaler leurs établissements à l'embouchure de l'Indus et la formation d'une colonie au sud de l'Inde et à Ceylan, où toujours, grâce à l'asservissement des populations indigènes d'origine negroïde, ils peuvent s'établir solidement et former LE MYSTERIEUX ROYAUME qui ne nous est connu que par le récit de sa chute, mais Dieu sait avec quelle imagination, par le ou plutôt les auteurs du *Ramayana*.

(Jean d'Eraines — “Le problème des origines et des migrations”.)

Devemos seguir a marcha dos Atlantes para o Oriente, assinalar seus estabelecimentos na embocadura do Indus e a formação duma colonia ao sul da India e em Ceilão, onde sempre, graças á escravidão das populações indigenas de origem negroide, êles puderam fixar-se com segurança, formando o MISTERIOSO REINO que só nos é conhecido por sua queda, totalmente contada, Deus sabe com que imaginação, pelo autor ou melhor pelos autores do *Ramaina*.

(João d'Eraines — “O problema das origens e das migrações”.)

A história das humanidades primitivas está escrita no nome dos mares, perpetuada nas arquiteturas, conservada na maneira de escrever e gravada para sempre nos luzeiros do céu. Antes dos poemas transmitidos oralmente, das estrofes e anti-estrofes cantadas e dansadas (1), dos granitos historiados de hieroglifos, das itacotiaras selvagens, dos tijolos cosidos, dos quipús e dos papiros enluminados, tudo fôra guardado na memoria das raças pelas fórmulas das cousas, pelo gesto dos escribas, pelos nomes das terras, das aguas e das constelações.

Para compreender os grandes tempos misteriosos que nos legaram as grandes cousas, os maiores poemas em verso e em pedra — o RAMAIANA e o templo de Ellora, o LIVRO DOS MORTOS e as Pirâmides de Gizeh, a ILIADA e o palacio de Cnossos, o manuscrito Troano e os baixos-relevos de Palenqué, é necessario saber abrir, ler e interpretar o imenso livro da Natureza, que não é somente visível, palpável, material, mas também invisível, impalpável e cheio de misterios.

Não haveria profundidade nas Verdades Eter-

(1) Fabre d'Olivet — "Discours sur la forme et l'essence de la poésie".

nas, se elas pudessem cair diretamente sob o domínio de nossos sentidos imperfeitos. A imperfeição pôde vislumbrar, mas não ficar a par da perfeição.

Pelas cenas esculpidas e coloridas que ainda hoje iluminam paredes, silhares e entablamentos colossais dos arruinados templos do antigo Egito, vemos que existiram quatro raças de homens, claramente assinaladas: negra, vermelha, amarela e branca (2). Diferem pela côr da péle, pela fisionomia, pelo olhar, pelos cabelos. Diferem ainda pelos trajes e armamentos.

Talvez em consequencia de antiquissimo cataclisma, essas raças puseram-se em movimento de varios pontos do globo e em varias direções, vindo chocar-se em muitos lugares, sobretudo na Asia Menor e no caminho das Indias. A raça Negra, dona de portentosa civilização, cujos resquícios, bronzes e terracotas, fôram encontrados em Ife e no Sudan, dominava toda a bacia do Mediterrâneo. Essa civilização que Frobenius e Schulten calculam ter existido uns mil e seiscentos anos antes de nossa éra, é muito mais antiga e foi denominada Sudeana. São restos dela os muros ciclópicos que se deparam pelas costas septentrionais da Africa e meridionais da Europa (3). Tangida pelas guerras, emigrou para o sul do continente líbico ou

(2) Maspero — "Histoire Ancienne des Peuples de l'Orient".

(3) Ortega y Grasset — "Las Atlantidas".

se acolheu á Asia, indo fenecer nos elementos negroides do Indostão. E o mar Mediterrâneo, que era o Pélago, o mar Escuro, o mar Negro, o mar da Raça Negra, somente conservou essa vetusta lembrança no fundo de seu último remanso, lá onde os Negros, resistindo aos empuxes de outros povos, demoraram antes de se dispersarem para sempre. A raça Vermelha, os Rmoahals da tradição atlante, localizou-se naquela faixa de terreno banhada pelo Nilo e apertada entre o deserto e o mar, o Chémi, o País Estreito dos antigos. A costa onde se debruçou sobre o caminho das ondas e monções ainda parcialmente conserva a recordação do seu pigmento: Eritréa. O mar, tão azul ou esverdeado como qualquer outro, é o mar Vermelho. Dêsde que as cem famílias primordiais de Bâ-hô povoaram as margens do Hoang-ho, o rio Amarelo, atingindo sua embocadura, creando uma civilização e colonizando as ilhas do Grande Oceano, que o mar que banha as costas da China e do arquipélago japonês se denomina mar Amarelo. Em opposição aos Sudeanos, progénie do Sul, os Bóreos desceram do Extremo Norte. Hiperbóreos, diziam os gregos. Gibborim, denominou-os a Biblia. Eram, na maioria, alvos, louros e de olhos azúes. Filhos dos gelos e das florestas nórdicas, vinham da região que Jornandés e outros classicos chamam *vagina gentium* ou *officina gentium*, (4) a fábrica das gentes. E dei-

(4) Jornandés — “De successione regnorum”.

xaram nas brumas cimerianas, uivando sob o açoite das tempestades de neve, o mar que até nossos dias é conhecido pelo nome de mar Branco.

Remotas tradições perdidas quasi na memória dos modernos povos e que só o Espirito pôde acordar do fundo dos milenarios e transportar sobre a tela do presente como veneráveis testemunhas dum passado formidável!

Da posição em que se acharam êsses povos primitivos em relação á marcha do sol, se deriva sua maneira de escrever. Logo que começaram a usar os primeiros caractéres ideograficos, os gravaram á face das penedias e dos bétilos erguidos no meio dos campos. A primeira escrita foi ao ar livre e não dentro de casas ou tendas. A mão que primeiro historiou essas vetustas itacoatiaras teve de mover-se no mêsmo sentido do astro diurno, de modo a não ir tapando com sua sombra o desenvolvimento daquela escrita lerda e titubeante, que se tornaria com o tempo o cursivo, o rune. Vinda do Septentrião em demanda do Sul, a raça Branca tinha o nascente á esquerda de sua marcha. Por isso, sua escrita se processa da esquerda para a direita. A raça Negra proto-historica subia do Sul para o Norte. O Levante ficava-lhe á direita. Ela escreveu da direita para a esquerda e legou êsse sistema aos povos semitas com quem esteve em íntimo contáto e até certo ponto se caldeou. Até fixar-se no fundo do Oriente, a raça Amarela ca-

minhou voltada para o sol e, por isso, escreveu de cima para baixo, em colunas paralelas (5).

Os Sudeanos negros viviam primitivamente no fundo das cavernas disputadas aos leões e ursos espeleus. Progredindo em cultura, fôram ornametando pouco e pouco a tôska entrada das moradias trogloditas com exiguos telheiros que permitiam um pouco de vida do lado de fóra, sustentados por estacas rudes. Assim, nasceram colunas e frontões. As estalactites das salas subterrâneas deram a idéa dos templos hipostilicos. E toda a pesada arquitetura dos egipcios, dórios e pre-helenicos promana dessa origem (6). Basta notar que se não encontram em outras regiões que não as da bacia mediterrânea, da Asia Menor, do Iran e das Indias vestígios de arquitetura semelhante. Os Amarelos fôram todos, outróra, tão nomades, rumo do Extremo Oriente, quanto ainda o são hoje certas tribus do Turquestão e da Mongólia. Eram a Raga da Tenda. A barraca do chefe, o *ordu*, reunia nas solenidades todos os membros do clan. Daí a palavra *horda* como sinónimo de bando, de tribu ou mesmo de nação. A leveza da tenda perpetuou-se nas construções de pedra, de tijolo ou de madeira dos chins, mandchús, coreanos e nipões, depois de atin-

(5) De Fortia d'Urban — "Histoire Antediluvienne". Fabre d'Olivet — "Histoire Philosophique du Genre Humain".

(6) René Dussaud — "Les civilisations pré-helléniques".

gido certo grau de civilização. Os flácidos panejamentos da tenda se repetem nas curvas dos telhados convexos. As extremidades recurvadas dos ornamentos dos toldos continuam a viver imobilizadas nos arrebitados *tings* dos tectos dos yemens, das varelas, dos pagodes, da estupas e das tiras. Os Brancos hiperbóreos vagavam, caçando, pescando e pirateando pelas vastas extensões geladas, pelas profundas florestas de robles e de ábetos, pelos mares agitados e desconhecidos. Em terra, rodavam acima e abaixo em pesados carros de toldos abaúlados, lentamente puxados pelos bufalos mansos, ou em trenós com o mesmo toldo tirados pelas renas cornudas. Nas ondas, navegavam em barcos esguios e longos com prôas figurando peixe, cisne, serpe ou dragão. Daí o nome de drakkars. *Vag* chamavam ao carro no seu bárbaro idioma. Dessa raiz vieram palavras tais como *vagar*, *vaguear*, *vagão*, *vagabundo*. *Scanders* denominavam-se seus chefes, isto é, os errantes. *Scandinavos* diziam-se os marítimos, os errantes sobre as naves. *Vikings*, os vagabundos apelidavam-se todos. E, quando o arabe, ainda em nossos dias, se refere a ISKENDER, que confunde com Alexandre Magno, repete o éco enfranquecido duma tradição multimilenar dos vetustos capitães das vagabundagens dos povos hiperbóreos. A fôrma do toldo do *vag* é a mãe do zimbório e do arco que nem egípcios nem gregos haviam aplicado e que os romanos copiaram aos etruscos. A prôa das naves figura nas

decorações rostrais das arquiteturas civil e religiosa de argivos e latinos.

Essa raça andeja e voluntariosa desceu para o Meio-Dia, em busca de paragens mais amenas, nos seus *drakkars* e nos seus *vags*. Naquêles arou os mares internos e o proprio oceano com as quilhas aventureiras. Nêstes sulcou as estepas da Roxolania (7), os pântanos da Golandia (8), as selvas da Borussia (9), as veigas das Gálias e os desfiladeiros da Helvecia (10). O “Ramaiana”, (11), logo na primeira Sarga da Balakanda, a personifica no vulto feminino de Sita, filha da propria terra. Sita é a raça Scytha, Scita ou Cita, a Brarca, de Skuthos, cuspe, como diz Herodoto (12), alusão injuriosa de seus inimigos negros á côr de sua pele. *Skuthai*, diziam os gregos. Bergmanr (13) confunde-os com os Skolotos.

É impossivel determinar com certeza a época em que essa raça começou a formar as primeiras sociedades ao influxo das primeiras fórmãs de civilização. Sua tradição se encontra por toda a parte,

(7) Russia — Rossland — Terra dos cavalos: *Rosse*, cavalo em alemão; *Rosse*, bêtea em francês; *Horse*, cavalo em inglês; *Rocim*, cavalo em português.

(8) Holanda — Ghol-land — Terra baixa.

(9) Prussia.

(10) Suíça.

(11) Trad. Roussel.

(12) “Historias”.

(13) Bergmann — “Les Gètes ou la filiation généalogique des Scythes aux Gètes, des Gètes aux Germains et aux Scandinaves”.

mas sem uma documentação positiva. Todos os livros antigos se lhe referem. Deodoro Siculo diz que habitava perto da lua. Ésquilo dá-lhe como berço os montes Rifeus. Hecateu de Abdera põe seu habitat na ilha de Elixoia, entre os gelos polares. Pindaro e Herodoto não chegam a conclusões seguras sobre sua origem. Mas Aristeu de Proconesio cantou-os num poema como provindos das geladas regiões da alta Asa.

Deslocando-se da zona boreal para a Europa, os citas tomaram os caminhos do mar e de terra. Os que vieram pela parte central marcharam até atingir as extremidades continentais que mergulham nas vagas do Atlantico. Dão a êsses promontórios por toda a parte o mesmo nome de Fim da Terra, que nos chega através de sucessivas mutações: Finisterra na Espanha, Finistère na França, Land's End na Inglaterra. São tribus do ramo Kimmero-Celta. G. de Lafont calcula seu aparecimento em 25 seculos antes de Cristo. Segundo o mesmo etnólogo, a raça se dividiu em Indús, Iranianos, Greco-latinos, Getas ou Germano-Escandinavos, Sarmatas ou Eslavos e Celtas. "Êsses povos — escreve — primitivamentete unidos, possuíam a mesma lingua, as mesmas crenças religiosas e os mesmos costumes. Sua separação modificou, sem a menor dúvida, tanto a lingua, como as religiões e os hábitos; mas sob êles permaneceu um fundo comum. A mitologia e a filologia comparadas permitem reconstituir de modo seguro os

elementos fundamentais de suas crenças religiosas e de seus costumes” (14).

Os Kimmero-Celtas de Lafont são os povos invasores que topamos a cada passo em todos os documentos antigos sob varios nomes: *Kimri*, *Kymri*, *Kenmren*, os *Gimirri* dos cuneiformes assirios, os *Kimmeroi* dos gregos, os *Cimbri* dos romanos (15). Mario repeliu uma dessas vagas de Cimbros, atrasadas no tempo e no espaço. Outra, descendo do Caucaso, pilhou ainda a Asia Menor, segundo Maspero (16), no ano de 678 antes de Cristo. Outra mais, os *Khmers*, foi parar alem da India, perdendo-se nas florestas da Indo China e nelas deixando veneraveis monumentos como o templo de Angkor-Vat.

Na Europa, localizaram-se em quatro focos principais: os Celtas nas costas da França e da Inglaterra, os Galos entre o Sena e o Reno, os Góticos do Reno até a Escandinavia e os Eslavos no contorno do Baltico (17).

Pelo mar, os hiperbóreos que vieram fôram os Galos ou Gaulêses, Celtas louros, os quais devem ter tocado em primeiro lugar nas ilhas Hebridas, habitadas já pelos Iberos nórdicos, tribu de Celtas morenos. A marcha dos brancos louros

(14) G. de Lafont — “Les Aryas de Gallilée”.

(15) Roget de Belloguet — “Ethnogénie Gauloise — origine et parenté des Cimmeriens, des Cimbres, des Ombrons, des Belges, des Ligures et des anciens Celtes”.

(16) Op. cit.

(17) Roget de Belloguet — Op. cit.

se processa rumo do Sul, levando-os á frente. Conquistam a parte norte da Grã-Bretanha a que dão o nome de Galedonia ou Caledonia, terra dos gaulêses. Tanto na Escocia como na Irlanda, abundam lugares denominados Galloway, caminho dos gaulêses. A parte sudoeste da ilha recebe a designação de País de Galles e o promontório que avança para o velho Mar Tenebroso o de Corn-wallis, cabo dos gaulêses. Expatriados, os Iberos nórdicos vão ter áquela península que Estrabo chamaria, mais tarde, “espectadora dos oceanos”. Mas novo fluxo de brancos louros salta das naves errantes nas praias de Portugal, *Portus Galleciae*, o porto dos gaulêses, recalca os Iberos marítimos para o Ebro e demanda a região do Norte, que batiza como Galiza, banhada pelo rio Galego. Além dos Pirineus, alastra pelas Gálias e pela Wallonia ou Galonia. Semêa a Italia insubrica com sua onomastica corográfica: Galiate, no Piemonte; Galarate, na Lombardia; Galeata na Toscana; Galatona, em Lecce. Pelas florestas da Europa Central, os Brenns ou chefes conduzem bandos conquistadores que marcam com o nome inconfundível as etapas do caminho até mergulharem no fundo misterioso do Oriente ou no meio dos negros da Africa Equatorial. É a Galicia, encravada entre a Hungria e a Polonia, a Russia e a Boemia. É Galitz, no Dnieper. É Galatz, na Romenia. A Valaquia chamou-se primitivamente Galaquia. Em Galipoli, cidade dos gaulêses, passaram o estreito dos Dardanelos

para a Anatolia. Na Asia Menor, batizam os rios Galo e Galas, e fundam o reino da Galacia. Na Palestina, a Galiléa e a Gaulonitida (18). Vão além, misturando-se aos Etiopes e formando o povo dos Galas da Abissinia (19), mestiçando-se com os sudanêses e formando o povo dos negros Galinas, última degradação de suas derradeiras ondas inquietas.

Tangidos, agitados, sacudidos e varridos pelos alúdes sucessivos, o ramo dos Iberos foi parar no Caucaso, onde fundou nova Iberia, a chamada Iberia, do Caucaso, Georgia atual. É dêsse Hebireh que saem e se misturam aos remanescentes dravidianos encalhados no litoral do Ponto Euxino ou Mar Negro, os Bodohnes (20) ou Expatriados, antepassados dos Beduinos, os quais produzem os Arabes e os Hebreus, em cujo nome palpita a lembrança das ilhas Hebridas, das duas Iberias, do rio Ebro e dos Iberos nórdicos, marítimos e cáspios.

Cimbros ou Celtas, os hiperbóreos encontraram em certas regiões da Europa povos negros ou amarelos, aquêles negros do Sul e êstes finicos, uns grandes e ferozes, outros pequeninos e astu-

(18) G. de Lafont — Op. cit. — Gelil-ha-Goim, dizem os hebreus: o Circulo dos Gentios, ou melhor: os Gaulêses (*Gelil*) Gentios (*Goim*). Consideravam-nos impuros.

(19) *Abasha*, mistura, confusão.

(20) Bod-ohne, de *bod* ou *bed*, cama (ainda em inglês), e o privativo: sem-leito, isto é, sem lar.

tos. Os primeiros passaram para as lendas e contos folclóricos como ogres, ciclopes e gigantes; os segundos, como kobolds e anões (21). A raça branca venceu-os no decurso do tempo, relegou os finêses para as regiões septentrionais, a Finlândia, e os pretos para as austrais, além do Sahara. Foi para sustentar essa guerra que os hiperbóreos primeiro se dividiram em classes e elegeram um chefe supremo, o Herr-mann, Herman ou Gherman, senhor dos homens, vindo daí o apelativo generalizado de germanos. Esse chefe divide o povo em Dieta, isto é, os velhos, encarregados de prover á subsistencia dos outros, modelo dos senados futuros; Leit ou Leyt, a Elite, o escól, a nata, isto é, os guerreiros capazes de combater; e Folk ou Volg, povo, o vulgo, os que acompanham. E, na luta terrível entre as raças preta e branca, a do Norte e a do Sul, os titulos de gloria dimanaram de sua propria procedencia: Bóreo, Boreano evolueu até varão ou barão, radicado em *bor*, *vor* ou *vir*, o forte; Sudeano chegou a Sud e Sid ou Cid, o chefe, o guia, o condutor da guerra (22).

A palavra Dieta merece referencia especial. Significa originariamente subsistencia, em grego *diaita*, em latim *diaeta*. A raiz é *oed*, alimento, de que vem no latim *edere*, *comer*. Em inglês moderno e em alemão moderno: *to eat* e *essen*. Eis

(21) Husson — “La chaine traditionnelle”.

(22) Fabre d'Olivet — “Histoire Philosophique du Genre Humain”.

por que Dieta é, simultaneamente, regime alimentar e assembléa senatorial.

Depois da vitória sobre negros e amarelos, a divisão feita por motivos de guerra teve de ser substituída por outra que consultasse a necessidade de impedir as mestiçagens por infiltração dos prisioneiros transformados em escravos. As castas, então, substituem as classes, afim de conservar a pureza da raça (23).

Póde-se dizer que o característico moral da raça branca é o altruismo. Daí sua monogamia quasi geral, sua sociabilidade e sua vocação para os apóstolados. Na sua concepção natural, a família é uma comunidade não somente económica, mas económica sob o impulso e direção da moral, que se desenvolve no tempo, para o passado, com o culto dos antepassados, no tempo e no espaço, para o futuro, com a transmissão do patrimonio, creando a solidariedade ininterrupta entre as gerações (24). Com essa força, a raça Aariana, cujo simbolo será o Carneiro, Aries, motivo heraldico determinado por motivos astronomicos, entrará na história e construirá o maior dos Imperios, não sobre o sangue e as angústias dos povos esmagados, mas sobre as bases eternas do Espirito.

É hoje ridicula e frivola a teoria do arianismo, que coloca o centro de irradiação da raça branca no

(23) G. de Lafont — Op. cit.

(24) Bunsen — “Dieu dans l’Histoire”.

planalto central da Asia. Ela provem duma má interpretação do Zend e do Sanscrito. Está averiguado ser *biologicamente impossivel* a multiplicação dum povo em região tão pobre e desolada (25). A raça veio da zona boreal, *offcina gentium*, "seminario de gentes", dominou a Europa, desonvou-se em suas terras ferteis e avançou para Léste, levando suas armas vitoriosas além das Indias e deixando a eterna memória de seus feitos nos poemas, nas lendas e nos luzeiros do firmamento, onde jamais seria possivel ao orgulho materialista apagá-la. Enquanto somente arquiteturas e grafias guardam a lembrança das marchas de Vermelho, Negros e Amarelos, a vencedora migração dos Brancos do Carro, do Vag, palpita, mais do que nos cursivos e baixos-relevos, no pátio estrelado do céu, marcando eternamente o ritmo das estações e as etapas do tempo (26).

A civilização, no conceito de Duruy (27), avança pelos homens superiores e não pelas massas. Foi necessario que entre os Cimbro-Celtas surgisse um homem extraordinario, providencial, para que êles construíssem uma obra social digna de passar á posteridade. Êle pregou a reforma dos costumes de seu povo; depois, projetando essa revolução in-

(25) Jean d'Eraines — "Le problème des migrations et des origines".

(26) "O homem acha no céu a explicação do que vê na terra" — diz Baudouin no seu livro "La préhistoire par les étoiles".

(27) V. Duruy — "Histoire Romaine".

terior no dominio dos fátos concretos, arrancou-o á servidão da barbárie e guiou-o á conquista do mundo. Êsse augusto reformador foi Ram ou Rama, o Carneiro, que vetustos documentos apelidam o Chefe da Marcha dos Astros e outros Gian-Shyd, o Cid dos Gigantes, o Vencedor dos Gigantes, corrompido nos poemas persas, como o "Schah-Nameh", em Djemschid. Os Indús consideram-no Deva-Naúscha, o Espirito Renovador, a Inteligencia Divina, de que os gregos fizeram Dionysos, mais tarde confundido com Báco. Chamaram-lhe os Egipcios Hammon ou Rammon, aspirando o h. Daí, no oásis de Ammon, o deus da cabeça de carneiro, a quem todos os conquistadores, como Alexandre, iam render homenagem.

Cantou-lhe os altos feitos o veneravel poema de Valmiki, o RAMAIANA. Aos olhos da India, na erudita opinião de Sylvain Lévi (28), êle é e foi o mais perfeito modelo da humanidade. A tranquilla coragem de Rama, sempre a serviço do Bem, sua apaixonada obediencia ao Dever, sua fina e delicada sensibilidade, sua piedade filial, sua ternura conjugal, sua comunhão de alma com a natureza toda são traços de eterna beleza que o tempo não poderá apagar nem mesmo esmaecer. O "Zend-Avesta" glorifica-o: "Zoroastro consultou Oromazo e lhe perguntou: — Ó, Oromazo, Perfei-

(28) Sylvain Lévi — "Introduction au "Ramayana", trad. Roussel.

ção Infinita, Justiça Divina, Árbitro do Mundo, qual o homem que, no passado, vós consultou neste mesmo lugar, como o faço hoje? Então, Oromazo respondeu: — O puro Gian-Shyd, o Chefe dos Povos... Entreguei-lhe nas mãos um gladio de luz, uma espada de ouro, e êle conquistou o Oriente, e, depois, marchou para o País do Sul, porque o achou belo (29)".

Os rios dos seculos correram sem cessar para o oceano dos milenios, as civilizações mergulharam na poeira do esquecimento e sobre toda a face dos países que constituíam o mundo conhecido dos antigos o nome de Ram continúa a viver na toponímia e nas tradições. Dêse os fiords do Extremo Norte até o cerne da India lendaria, os radicais do apelido famoso se repetem a cada passo: Ram-nas, na Suecia; Ram-mels-berg e Hamburgo, na Alemanha; Ram-oan, na Irlanda; Rams-bottom, na Inglaterra; Ram-bouillet, Ram-buteau, Ram-erupt, Ram-ber-villers, Ram-bures, Ram-bour, Rambourg, na França; Ram-zaï, na Russia; Ramoth, Rama, Ramah Ramatha ou Arimathéa, na Palestina; Ram-nad, Ram-nada-puram, Ram-nagar, Ram-pah, Ram-pur, Ram-ganga, Ramgarh, Ram-drug, nas Indias. A semantica revela nesses termos um significado tradicional inapagavel: a terra, a montanha, o campo, a baixada, a coutada, o caminho, a con-

(29) "Zend-Avesta", trad. Harlez, IX.

fluencia, a aldeia, o burgo, o castelo, a moradia, o desfiladeiro, o rio, a cidade de Ram.

O nome do carneiro chefe de rebanho, *bélier* em francês, o que leva a sineta, do flamengo *bell*, identico ao inglês, sino, vive ainda em idiomas do Ocidente europeu. Em inglês antigo, *ram* é o carneiro e foi o navio que servia de ariete. Entre os pastores dos Pirineus, um rebanho chama-se *ramade*. No Oriente, Ram-singa, a trombeta indú dos templos, quer dizer a voz ou o canto de Ram (*song*, canto, em inglês, por exemplo). Através dos povos os mais dispares e, na apparencia, os mais afastados no tempo e no espaço, a mesma tradição. As festas em honra de Báco confundido com Dionysos eram chamadas em Roma Ram-alias. A mais solene comemoração dos antigos peruanos denominava-se Rama-sitôa. O grande jejum anual dos mussulmanos se intitula Ram-adhan, Ram-azan ou Ramadan. Da estirpe de Ram se declararam os mais nobres entre os antigos. Os Ramessidas egipcios, progénie de Sethos o etrusco (30), eram seus sucessores: Ram-sés. Os Abramidas da Caldéa que iniciaram o povo israelita no monoteismo, tambem: Ab-ram, Abraham, Abraão. Quando Roma amanhecia, das quatro tribus iniciais que a formaram — Quirites, Lucerios, Tacios e Ram-nes ou Ram-nenses, êstes levaram a efeito a união ini-

(30) Chabas — “Etudes sur l’antiquité historique d’après les sources égyptiennes et les monuments réputés pré-historiques”.

cial com os etruscos, constituíram as primeiras centúrias equestres e mudaram o nome de Rama para Roma.

Essa tradição escrita á face da terra repete-se á face do céu. Vamos lê-la nas constelações por que passa o sol no seu eterno giro, arrastando um cortejo luminoso de esferas. Vamos lê-la no mais antigo e misterioso documento que possúe a humanidade, no Zodiaco, do grego Zódion, o porta-sinal, o porta-indícios, isto é, o guarda dos símbolos. Chamam-lhe os indús Kya-Devas, Caminho dos Deuses. Já se foi o tempo das triviais explicações naturalistas e antropomórficas que nada explicam do que se nos apresenta envolto nos véus das idades cosmogônicas. Não se admite mais, como queria Volney (31), que os Etiopes de Tebas tivessem dado ás constelações zodiacais nomes correspondentes ao que se passava quando elas apareciam. Chegavam os dias de lavrar a terra com a charrúa e se dava ao grupo de estrelas que surgia no firmamento o nome de Astros do Boi, porque o boi puxa os arados. Na época em que nasciam os cordeiros, apelidava-se a constelação que se levantava no horizonte Astros do Carneiro. Quando as fulvas feras sequiosas vinham rondar os campos cultivados, aparecia no céu o signo de Leão. No tempo em que sopravam os quentes e malignos ventos do deserto, chamavam-se os astros do fundo do

(31) Volney — “Les Ruines”.

espaço o Escorpião, pois seu veneno é mortal... Explicações infantis. Nem os antigos eram tão despidos de sabedoria que se limitassem a essa simbologia corriqueira. Antes pelo contrario, tudo que produziam visava um plano espiritual mais vasto, que, muitas vezes, difficilmente podemos compreender e atingir.

A ciência analitica dos seculos XVIII e XIX fez com a natureza como uma pessoa que, possuindo um livro, o tivesse medido, pesado, contado as letras e estudado sua composição quimica; mas não o tivesse lido...

Na faixa zodiacal, está contada a epopéa civilizadora do Grande Ram (32), apelidado o Chefe da Marcha dos Astros por essa razão, de Rama-Tchandra, o Vencedor do Ravana "que queria destronar os deuses", como dizem os Indús em sua linguagem figurada, relembrando o embate da Ordem contra a Anarquia; Ram, o Carneiro que esmagou a Serpente, no dizer daquêles mêsmos Etiopes de Tebas, cujo espirito Volney, limitado pelas concepções antropocentricas e unilaterais do seculo XVIII, não podia compreender. Já os helenos haviam levado para o dominio da lenda a busca do Tosão de Ouro, do Carneiro Aureo, pelos argonautas idealistas. A assombrosa Epopéa, além de nos

(32) Fabre d'Olivet — Op. cit. Saint-Yves d'Alveydre — "La mission des Juifs". Schuré — "Les grands Initiés". — G. Barroso — "As columnas do Templo". — Baudouin — "La Préhistoire par les étoiles".

deixar poemas cíclicos formidáveis como o “Ramaiana” de Valmiki e as “Dionisiacas” de Nonnius, resquícios por toda a literatura profana e sagrada da antiguidade, foi escrita com letras de astros e frases de constelações onde a destruidora mão dos homens não pôde chegar, como ensinamento eterno a quantos saibam levantar a cabeça e pousar amorosamente nas alturas cravejadas de lumes os olhos fatigados das vãs mediocridades terrenas (33)!

O primeiro símbolo do Zodíaco é Aries ou Ram, o Carneiro que foge, voltando a cabeça. Indica o apóstolo abandonando a pátria, mas sem poder dela afastar os olhos. Primeiro símbolo, porque os antigos sabiam que a constelação a que o deram fica no centro do Turbilhão Solar que deram ondas de luz e vida sobre o nosso sistema. Conta-nos Macrobio (34) que os primitivos astrónomos notaram primeiro o levantar dessa constelação na região zodiacal. Acrescenta que, no primeiro dia do mundo, no *dia natal* do Universo, Aries se achava no meio da abóbada celeste, no ponto culminante do hemisfério septentrional. Por isso, veio a ficar no início do ano, apontando a abertura da primavera, vencedora do inverno, e simbo-

(33) No canto II do Paraíso, a Beatriz do Dante diz que o homem é o animal que sempre olha para cima... Nem sempre!...

(34) Macrobius — “Commentarie in Somnium Scipionis”.

lizando o nascimento da doutrina renovadora que ia arrancar os homens das trevas da antiga barbárie. Outrora, todos os signos zodiacais correspondiam exatamente á entrada do sol nas respectivas constelações. Ainda ao tempo de Hiparco, no século II antes de Cristo, essa coincidência era quasi exáta. Hoje, ha grande diferença. A constelação de Aries corresponde quasi ao signo do Touro, resultado da precessão dos equinoxios (35). Note-se que os sinais do Zodiaco se contam do Ocidente para o Oriente, no sentido em que se deu a marcha ou migração dos Celtas Arianos conduzidos pelo Grande Ram.

O segundo simbolo é o Touro, voltado para o Carneiro e baixando a cabeça submissa. Representa os Celtas Turanianos, adoradores de Thor, que barravam o caminho do Oriente, Scythas da Asia, Povos do Touro, descendentes do Grande antepassado Oghas, cujos remanescentes atuais, infiltrados de sangue tártaro, ainda estadêam pelas mesmas paragens com o nome de Ouighurs ou Uigures.

Ram subjugou-os pelo seu prestigio moral e uniu os dois povos oriundos do mesmo berço hiperbóreo em estreita aliança representada pelo signo dos Gémeos. Deante da Asia imensa, grulhante de

(35) Flamsteed — "Atlas Celeste" — O sol entra em Aries de 15 de abril a 15 de maio. Só retomará a coincidência primitiva no fim dum ciclo de 26 mil anos. Baudouin chama-o *Totem Primario*.

populações barbaras, o renovador celta hesita e recua. Eis o que quer dizer o Câncer, o carangueijo. Depois, arremete, decidido a abrir passagem e destroça os inimigos. O Leão celeste recorda essa guerra, travada no Iran (Persia), que até nossos dias conserva o leão heraldico, brandindo a espada e coroado de luz, nas suas bandeiras. A Virgem, deusa alada agitando uma palma, é a sua vitória. A Balança mostra a igualdade que concedeu a vencedores e vencidos sob o ideal superior, para o equilibrio social. Em seguida, o Escorpião, *formidolosus*, nefasto como afirmavam os antigos. Para os gregos, elle ferira traçoeiramente Orion no pé. Expressa traição e revolta. Guarda a recordação dum cisma que abalou a sociedade imperial de Ram; o Sagitario ou Frecheiro, a da luta gerada por esse crime. O Capricornio é o monstro terrestre de cauda de peixe, a confusão das fórmulas após a rebeldia, triunfo da animalidade, consubstanciada no bóde, sobre a iniciação primeva, significada pelo *ichtus* (peixe), celebrado por Nigidius. O Aquario, Ganimédes, o Escansão do Olimpo, espalhando a ambrosia, a agua lustral, profetiza novos tempos de paz. Emfim, os Peixes, um voltado para o Oriente e o outro para o Ocidente, ligados entre si, annunciam a união de duas altas doutrinas espirituais, a do Passado e a do Futuro, para o dominio pacifico do mundo no fim do ciclo que vamos atravessando. Casam-se aí o mais antigo simbolo das

iniciações com o simbolo inicial do Cristianismo: o Peixe (36).

Em todas as representações zodiacais, os symbolos conservam a sua feição tradicional. No antiquissimo zodiaco egipcio de Denderah, nos velhos zodiacos orientais, nos das catedrais góticas, o carneiro está de cabeça voltada, os gemeos enlçados e os peixes voltados ao contrario.

Os cilindro babilonios, segundo Vanki na sua "Histoire de l'Astrologie", seguem a mesma tradição, pondo somente, ás vezes, em lugar do Aquario o *deus* RAMAN...

Lidos na ordem inversa, do Oriente para o Ocidente, os signos zodiacais marcam os graus da iniciação dos velhos Templos: os Peixes são a ligação entre o mundo do Espirito e o da Materia; o Aquario, a agua lustral da compreensão; o Capricornio, a transformação da animalidade; o Sagitario, a luta contra si mesmo; o Escorpião, a morte dada a seus proprios instintos; a Balança, o equilibrio depois da luta; a Virgem, a castidade; o Leão, a força moral adquirida; o Cáncer, as derradeiras hesitações e o tempo em que ainda é possivel recuar deante dos misterios; os Gémeos, a união do espirito ao Espirito Divino; o Touro, o absoluto domi-

(36) *Ichthus*, em grego, cujas letras correspondem ás iniciais de *Iézous Christos Théon uios Soter*, na mesma lingua. E' o *peixe celeste* dos antigos cretenses.

nio sobre a natureza; o Carneiro, a suprema iniciação da Verdade (37).

Entre os Celtas primitivos, as Pitonisas, dominando um povo supersticioso, tinham imposto o matriarcado. Pesava sobre todas as tribus a tirania feminina. Voluspas e druidezas faziam sacrificios humanos sobre as aras de deuses bestiais. Rama revoltou-se contra êsse culto de sangue e volutuosidade. Sofreu, em consequencia, a impiedosa perseguição dos collegios sacerdotais femininos. Todo o "Ramaiana" está cheio do odio que lhe votam as mulheres e dos males que lhe impõem. É a guerra feroz da mátria contra a pátria nas primeiras idades do mundo. As Sargas do veneravel poema vibram com o furor de Tataka, de Manthara, da mãe de Kávya e das Kakshi *que semêam a violencia*. Contra essa violencia, contra o sangue, contra a ferocidade das ambições, êle proclama uma doutrina superior, inspirada pela Providencia Divina, que a epopéa de Valmiki sintetiza nêste conceito: "Dai a todos; não recebei de ninguem" (38)! Contra o intuitivismo que dissasocia e leva aos individualismos mesquinhos, êle prega a unidade do género humano no Universo e a unidade do Universo em Deus, a unidade na diversidade. Contra o predo-

(37) Fabre d'Olivet — Op. cit.

(38) Compare-se com a doutrina dos modernos fascismos, tão bem resumida por sir Oswald Mosley neste preceito: *to give and not to take*, dar e não receber. V. Mosley, "The Greater Britain".

minio duma organização social arbitraria, sem autoridade moral, êle, que sabe que a grandeza humana se funda em seu estado social, agita a bandeira da realização incessante da perfeição divina pelo incessante desenvolvimento da perfectibilidade humana. E intitula sua doutrina New-Heyl, a Nova Salvação. Daí o Noel nórdico, que coincide com o Natal cristão, como festa comemorativa dessa grande revolução espiritual da humanidade.

Desencadêa-se naturalmente a reação contra o Reformador. Primeiro, o ridículo: êle não gosta das mulheres, é casto, não é Ram, o carneiro, mas Lam, o cordeiro imbele e fraco. A alcunha adotada torna-se gloriosa. É o divino cordeiro do sacrificio pelo bem comum. Os grandes pontífices do antigo culto degenerado virão até nossos dias com o nome de Lamas. E do alto do Gólgota, ao expirar, a palavra Lama geme nos lábios dolorosos de Nosso Senhor Jesus Cristo, na frase misteriosa:: “Eli, Eli, Lama sabacthani” (39)!

Depois, Ram foi expulso de sua terra. Acompanhado de seus partidarios, arvorando o estandarte do Carneiro de Ouro, dirigiu-se para o Oriente. O Zodiaco conta essa marcha, para que, quando sua recordação se apagasse na memória dos homens

(39) “Senhor! Senhor! Por que me abandonaste?” é a tradução canónica de acordo com a Vulgata. Certos hebraizantes interpretam a frase de outro modo: “Senhor! Senhor! O Reinado do Cordeiro voltará!”

transviados, continuasse a brilhar nas profundezas do céu. Aliado aos Turanianos, vagueou pelas estepas da Europa Oriental e da Asia Central (40). As bandeiras do Carneiro e do Touro flutuaram ao vento sobre os vagabundos carros de bois. Era o Chefe Errante, o Scander, o Iskender, que, por causa dos simbolos heraldicos, passa aos ciclos de lendas orientais como o Iskender de Dois Cornos, mais tarde confundido com Alexandre, devido á semelhança prosodica do grego Alixandros com o arabe Al-Iskandros. O "Ramaiana" simboliza a união dos dois grupos do mesmo sangue no irmão fiel que sempre acompanha Rama, Lakshmana ou Leksmen, os homens Laks ou Leks, isto é, os antepassados dos eslavos, pois modernamente sabemos que polonios ou polacos e outras gentes de identica estirpe se denominavam Lekhs. Todo o poema exprime a verdade do que narramos. Na Sarga I do Ayodhyakanda, quando se descrevem as virtudes de Rama, mostra-se a grandeza mística de sua alma em busca da divina perfeição: "Ele pensava com suprema alegria na recompensa do céu". A Sarga LXVII faz o mais perfeito elogio da verdadeira monarquia como forma de governo natural, integral e pura. A descrição do inverno, na Sarga XVI do Aranyakanda, e a do outono, na XXX do Kiskindhakanda, claramente mostram

(40) Kovesd — "La migration des peuples et particulièrement des Touraniens".

que o poema veio do norte da Europa e foi parar na India, onde o encontramos. Aquêlê inverno é um inverno ártico bem caracterizado e aquêlê outono jamais poderia fazer cair as fôlhas mortas da jângala indostanica, eternamente verde. Está certo portanto, o “Zend-Avesta”, quando á bôca de Oromazo põe estas palavras sobre o Chefe dos Povos: “Êle conquistou o Oriente e, depois, marchou para o País do Sul, porque o achou belo”!

A India foi, assim, a última etapa da conquista. E é o proprio “Ramaiana” que nos mostra a derradeira façanha da mesma:: a tomada de Ceilão para a definitiva libertação de Sita, isto é, para a definitiva libertação da Raça Branca do dominio dos escuros e torpes Racksahas, que são os Gian-ben-Gian, gigantes-filhos-de-gigantes, povos do vetusto Imperio Negro, cujos restos miseraveis espantaram Schulten e Frobenius. Governava-os um Imperador misterioso, descendente dos monarcas lunares das primeiras idades proto-historicas (41), o Rawhon Daçaratha, 57.º herdeiro de Ikshakú, o último conquistador atlante. Em seu nome, outros soberanos administravam a Plaksha ou Palestina e o Chemi ou Egito (42): Pha-Rawhon,

(41) Para se avaliar a antiguidade dêsses periodos, basta pensar que a existencia da religião está provada no Quaternario e quasi provada no fim do Terciario, 50 ou 60 mil anos A. C. o homem era já religioso. Só o ciclo precessional dos equinoxios Drayson calcula em 37 mil anos. Marriott e Barley apoiam-no.

(42) Carré — “L’ancien Orient”.

Pharaó, Faraó. Êle arvorava nas suas bandeiras de guerra um simbolo imemorial: Dracha, Drac, Drag, o Dragão. As moedas que cunhava e as barras de precioso metal que carimbava levavam êsse sinal de seu imperio. Depois da conquista, Ram substitui-lo-á pela sua effigie com os dois cornos de luz que a tradição perpetuará em Iskender e mêsmo em Moisés.

Através dos milênios, viverá a lembrança dos dois cunhos monetarios rivais. O Darac-monim ou Darec-monim de Esdras, traduzido por Adarconium, Draconium e Dárico, a moeda do Dragão, chegará até a Grecia classica com o Drachma (43). Segundo os mais sabios numismatas, os arqueólogos hesitam em explicar .cabalmente o *Boi-de-face-humana* que se encontra nas primitivas moedas da Lucania e que se sabe ter sido copiado de antiquissimas moedas orientais trazidas pelos fenicios (44). Daí em todos os povos do ciclo de Ram os nomes de Oves e Boves, ovelhas e bois, dados ás moedas que traziam no cunho o Iskender Chavelhudo. O eruditissimo marquês Garnier sente nisso um povo que cultivava as ciências fisicas e morais, assinalando as Verdades Eternas por meio de imagens sensiveis. As moedas do Carneiro ou do Boi davam-lhe meios de suspeitar, em remoto passado, uma nação

(43) Babelon — “Traité des monnaies grecques et romaines”.

(44) Eckel — “De tauro cum facie humana” in “Doctrina Numorem Veterum”.

organizada e constituída em *um só corpo* pela ação da vida social. A face humana designaria, assim, a sabedoria e providencia do governo que dirige o individuo politico. O resto da alegoria tauroforme apresentava o simbolo do trabalho, da força e da submissão (45).

A árdua ciência da numismatica indicará aos estudiosos a larga e longa influencia do cunho ariano e turaniano. As moedas primitivas da Grecia apresentam as figuras do Boi e do Carneiro. Do orador que vendia seu silencio, dizia-se na ágora que tinha um *boi sobre a lingua*, isto é, o dinheiro com o cunho do Boi. Hedecabuoi e Hecatombuoi eram as peças que valiam dez *bois* ou cem *bois*, não os animais, mas as moedas dêsse nome. Os talentos de metal pesado e conferido, conforme a qualidade e o contraste, se classificavam em áticos e euboicos. Estes queriam dizer: marcados com o *boi verdadeiro*. As barras de ouro ou prata da Roma priméva se marcavam com ovelhas e carneiros (46). A quesitha ou kesitha do Génesis e dos livros de Josué e Job é, simplesmente, a barra de metal com a imagem do carneiro (47). O primeiro tesouro que os primeiros argonautas buscam é o Tosão de Ouro. A antiquissima Rúpia da India vem da palavra *rupa*, rebanho. O

(45) Marquis Garnier — “Histoire de la monnaie”.

(46) Plinio — “Naturalis Historia”, Cassiodoro — “Varia”, Varro — “De re rustica”, “De vita populi romani”.

(17) Madden — “The coinage of Jews”.

mêsmo significado do *pecus* latino, de onde veio *pecunia*. Os antigos Godos denominavam Skatts ao dinheiro e ao rebanho. As vetustas moedas irlandêsas apelidavam-se Sed, animal de cornos. Do velho tudesco Vieh, rebanho, se originou o anglo-saxonio Fee ou Feoh, rebanho e salario (48).

A idade-média restaurou a tradição monetaria do Carneiro como o Agnel, que dura de S. Luiz a Carlos VII, com o Mouton d'Or, o Carneiro de Ouro de João o Bom, que dura até depois do seculo XIV. Em todas essas peças, se perfila no verso a imagem do Cordeiro Pascal com sua bandeirola crucigiada.

A conquista da India permitiu a Ram a fundação do Imperio Arbitral do Carneiro, maravilha das antigas idades, do qual toda a Asia guarda a memória em documentos materiais e orais, idade de ouro que passa a viver como um sonho do Passado no coração da humanidade infeliz. É tão grande seu prestigio na lembrança dos povos que nenhum conquistador deixa de demandar a India, a exemplo do antigo Dionisio, para obter definitiva consagração: os soberanos do Iran e da Caldéa, Alexandre Magno, os mussulmanos, os mongóis, os portugêses, os inglêses, o proprio Napoleão, que volta inesperadamente do Egito, primeiro degráu da marcha que projetava. "Quem reinar sobre as Indias reinará sobre o mundo"! afirma o prover-

(48) F. Lenormant — "La monnaie dans l'antiquité". Babelon — "Les origines de la monnaie".

bio imperialista. O caminho para elas é, por isso, a contumaz obcessão de todos os imperialismos arbitrarios que o buscam, disputando a posse de Constantinopla, dominando as escalas do Levante, dobrando o Cabo Tormentoso, dando volta ao mundo ou rasgando o istmo de Suez. Mas o Imperio nascido da conquista de Ram foi o da Unidade Arbitral e não o da Divisão Arbitraria. Seu fundador não via somente o mundo da substancia, porque conhecia o da essencia das cousas. A essencia do Estado, para êle, não era o poder do homem pervertido pela ambição pessoal ou pelas falsas categorias mentais, nem somente o poder da razão expresso na lei (49), mas o da razão, resultando da observação das realidades e norteado pela inspiração superior do Espirito unido a Deus. Á grandeza de tal concepção correspondeu a grandeza da realização. Pelos fragmentos da obra colossal que chegaram até nós pôde-se calcular o tamanho do Todo. Tomando o amor como principio de sociabilidade humana, fez do casamento a base da sociedade e com êle constituiu a Familia, celula social. Êsse Estado Social gerou a propriedade para garantir-se materialmente. A sua Politica resultou naturalmente do Estado Social, cuja unidade, celula do grande corpo, é a Familia: Na-Mana em Sánscrito. A reunião de Familias formava o Clan: Vic, na mesma lingua, de onde Vicus, Vizinho, etc. Os Clans reuniam-se em

(49) Dupon-White — “L’individu et l’État”.

Zantús, Çantús ou Cantús, de onde Cantão. Os Cantões agrupavam-se em Daghú-Sasti ou Províncias. As rêdes de estradas vicinais, reais e imperiais uniam os povos (50).

No pensamento de Ram, a autoridade não podia pertencer á Força e sim ao Espirito. Não são as raças que unem os homens, mas as idéas comuns. Instituiu, então, o Sumo Pontificado, cujos cornos mitraes ainda hoje se perpetuam nos ornatos liturgicos. O sacerdocio formava uma teocracia intelectual encarregada da direção científica e moral da sociedade. Abaixo da autoridade religiosa, a autoridade politica, civil e militar, exercida pelo Imperador, a que estavam sujeitos os Reis. A êstes obedeciam os Vice-Reis, governadores das provincias. Sob êles, os chefes das assembléas ou conselhos dos Anciãos nas comunas, onde o direito eleitoral era privativo dos cabeças de familia. Os trabalhadores agrupavam-se em corporações de artes e officios.

As comunas agrarias ou industriosas eram governadas pelo Ka-Eld, conselho dos Velhos (*old*, velho em inglês; *eld*, em alemão). De *ald*, *eld* ou *old* vem a palavra Aldeia (51). O Kahal dos ghettos judaicos tem a mesma origem. Os peruanos guardaram a memória de tão antiga organização no seu Ayl-ú, comunidade agricola de antiquissima base religio-

(50) Saint-Yves d'Alveydre — Op. cit.

(51) Fabre d'Olivet — Op. cit. Court de Gebelin — “Le monde primitif”.

sa, que reunia as famílias, do mesmo modo que se agrupava na Marka, circunscrição territorial do Imperio Incásico (52).

A conquista impusera um plano de Unidade á diversidade das populações, uma universalização de cultura e concepção do mundo, da sociedade e do homem, deixando porém, sabiamente, a cada povo seu genio proprio, suas características, suas tradições e costumes. Entregue a parte economica da vida aos Conselhos dos Anciãos, representantes das Famílias, ficavam a administração e a justiça com os Conselhos Intelectuais (53) escolhidos pelos chefes de governo. A Universidade Sacerdotal, assembléa soberana dos corpos técnicos e ensinantes, derramava sobre todas as esferas sociais as suas luzes, controlando a educação e a instrução elementar ministradas pela família, a educação e instrução profissional dadas pela corporação; dirigindo a educação e instrução secundaria e superior a cargo dos Templos. O soberano temporal submetia-se doutrinariamente ao Sumo Pontifice. Veremos essa tradição arrastar-se vegetativamente á face da terra: o Regma ou Rã (Ram), Sacerdote-Rei do Egito e o sistema das castas corporativas; as federações de tribus sumerianas com seu Sutton, Legislador, autoridade espiritual e moral acima do chefe tempo-

(52) Baudin — "L'Empire Socialiste des Inka". — Cuneo-Vidal — "El concepto del Ayllú". Cunow — "Die sozial Verbassung".

(53) Conselhos Técnicos.

ral; na Caldéa, país das Aldeias, o Si espiritual e o Paté-Si temporal (54); ainda no Japão do século XIX, no limiar da libertação da velha civilização de origem chinesa, o Mikado religioso e o Shogun militar.

As hierarquias arbitrais fundadas na Moral e no Saber mantinham uma ordem perfeita. Os pensamentos levantados para Deus somente cuidavam de crear e não de destruir. A proíbição do celibato conservava as famílias e as multiplicava, o culto dos antepassados as enraizava no passado, a inviolabilidade da pessoa humana garantia-as no presente e a vinculação do patrimonio as prolongava solidamente no futuro. Tudo se prendia numa cadeia de solidariedade. Por isso, muitos seculos mais tarde, o filosofo chinês Tseng-Tseu ainda preceituava que o Homem, a Família, o Principado e o Imperio formavam um Todo. Então, como diz um sabio, a Providencia combatia com a alma dos homens para crear o Porvir. A obra de Ram estabelecera a Paz Universal pela Politica e pela Ciência unidas e supervisionadas pela Moral e pela Religião. Em lugar dos sonhos vãos das impotentes e rápidas fórmulas de governo em que por milénios se tem debatido a humanidade sofredora e inquieta, êsse Imperio formidavel das auroras do mundo durou, na opinião daquêles que mais fundo penetra-

(54) Hilaire de Barenton — "Le mystère des Pyramides".

ram no seu estudo, tres mil e quinhentos anos. Uma de suas provincias chegou aos nossos dias mantida ainda pelos cadáveres das idéas primitivas. Foi a China Imperial, letrada e misteriosa, impondo-se á nossa imaginação com seus quatro mil anos de unidade e fixidez, sua monarquia imemorial, seus costumes tão enraizados que se tornaram inabalaveis, suas instituições tão antigas que se tornaram sagradas. Ela não foi somente uma nacionalidade, porém, mais do que isso, uma absorpção de raças; não foi somente um imperio, mas um centro de atração e irradiação; não foi somente um governo, mas um mundo. E na sua propria tradição se encontra a marca da época em que se dividiu o antiquissimo Imperio fundado pelo grande Ram: nos seus veneraveis anais, o Lie-Kué é o periodo de formação dos Estados Separados.

De acordo com certos cálculos, a separação se inciou 32 seculos antes de Christo. A sucessão do velho Imperador Ugra abalou o Imperio, cuja teocracia decaíra aos poucos de seu antigo esplendor. Travou-se a disputa entre Tarákhyá, o filho mais velho, e Irshú, o filho mais moço. Como a anarquia das idéas precede sempre a anarquia dos fátos, o último revoltou-se contra o dogma que fazia de Deus um principio masculino e punha, em consequencia, no Estado Social, o Homem antes da Muher, dando ao Pai predominancia sobre a Mãe. A alma das Voluspas e Druidezas revertia do fundo dos seculos para destruir a obra colossal daquêle

que as combatera e elas, por ironia, haviam chamado Lam, o Cordeiro, Agnos, o Casto... A heresia religiosa acarretaria o cisma politico. Mil novidades sem razão de ser, como escreve um filosofo chim, tomariam o lugar da tradição e comprometeriam o futuro da Família e da Raça. Irshú pretendia reformar o Imperio, mas para isso deformava o pensamento fundamental da Undade creada pelo apostolado conquistador de Ram. Assim, fariam, depois, todos os pretensos reformadores do mundo, o que o velho Meng-Tseu condena com profunda sabedoria: "Nunca ouvi dizer que alguém houvesse reformado os outros deformando-se a si proprio, e ainda menos que alguém houvesse reformado o Imperio desonrando-se a si mesmo"!

É esse cisma que a Biblia relata nos versiculos 8 e 9 do capitulo X do Génesis: "W. Kush ialad oeth Nimerod huâ hehel li-heioth ghibor bar Aretz. — Huâ-haiah ghi-bor tzair liphenei Ievé". A tradução canónica diz o seguinte: "Ora, Cus foi pai de Nemerod. Este começou a ser poderoso na Terra. — E era um robusto caçador deante do Senhor. Daqui veio este proverbio: Robusto caçador deante do Senhor como Nemrod"! O grande mestre da lingua hebraica Fabre d'Olivet dá outra interpretação (55): "Kush degenerou (e não gerou) em Nimerod, que procurou pela violencia dominar

(55) Fabre d'Olivet — "La langue hebraïque restituée".

a Terra como os Bóreos (ghi-bor). — Nêle a idéa de dominio antepôs-se á idéia de Deus. Daqui esta comparação: Adversario de Deus como Nimerod". O Robusto Caçador, o Adversario, funda, segundo a Biblia, Babilónia e Nínive (56), cidades de perdição, onde os cultos femininos degeneram nas orgias sardanapalescas. O Kush era o Imperio Arbitral de Ram. A cordilheira do Indo-Kush ainda lhe conserva o nome. Êle degenerou em Nimerod, o culto da Força. E, depois toda a ordem mundial subvertida se agitou entre a astúcia dos diplomatas e a violencia dos guerreiros, entre o dominio das paixões individuais e a divisão das vontades, entre a confusão das idéas e a rivalidade das ambições.

A bandeira agitada por Irshú foi a das reivindicações femininas: o culto da Natureza, Alma do Universo, antes do Espirito Creador, a mãe sobreposta na organização social, a sacerdotiza superior ao sacerdote, as fórmulas femininas precedendo as masculinas em todos os sentidos. Contra a bandeira branca do Carneiro de Ouro, Irshú ou Nemrod desfraldou o pavilhão vermelho (57) com a Pom-

(56) Genesis — XI, I.

(57) Vê-se que dêse a aurora do mundo é o vermelho a côr da revolta. Teem-na arvorado nas bandeiras, nos simbolos e nas roupas todos os revolucionarios, dêse os Cushistas até os Bolschevistas. Segundo o livro cabalistico *Zohar*, ha duas sinteses cromaticas correspondendo a duas sinteses do mundo: o Branco exprime a harmonia da Vida Moral; o vermelho, a da Vida Natural. V. Franck — "La Cabbale".

ba, a Rosa ou o Crescente Lunar. Algumas tribus turanianas o seguiram e o Imperio se dividiu ao fragor dos combates.

Antes que se declarasse o grande cisma, a Universidade Sacerdotal chamou á sua Augusta Presença o Adversario que pretendia o Dominio sem Deus e dirigiu-lhe uma advertencia que o visconde de Saint-Yves d'Alveydre resume numa synthese, em que todos os males modernos, originados na revolta que o simbolo do Escorpião perpetúa no firmamento, desfilam aos nossos olhos como num caleidoscopio de profecias dolorosas: "Nada disses-te que não fôsse de ha muito conhecido! Tanto a ciência dos Principios como a das Origens, tanto o método intelligivel e descendente como o método sensivel e ascendente, não infirmam o fundo de tuas palavras, qualquer que seja o sentimento que as inspire. Na verdade, o Universo é o Filho vivo da União pela qual a Inaccessivel Unidade crêa; sobre todos os sóis abrasados de fogo e luz, que não são somente físicos, mas hiperfísicos, êle celebra eternamente a União Eterna dos Dois que formam Um. Mas duma base certa e de principios verdadeiros qualquer espirito desviado por uma alma apaixonada pôde tirar conclusões falsas. Ora, a paixão obscurece teu pensamento quando queres que as orações vão primeiro á Mãe Universal, á Vida, á Natureza, pois que essa força creadora do Universo é Pai e Mãe ao mesmo tempo. Por que divides o Indivisivel, a Indissoluvél União do Espirito e

da Alma Universais, de Deus e da Natureza? Por que queres que se adore um de preferencia ao outro, quando a Sabedoria e o Amor fazem de ambos um só e mêsmo Espirito de Vida e de Verdade?

.....

Teme lançar fóra de ti a tempestade que ferve dentro de ti, mudando em discordia civil a Paz dêste Imperio, cabeça da Divindade Social, realizado pelo genio de Ram sobre a Terra, de acordo com o Céu!

.....

Infelizes os povos que só o Amor vai dirigir, porque o Odio nêles penetrará. O amor é o proprio fogo cósmico, cuja Sabedoria é a Luz; e tu queres tirar essa Luz do governo das Almas. A Verdade e a Vida Universais habitam nossos Templos; a Ciência Integral tem, como essa Verdade e essa Vida, quatro hierarquias; o Nome Inefavel tem quatro letras; e dessas quatro queres suprimir a Primeira, que não conheces. Escuta e, se ainda pôdes ser chamado á luz, medita, depois de ter ouvido. É para evitar mil males públicos e privados que nós entravámos o que queres precipitar. A Sabedoria é lenta e só se manifesta em novos ritos, quando de modo absoluto os costumes o exigem. A precipitação é um sinal de loucura e nem o Amor nem a Paixão conjuram seus perigos... No dia em que houveres dividido o Indivisivel, não na sua essência, porque isso é impossivel, mas no pensamento

dos ignorantes; no dia em que a Natureza tiver altares separados e em oposição aos de Deus, com um collegio de sacerdotizas em oposição ao de sacerdotes, a Ordem Social estremecerá na base de suas hierarquias arbitrarías, trinta e cinco vezes seculares!

Na ciência como na vida, o Deus Social Terreno, a Antiga Sintese Unitaria, será despedaçada e logo, fatalmente, se seguirá espantosa desordem no dominio dos fatos. Profundamente desiguais em intelligencia e vontade, a maioria dos homens desconhecerá as verdades que não poderá alcançar e que terá posto á mercê da opinião e das paixões públicas. Êles só perceberão como verdadeiras as apparencias que a sensação ou o sentimento oferecerem á sua razão, tornando-se joguetes dos fenómenos e se afastando daquêles que, como nós, poderiam, lentamente, pelo ensino e pela revelação, retificar-lhes os erros. Abaixo dessa categoria de homens racionais, maior número ainda confundirá infalivelmente a Natureza Celeste com a Natureza Terrestre, tomando os efeitos pelas causas e perdendo-se num materialismo enganoso e rasteiro. A vontade arbitraria dos primeiros dividir-se-á continuamente contra ella propria. O instinto original e selvagem do homem primitivo reaparecerá toalmente nos segundos. E uns conduzirão os outros á perdição, destruindo a Ordem Social e Intelectual que os mantem em paz, e devorando-se em vão sobre suas ruinas, na inces-

sante competição do Poder Impotente sem Autoridade Moral para o iluminar...

Só um reduzido número de homens póde elevar-se até a primeira letra do Nome Sagrado, até a quarta hierarquia da Vida e da Ciência, e isto pela força da meditação, pelo poder da observação e da experiencia directas, quando as Forças Inteligentes do Céu o permitem, quando a Divindade põe seu Espirito de Sabedoria na sua Inteligencia e no seu conhecimento adquirido. Sabes, então, o que diz a Ciência Integral, espelho de toda a Vida, imagem de toda a Verdade? Eis a resposta: Síntese, União, Unidade. E, se isto é assim na Inteligencia totalmente informada pela Ciência e pela Vida, nas Supremas Nupcias do Esposo e da Esposa Celestes, é que isto é eternamente na totalidade da Sabedoria Divina e do Amor Divino, sem os quais Tudo seria Nada.

A ordem ascendente dos individuos e fátos físicos é acessível aos sentidos. Entretanto, poucos homens compreendem essa ordem, que constitúe, vindo de baixo, a primeira hierarquia das ciências. Todos, adorando-a, separada de Deus, não passarão mais da ordem física terrestre, a qual é simplesmente o primeiro degráu da Natureza Total, cuja cabeça se perde no alto dos céus. E, dessa altissima Mãe Divina, os homens somente enxergarão os calcanhares. A ordem descendente, que vem do Pai, do Puro Espirito, através dos reinos cosmogonicos e dos espiritos ciclicos até os individuos físicos, é

puramente inteligível. Mal um homem em dez mil será capaz de abordar a hierarquia das ciências correspondentes a essa Ordem Masculina, nem compreendê-la sem símbolos, frutos duma Arte precisa, autorizada por essa Ciência Transcendente, que teu culto velará por completo. Então, nenhuma Verdade Universal iluminará a Inteligencia Pura, nenhum Principio a Ciência e nenhuma causa verdadeiramente científica a Razão, pois sabes, tão bem como nós, que a Razão póde tirar consequências lógicas dum ponto de partida verdadeiro como dum ponto de partida falso, mas que nunca poderá encontrar sózinha uma Causa ou um Principio Universais, se a Inteligencia os não indicar. Ora, como poderia a Inteligencia fazer isso, se, no ápice do teu novo Culto e Universidade, pões o Amor antes da Sabedoria, a Alma antes do Espirito, a Esposa antes do Esposo, a Natureza Celeste antes de Deus. Extintas todas as ciências extra-fenomenais, fechada toda iniciação da Inteligencia aos Principios Cósmicos, particularizados todos os pensamentos de Universalidade, não serão mais possíveis nenhuma hierarquia inteligível e nenhum governo inteligente das sociedades. Tudo o que fôr elevado se rebaixará na mediocridade comum, toda dignidade impessoal se afundará no personalismo e no materialismo governamentais.

No Sumo Pontifice não se verá mais o Sumo Pontificado, nem no Sacerdote o Sacerdocio, nem no Imperador o árbitro dos Reis, nem nos Reis o

árbitro dos Vice-Reis, nem no Vice-Rei o árbitro do Conselho Economico dos Anciãos, nem no Conselho Supremo a Magistratura da Iniciação, nem na Assembléa dos Corpos Ensinantes a Autoridade do Ensino, nem no homem rico a Riqueza Pública. Ora, todas essas cousas — Pontificado, Sacerdocio, Realeza, Ensino, Justiça e Riqueza são simples formas intelligiveis de órgãos invisiveis e impessoais do Corpo Espiritual e Vivo das Sociedades que tu vais matar. No Homem em função geral de Pontificado, Sacerdocio, Imperio, Realeza, Magistratura e Riqueza, os naturalistas verão unicamente individuos de carne e ôsso cobertos de europeis, cujo sentido symbolico e cuja fórmula intelligivel terá para êles desaparecido. No Lar, no Antepassado, nos Avós, no Pai, na Mãe, no Irmão mais velho, cessar-se-á de ver a projecção celesté das funções impessoais da Ordem Familiar. Um pai será um homem como qualquer outro; e o filho, sacudindo de si todo dever real ditado pela Sabedoria, reivindicará todos os direitos fiticios de sua loucura. As almas dos antepassados cessarão de aparecer aos olhos, porque não viverão mais nas intelligencias rebaixadas. O passado, não contendo mais o presente, tudo se resumirá no futuro, puro nada que o homem realizará á sua imagem e que será o ignoto e o imprevisito. Porque, em lugar de determinar os acontecimentos, de dirigir cientificamente o curso das cousas sociais e individuais, cada vez o homem será mais escravo, graças á ignorancia e á ruptura da

Síntese do Conhecimento e da Vida. Na ciência dividida, o Universo morrerá, ou, melhor, o Espírito Humano cessará de conhecê-lo na sua triplice Vida, de sentir-lhe a Alma e de comungar com seu Espírito..

A Terra aparecer-lhe-á como uma máquina que engendra de modo inexplicável a Vida por meio da Morte, como uma massa de matéria bruta de onde saem e onde entram os átomos, unicamente movidos por uma força inconsciente. A biologia do Globo não virá mas do Universo, não se processará mais divinamente de cima para baixo, não procederá dos Principios, mas tudo se explicará materialmente de baixo para cima. De modo que

todas as noções serão iluminadas por um clarão fantástico e infernal, que brotará, não das alturas celestes das Inteligências, porém dos abismos infernais dos Instintos. O pai imediato da Vida Humana será o macaco das florestas; o pai de toda a Vida será o infusório reptiforme; a Mãe será a gósmia do mar ou a lama da terra. E a cadeia dos seres que se elevam até o Homem o reterá cativo na animalidade, ao avesso de sua própria alma, alienado de seu próprio espírito, prisioneiro da Matéria, esboço incompreensível a si mesmo, posto no limite de dois mundos, dos quais um desapareceu, monstro semi-pensante vivendo sob a excitação das cousas visíveis, idiota sem elas ou fóra delas, perfeito, talvez, porém incapaz de amar e de compreender a Perfeição...

O circulo de sua existencia limitar-se-á á especulação dos fenómenos e interesses materiais. Analista por essencia, será incapaz de qualquer Religião, ou, o que dá no mesmo, de qualquer Sintese intelectual ou social. Anarquista por falta de sintese, quererá dominar o que não saberá reger... Cairá do Reinado da Providencia na Tirania da Fatalidade (58), na divisão das vontades dirigentes, na competição e devoração mútuas, tornando os habitantes da Terra, dum pólo ao outro, ao mesmo tempo, carrascos e vítimas. Não compreenderá mais a Liberdade no sentido fisiologico e sadio dos Principios, em que o bem de cada um vem do bem de todos e o bem de todos do Supremo Bem. Sua liberdade consistirá em fazer desabar o Céu social sobre a propria cabeça e correr ás tontas sob as vergastadas das fatalidades que elle mesmo provocou. Por que um Sumo Pontifice acima de mim? perguntarão os pontifices. Por que um Imperador acima de mim? perguntará o Rei. Por que um Rei acima de nós? perguntarão os povos. Por que uma Verdade acima de mim? perguntará o ignorante ou o meio sábio. Por que um Juiz acima de mim? perguntará o criminoso. E o Estado Social, dissociado, oporá uns aos outros os membros ensanguentados, entrechocados por uma febre de insânia em guerras e revoluções sem fim.

Nessa anarquia universal, cada qual procura-

(58) O Determinismo.

rá seu bem no mal comum, os pontífices á custa do Sumo Pontífice, os sacerdotes á custa do Sacerdócio, o Imperador á custa dos Poderes Sinarquicos do Estado, os Reis á custa do Imperio, o último dos ambiciosos á custa dos Reis, os filhos á custa dos Pais, cada um contra todos e todos contra cada um. Os povos recairão em todas as divisões da Morte Social, gemendo na noite da ignorancia sob o gládio das iniquidades governamentais, algemados pela escravidão militar, esmagados por todas as ruínas, não compreendendo mais scientifica, organica e inteligentemente as palavras — Religião, Justiça e Economia. Amaldiçoarão toda e qualquer Autoridade, confundindo-a com o Poder, perderão até a memória da antiga Sabedoria, da antiga Aliança, da antiga Paz Universal; amaldiçoar-se-ão uns aos outros através de seus cultos e governos; e sua vida, peor do que a morte, será um verdadeiro inferno presidido pelo Mal e governado pelas Trevas” (59).

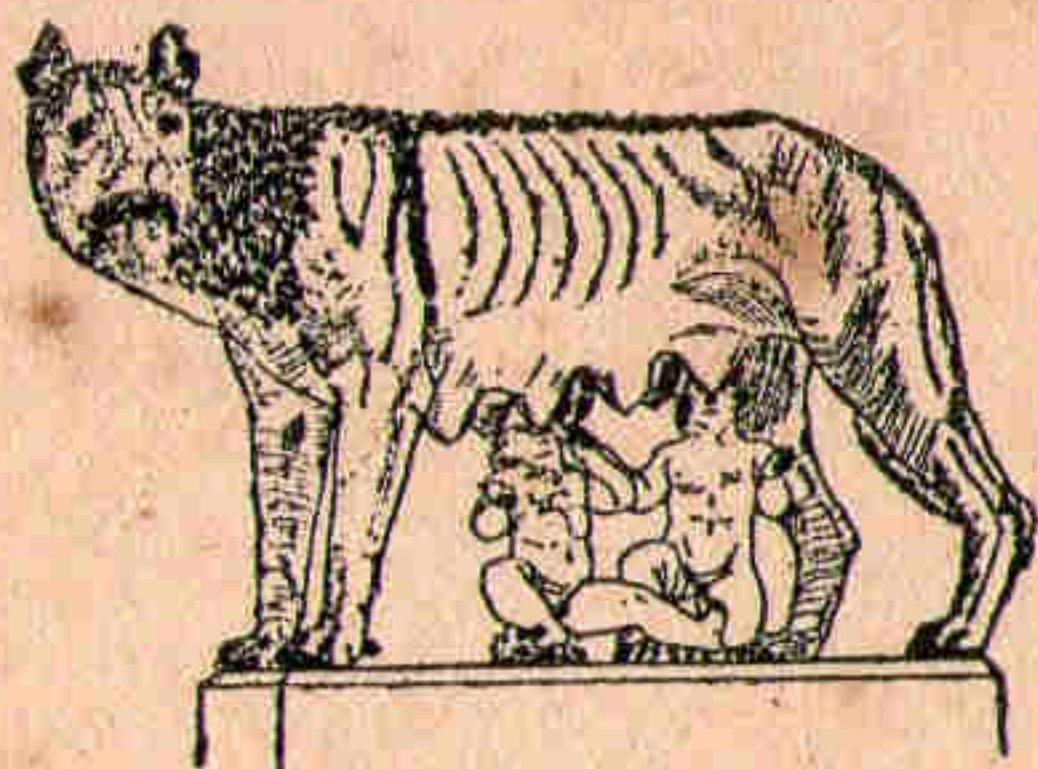
Assim, as antigas revelações haviam dado aos homens do ciclo de Ram o sentido da Unidade no fundo do Binario Universal do Espirito e da Matéria. Mais tarde, a reforma de Krischna traria a concepção das Trimurtis. O Cristianismo veio pôr o

(59) Saint-Yves d'Alveydre — “La mission des Juifs”. Quando Saint-Yves escreveu isto, era na segunda metade do século passado, tendo em mão livros e documentos orientais preciosos, não podia adivinhar tanta coisa que se ia passar. E' êle o primeiro a usar da palavra Integral, no sentido social de hoje.

ponto final na grande síntese com o Misterio Divino da Santissima Trindade. Deus encaminhara a humanidade com as revelações sucessivas á doutrina perfeita da Verdade.

Nemrod-Irshú respondeu á objurgatoria com a guerra e a fundação de Babel, a Confusão, a Mãe dos Vícios. O Imperio do Carneiro que abraçava quasi todo o mundo conhecido dos antigos: Asia, Europa e parte da Líbia, fendeu-se e dividiu-se. Os cadáveres de suas idéas sobreviveram ainda na India de Krischna, na China de Fo-Hi, na Persia do Primeiro Zoroastro, na Grecia de Orfeu, no Egito dos Ramessidas, na Etruria dos Larthes e na Roma dos Reis. Depois, a pouco e pouco, Deus foi se tornando uma palavra, as regiões amontoadas de contradições e superstições (60), a história uma cronologia necrografica e uma lista de soberanos e guerras. Deixou de existir na Terra o *mêsmo modo de falar*, os homens não se entenderam mais, porque, querendo erigir uma torre que alcançasse o céu, tinham cavado um abismo pai de outros abismos...

(60) A decadencia do politeismo latino chegou ao ponto de se divinizarem as funções do corpo humano. Rumina era a deusa que presidia a amamentação; Mena, a que regulava as mulheres; Crepitus, o deus das ventosidades. Havia deuses que presidiam até as dobradiças das portas. Tertuliano e Santo Agostinho fizeram cerrada critica a essa religião que apodrecia. Suas sátiras acabaram de matá-la. Já o cético e anatoliano Luciano de Samosata havia começado o achincalhe.



O IMPERIO DA LOBA

“...la réforme religieuse, qui contenait des éléments de progrès, a été vaincue, comme le bouddhisme dans l’Inde, absorbée et défigurée, comme le mazdeisme en Perse; la défense de l’unité nationale, plusieurs fois brisée, est devenue impossible par l’extinction de toute force organisatrice, comme en Egypte; la scission de l’unité politique a ouvert le pays à tous envahisseurs, comme chez les Hébreux; la liberté a péri au milieu de la discorde dissolvante des partis, comme en Grèce; les conquêtes, par lesquelles on avait étendu le territoire national, sont devenues une arme destructive pour les conquérants eux-mêmes, comme à Rome; la dissolution politique a empiété sur le savoir et l’a nivelé avec le reste, comme en Chine; la dernière heure a sonné pour chacun de ces peuples...”

(M. Grazia e A. Pino —
Preface du “Rig-Veda”
— trad. Langlois).

“...a reforma religiosa, que continha elementos de progresso foi vencida como o budismo na India, absorvida e desfigurada como o mazdeismo na Persia; a defesa da unidade nacional, varias vezes quebrada, tornou-se impossivel pela extinção de todas as forças organizadoras, como no Egito; a cisão da unidade politica abriu o país a todos os invasores, como na Judéa; a liberdade pereceu no meio da discórdia dissolvente dos partidos, como na Grecia; as conquistas pelas quais se havia alargado o territorio nacional tornaram-se armas de destruição para os proprios conquistadores, como em Roma; a dissolução politica espezinhou o saber e nivelou-o com tudo o mais, como na China; soou a derradeira hora para todos esses povos...”

(M. Grazia e A. Pino —
Pref. do “Rig-Veda”
— trad. Langlois).

O cetro de ferro no Nemrodismo vai pesar sobre os povos divididos, confundidos na sua lingua, como diz a Biblia, isto é, não se entendendo mais uns aos outros. Rompida fôra a antiga unidade, em que as expressões individuais cediam o passo ás expressões coletivas. Quebrára-se a antiga aliança entre a Autoridade, religiosa e moral, e o Poder, militar e civil. Agora, o individualismo e a força andarão á solta, e a vontade humana, ao invés de fazer um pacto social com a Providencia Divina, se entregará de mãos atadas e de olhos vendados á corrente cega dos determinismos. E o cetro de ferro passará rapidamente de mão em mão, cajado pastoral de povos em delirio ou escravizados a vícios e opressões.

Imperios, repúblicas, tiranias emporocraticas ou talassocraticas, todos o manejarão guiados pelos instintos. Quando acaso impõem a paz, é aquela de que nos fala o classico: "Solitudine faciunt, pacem appellant". A paz sobre o deserto! Arrazam cidades, passam populações a fio de espada, queimam bibliotecas, saquêam templos e devastam imperios, glorificando-se com tais crimes. Mandam, como disse um pirata do Egeu a Alexandre Magno, exe-

cutar o salteador que rouba uma caravana ou pilha uma galera, mas escamotêam provincias e devoram nações... Um dia, o anjo do Apocalipse medirá com seu inflexível canço de ouro todos êsses atentados, resposta do Espirito Eterno ao cetro de ferro da Materia Impermanente...

A primeira expressão do Nemorodismo, confusão, orgia e orgulho insensato, é Babilónia. O nome se transmite pelos tempos além a todas as capitais do vicio, do luxo e da soberba: Roma, o Cairo dos Califas, Paris ou Nova-York. Os cushitas cismáticos fundaram a imensa Babil, chefiados por Nemrod, ou Nimrud (1). Seus companheiros eram das classes inferiores do Kush, Pariahs, Sudras (2). Conseguira despertar-lhes na ignorancia ambições imoderadas e assoprar-lhes a desobediencia. Em virtude de sêrem habitantes dos campos e semi-nómades, receberam a alcunha de Pallis (3), isto é, Pastores. Os etruscos chamavam Palés ao deus dos pastores. A palavra sânscrita vem de Pal, a pala heraldica, o pau, o cajado. As vagas dos pastores ferozes desencadeadas por Irshú varreram a Asia Menor e penetraram até o Egito teocratico, escravizando-o por longo periodo. São os Hyksos ou Hiqsos, os mesmos Philistinos ou Filisteus. A Plaksha, por onde passam e repassam no seu inquieto andejar, recebe o

(1) Eichhoff et David — "Introduction aux "Chants et Invocations de l'Ancienne Chaldée", trad. Oppert.

(2) Saint-Yves d'Alveydre — "L'Archeomètre".

(3) "Scanda-Purana".

nome de País dos Pastores, Pallisthan, Palestina. E na expressão Bailio, governador, por mudança do P em B através dos semitas, a famosa alcunha dos Pastores rebeldes chegou ao Ocidente como um posto de honra (4). Os indús fieis á antiga unidade social de Roma cobriram-nos de baldões: Yonijas, Yavanas, partidarios do Yoni, simbolo feminino, e daí o grego Ionioi, Jonios; Pinkshas (5), Punikshas, os Vermelhos, por causa da côr de seu estandarte de revolta, de onde Phenicios, Fenicios, e a Phenix, Fenix, a pomba simbolica devorada pelo fogo do Amor e sempre renascente das proprias cinzas. Essas injúrias, como sóe acontecer, transformaram-se com o tempo em titulos de gloria.

Os indús ficaram com a côr branca, que os brahmanes conservam ainda. Alguns núcleos de populações resistiram ao Pastores e combateram contra êles. Vencidos, refugiaram-se em pântanos, ilhas e montanhas. Fôram êsses *Alvos* que deram o nome a Alba, Elba, Albion, Alpes, Albania da Trácia e Albania do Caucaso, atualmente Georgia, celebre pela pureza de sua raça. Nas linguas indo-germanicas, vive a tradição dessa luta na semelhança ainda notavel das palavras branco e saber, e seus derivados: em alemão — *weiss*, branco, *wissen*, saber, *ich weiss*,

(4) Fabre d'Olivet — "Histoire Philosophique du Genre Humain".

(5) Ainda em inglês moderno Pink é rosado, encarnado.

eu sei; em inglês — *white*, branco, *wit*, espirito, *wity*, espirituoso, *wisdom*, sabedoria, etc. (6).

As ondas revoltadas dos cuschitas cismáticos atiraram para o fundo dos desertos as tribus errantes de Bodohnes ou Beduinos, Hebri, Expatriados, os Hebreus, Hárbi, Vagabundos, os Arabes, em cujo coração o isolamento guardará a semente do antigo monoteismo; conquistaram as ribeiras do Mediterrâneo até o Ocidente, com poucas excepções. Por toda a parte, suas deusas lúbricas e sanguinarias tomaram o lugar dos deuses locais: Thuerit dominou sózinha a Tébas hiqsa; Britomartis foi a rainha do Egeu; Anahit tomou conta da Suziana; Milíta apoderou-se de Babilónia; Mã, a Bôa Deusa da Frigia e da Siria, sugou a força viril de Atys; Tanit, a Astartéa sidoniana, superpôs-se a tudo mais; Dindimena e Cíbele triunfaram na Trácia e na Grecia.

No meio das poucas provincias ainda não destacadas pelo cisma do corpo colossal do antigo Imperio, surgiram alguns reformadores, tentando anteparar a dissolução politica e social que se seguia, como corolario lógico, á dissolução religiosa. Zeradost ou antes Syra-d'host, o Chefe da Hoste, o Primeiro Zoroastro, nega a masculinidade e a feminilidade dos dois Principios Divinos. Iguala-os como emanções da Eternidade, Wôdh, God, Deus, um agindo no Espirito, para o Bem, o outro agindo

(6) Fabre d'Olivet — Op. cit.

na Materia, para o Mal, Ormuz ou Oromazo, a Luz, Ahriman ou Arimano, as Trevas. Nasceu, assim, o Dualismo, que os judeus libertos do cativeiro de Babilónia introduziriam no gremio de suas crenças e que iria abalar os primeiros seculos da Cristandade com a seita dos Maniqueus (7). O teósofo Fo-Hi lança no País do Meio sua doutrina de reacção contra o Nemrodismo: a faculdade feminina não é atributo da Materia, mas do Espirito; a masculina é que pertence á Materia. A velha Assembléa Sacerdotal do Kush, os Nephelim ou Nepalim da Biblia, de onde o Estado do Nepal, condena ambas as doutrinas reformistas. Fo-Hi afastou-se para o Oriente e adotou como insignia a côr amarela de sua raça. Os Puranas (8) chamam seu país Tchandra-Duíp, a terra da Lua-Macho, isto é, a terra onde o feminino se tornou masculino. Seus habitantes fôram denominados Tchinas, os cismáticos. Zoroastro abriu luta e separou o Iran da India, recebendo o povo que o acompanhou o nome de Parthas, Parsis ou Persas, os Separados. Desta maneira desmembrou-se definitivamente o antigo Imperio Universal (9).

Realizada a divisão, seguiram-se as sub-divisões.

(7) F. C. Burkitt — "The religion of the Manichees" — F. Cumont — "Cosmogonie Manichéenne" — "Recherches sur le Manicheisme". — G. Flügel — "Mani, seine Lehre und seine Schriften".

(8) "Baghavata-Purana" — trad. Burnouf.

(9) Fabre d'Olivet — "Histoire Philosophique du Genre Humain".

Tudo foi ficando reduzido a miúdos pedaços como por aquela Bêsta de dez cornos da profética visão de Daniel. As divindades descem do céu e se nivelam aos homens pelos mesmos defeitos e vícios (10). O Olimpo reflete a humanidade, quando a humanidade deveria refletir o Olimpo. Moloch, Melcart ou Melicerte é simplesmente Melicartz, o Rei da Terra. Chronos ou melhor Kronos é simplesmente Kron, o Coroado. Teutad ou Teutatés é simplesmente o Pai dos Homens, o Grande Antepassado. Recebem hóstias de ouro e sangue. Agrada-lhes a prostituição das mulheres. A tradição do antigo sacerdócio refugia-se em um ou outro lugar. Um de seus últimos representantes é aquele Melquisedec da Biblia, Rei de Justiça, na cidade de Salem, a Paz, que oferece a Deus pão e vinho. Ainda é em nome de sua Ordem que se sagram os sacerdotes católicos, ligando-se o sacramento da ordenação á mais alta e mais antiga organização espiritual do mundo. Do rebaixamento dos deuses, com o tempo, fôram surgindo levianidades, fantasias e incoerencias, das quais resultaram as idéas mais disparatadas e os cultos mais extravagantes. Os politeismos refletem essa decadencia.

Do Imperio Caldaico fundado por Nemrod, o cetro de ferro estende a sombra opressora sobre os povos desarticulados. Empunhando-o, Ninus parte para a conquista do Iran e da Citia, marchando

(10) Sanchoniaton — “Fragmenta”.

depois contra a India, para morrer no caminho. É o inicio da feroz ambição dos conquistadores que ensanguentará a Terra. Succede-lhe a gloriosa Semiramis, Shem-Ram, o Sinal de Ram, que leva o Imperio ao esplendor, mas nada póde contra a India, destinada a ser um fóca de conservação de Verdades Eternas, onde o apóstolo Krischna, Mufrid-al-Rami, como dizem os Arabes, *O-que-explica Ram*, olhando a constelação que o perpetúa no firmamento, o Bootés (11) dos Gregos, refórmára o dogma e instituirá as Trindades Místicas dos Principios Cosmogonicos (12).

As conquistas politicas e não espirituais de Ninus abriram as portas a todas as ambições dos conquistadores militares. A espada creará os despotismos. A espada perecerá sempre pela espada. Nem Orfeu, iniciando os Pré-Helenos na Verdade, nem Foe ou Buda, doutrinando os Orientais, nem Moisés, plasmando um povo teocratico, terão mais forças para impedir as devastações do gladio desembainhado. *Non est animus strictus concurrere ferro!* Depois de dominar os povos, o ferro pretende governar os deuses. O conquistador põe mãos sacrilegas na mitra ou na tiara sacerdotal, preten-

(11) O Boieiro, o Vaqueiro, constelação onde brilha Arcturus, a Estrêla Boieira do hemisfério boreal. Os árabes chamam Al Rami, isto é, o Rama. Todo o Oriente crê que o grande Djemschid vive no céu sob a fórmula desse grupo de estrêlas.

(12) "Baghavata-Purana" — trad. Burnouf.

dendo reunir á Suprema Realeza o Sumo Pontificado. Desvairo! A ambição de cima repete-se em baixo. Todos os povos sacodem o jugo das centralizações. Para viver ou se engrandecerem, recorrem á Força. Desencadêa-se a guerra pelo mundo inteiro. Suas últimas agitações vão abalar os proprios amarelos tranquilos e industriosos no fundo do Extremo Oriente. Nunca mais a Discórdia deixará a face da Terra. É essa revolução que a fábula grega consubstancia no mito da boceta de Pandora, do mesmo modo que sintetiza o cisma de Nemrod no das duas serpentes separadas pelo bastão de Tirésias. Todas as linhas de demarcação desapareceram. “Não se distinguiram mais entre os povos senão homens livres e escravos, conforme eram vencedores ou vencidos. Dir-se-ia que o genero humano, arrastado por um movimento retrogrado, voltava á infancia da sociedade e somente reconhecia a Força como unica autoridade (13)”.

Reis e tiranos, sem base moral e scientifica para governar, a cada momento são destronados, banidos ou mortos por toda a parte. Os homens inventaram as repúblicas que logo enxamearam pelas ilhas e costas do Mediterrâneo, penetrando mesmo na propria Asia. Enfraquecidos pelas lutas sem treguas, os Imperios rivais do Egito, da Assiria, da Persia e da Lidia não puderam conter os impulsos de certos povos. As colonias republicanas e talassocraticas

(13) Fabre d'Olivet — Op. cit.

gregas multiplicaram-se do Bósforo ao Tirrénio. As colônias republicanas e emporocráticas fenícias encheram os litorais até as colunas de Hercules. Procurou-se banir mesmo a lembrança dos antigos tempos: Nabonassar mandou apagar todas as inscrições que se referiam a seus antecessores nos monumentos da Caldéa; outros despotas procederam de identica maneira entre os Trácios e os Indús; o imperador chinês Tsin-Che-Hoang queimou todos os documentos literarios da antiguidade que pôde apanhar; mais tarde, os Consules de Roma destruiriam os livros de Numa Pompilio...

Travou-se uma luta de vida e morte entre a Europa e a Asia. As seis Troias superpostas e calcinadas, descobertas por Schliemann (14), autenticam uma das fâses dêsse duelo de ferocidade. Do lado europeu, a vontade humana impelia as sociedades. Do lado asiatico, a fatalidade guiava os destinos humanos. O espirito das monarquias absolutas e imperialistas procurava esmagar o espirito de livre expansão e movimento das democracias e aristocracias. Quando o dominio da Asia caíu ás mãos dos Persas, o conquistador Ciro foi até as barreiras da India e pereceu no meio dos Turanianos. Seu filho Cámbise tomou o Egito e enfiou a espada nas carnes do Boi Apis. O sacrilegio sucedendo a carnagem! Xerxes marchou contra os Gregos e foi derrotado.

(14) René Dussaud — “Les civilisations pré-helléniques”.

Depois, êstes, unificados por Filipe, partem sob o comando de Alexandre para o contrataque á Asia. O Macedonio vence-a, conquista-a, estende as mãos até o Egito e chega á fronteira da India. O mundo é seu. Mas o orgulho bota a perder o general glorioso. Ao invés de se humilhar deante de Deus, que tudo lhe dera na flor da idade, somente vê a sua estrela e tem a desfaçatez de se proclamar Filho de Jupiter. Morre numa orgia...

As construções sociais não teem mais duração, porque não teem mais Espirito de Unidade, portanto fixidez. As antigas cronologias dão aos soberanos um reinado médio de quarenta anos e ás dinastias uma média de quatro seculos, porque não tinham a recear paixões populares e ambições pessoais. Duravam naturalmente. Aberto o caminho da heresia, do crime e da rebelião, os reinados baixam a dezeseis anos. Entretanto, a primitiva teocracia vivera trinta e cinco centenarios (15)!

Retalhado o Imperio de Alexandre pelos seus successores e de novo em guerra o mundo, as forças sociais asiaticas se adensam em Cartago, fugindo ás anarquias. As forças sociais européas vão lentamente se accumulando num burgo de fugitivos e salteadores que se forma á margem do Tibre, num recanto paludoso e entrecortado de monticulos do Lácio. Surge da terra o arraial destinado a imperar pela Força com um nome que encerra o conceito

(15) Fabre d'Olivet — Op. cit.

da propria Força: VALENTIA (16). Seu povo une-se aos Sabinos e depende dos Etruscos, que lhes fornecem os Reis. Torna-se república e começa a mostrar ao mundo a insignia do novo Imperio: a Loba amamentando os Gémeos, o Oriente e o Ocidente sugando o leite da mesma ferocidade. “Em poucos seculos, o Universo viu essa aldeia etrusca, ainda magoada pelos grilhões que usára, acabando de sair das mãos de Porsena que a humilhára, e da de Breno que lhe cobrara resgate e a reduzira ao Capitolio, ensaiar suas forças, expandir-se, elevar-se do meio do pó ao ápice das grandezas. Na guerras dos Sanitas, sai da obscuridade; provoca Pirro com o cerco de Tarento e, de entrada, recua com medo de seus elefantes; mas cobra ânimo, bate-o e força-o a retirar para o Epiro. Obrigada a disputar o imperio do mar aos cartaginêses, precisa duma marinha; crê-a da noite para o dia e triunfa no primeiro combate. No intervalo da primeira á segunda guerra Punica, apodera-se da Sardenha e da Corsega, submete os piratas da Iliria, leva suas armas além da propria Italia e transpõe o Pó pela primeira vez... Cartago destruida, nada mais resistiu a êsse colosso republicano que estendeu os tentáculos sobre a Asia, a Africa e a Europa, obrigando

(16) As cidades antigas tinham sempre um nome oculto, que era, em geral, o primeiro que lhe haviam dado e no qual residia o seu genio. Segundo varios autores, o nome de Roma era Valentia.

os povos a seguirem suas leis dêsde o Tejo até o Tanaís (17) e dêsde o monte Atlas até o Caucaso (18).

A LOBA substituiu o CARNEIRO. O direito deste era Recht, a Retidão, a Direitura. O direito daquela vai ser Jus, a Força.

A vontade do homem creou o dominio de Roma. Se ela não trouxesse intrinsecamente o germen da divisão, seria invencível e duraria eternamente; mas só a Providencia é Eterna. Roma não acreditava mais nela. Seu culto público era formalista e vão. As divindades exóticas ombreavam com as nacionais. Havia deuses na moda e fóra da moda. Santo Agostinho devia satirizá-los admiravelmente. Os homens de guerra e de governo eram cétricos, estoicos ou epicuristas. Um consul, antes da batalha, afogou os sagrados frangos agoureiros que lhe presagiavam a derrota. No teatro se cantava: *post mortem nihil est et ipsaque mors nihil*; depois da morte nada ha e a propria morte nada é. O Sumo Pontificado reduzia-se a um emprego disputado pelas ambições, vaidades e intrigas. A luxuria, a magia negra, a gula, os vicos e riquezas da Asia e da Africa, a sutileza filosofica da decadencia grega e as organizações secretas dos judeus parasitarios haviam invadido a nova Babilónia. Após a conquista das Galias, Cesar reproduziu as guerras despovoadoras de Mario e Sila. Cego de orgulho pelo triumpho, não

(17) O rio Don, na Rússia.

(18) Fabre d'Olivet — Op. cit.

se humilhou deante da Divindade que o permitira, mas pretendeu que ela descesse até êle. Aceitou as honras divinas e profanou o santuario, fazendo-se, como o Belocus assirio, Sumo Pontifice. O castigo do céu foi o punhal de Brutus.

Então, pairam sobre o imenso Imperio em que a Lôba impõe a paz pela ferocidade, arrazando capitais, escravizando povos, devastando reinos, as imagens dos Cesares divinizados, supremo insulto á dignidade humana e á majestade divina. Os melhores, revestidos da dupla dignidade pontificia e imperial, não teem “a influencia providencial duma nem a autoridade legitima da outra”, não teem “o poder que dá o ascendente moral, mas o que dá a força”. Ról monstruoso de devassos, crueis, cínicos, incestuosos, glutões, avaros, covardes, imbecis, loucos e degenerados! Regido pela Força, o mundo teve como chefes supremos os últimos dos criminosos. A corôa e a tiara fôram profanadas por Neros, Caligulas, Domicianos e Heliogábalos. As raras, excepcionais figuras dos Nerva e Marco-Aurelio, se salvam a dignidade humana, no seu estoicismo sêco não se aproximam de Deus. Foi a pompa do crime sob o diadema e a púrpura. E Roma, que a vontade humana arrancara do Nada, cái sob o Imperio no completo dominio da Fatalidade.

Quando a Lôba não possuía mais vitalidade propria e, por isso, seu futuro lhe escapava, quando seu grosseiro materialismo prevaleceu sobre o espirito,

quando a astúcia tomou o lugar da propria força, quando “os descendentes dos Quírites, que haviam acreditado no rapto de Romulus pelos deuses, já não criam mais em si mesmos”, quando “a dissolução do mundo antigo, sem ser ainda evidente, era completa e universal, máu grado seu poder ainda muito grande e seu prestigio ainda intáto, do fundo da Judéa, submetida aos proprios romanos, cuja iniciativa faltava, surgia o astro dum mundo novo (19)”. O Cristianismo trazia consigo a maior das revoluções. Realizava-a no âmago das almas para que essas almas fatalmente reformassem o Imperio. Por isso, as fêras do Circo e os tormentos das masmorras mamertinas nada puderam contra seu lento e pacifico caminhar, que levou seculos para chegar á vitória definitiva. Ela vinha renovar e renovou tudo: costumes, leis, crenças. “Venceu, dêsde o berço, barreiras que se acreditavam intransponiveis, as rivalidades de classes e de raças; chamou todos os homens irmãos e declarou-os iguais; disse-lhes que só ha um Deus, que a alma é imortal e responsavel, que as faltas são inerentes á natureza humana e que o perdão espera somente o arrependimento. Proclamou o triunfo da Vida Espiritual sobre a Materia. Ensinou que o odio mata e que o amor fecunda. Convidou todos ás beatitudes da Vida Eterna, finda a tarefa nêste mundo. Suave

(19) M. Grazia et A. Pino — Preface au “Rig-Veda” — trad. Langlois.

religião que se baseou no sublime sacrificio de seu fundador (20)".

As aguias ainda militarmente vitoriosas no Oriente e no Ocidente, para onde se voltavam suas duas cabeças heraldicas, curvaram-se deante da Cruz. *In hoc signo vinces!* Com êste sinal vencerás! Vencerás, revelou a voz do Eterno Misterio, não na senda das simples conquistas ambiciosas, vencerás cousa maior: os inimigos da alma, as paixões humanas. O Imperio vái cair. A imensidade bárbara amortalhá-lo-á nas dobras da anarquia. Um oceano de povos sadios e emotivos recebá o Novo Credo, que irá lentamente, graças á sua força espiritual, domando-lhes os instintos e plasmando na sua barbárie novas fórmulas de civilização, em que a pouco e pouco morrerá a lembrança da Lôba e renascerá a memória do Carneiro de Ouro, Velocínio tentador de novos argonautas.

Na grande maioria, os bárbaros que se atiravam sobre o Imperio moribundo eram os restos dos antigos hiperbóreos — Celtas, Germanos, Escandinavos, Citas e Saírmatas, que se haviam entregue, depois da partida de Ram, ao culto dos Antepassados ou dos Heróis em Teutatés, o Pai-Sublime, ou em Irminsul, Herman-Sayl, a Lança do Chefe. Restos tambem de outros que refluíram para a Europa em consequencia das guerras do ciclo do Nemrodismo. Um grande renovador dera-lhes um culto

(20) M. Grazia et A. Pino — Op. cit.

novo. Frighe, sectario de Zoroastro, antigo official dos exercitos ponticos de Mirtridates o Grande na guerra contra os romanos, embrenhou-se pelas florestas da Europa Central e Septentrional, pregando aos povos guerreiros novos dogmas religiosos, os quais substituem Teutatés, o Grande Antepassado Celta, por um Deus Supremo — Wôd, que vem do atlantico Whôd, a Eternidade, o Temporem-limites do “Avesta”, o mesmo Budh dos Indús, o mesmo Votan dos antigos povoadores do Yucatan (21), o God ou Goth germanico, o Bodje eslavo. A Frighe deu-se o nome de Wodan, o divino, do qual fizemos Odin.

O legislador gôdo introduziu na sua mitologia um genio do mal, Loke, o Tenebroso, creou um Valhalla ou Palacio do Valor, da Coragem, pleno de felicidade celeste, onde as Valquirias recordavam as Huranís de Zoroastro e precediam as Huris de Maomé. Submeteu a Rússia, a Escandinavia, o Chersoneso Cimbrico (22), a Fionia, a Franconia, a Escania, a Saxonia, a Suabia, a Turingia, a propria Islandia. Fundou a cidade de Odinsee (23). E foi o impulso de suas conquistas que lançou sobre as provincias imperiais as vagas de assalto de suas multidões audazes e valentes,

(21) De Charencey — “Le mythe de Votan”.

(22) A Dinamarca.

(23) Fabre d'Olivet — Op. cit. — Schuré — “Les grands initiés” — “Les Eddas”.

cheias de paixão anímica que as tornava capazes do heroismo cristão.

A revolução, pela qual os bárbaros vitoriosos abraçaram a religião que dominara os romanos esmagados por êles, se retrata naquela cena de S. Remigio batizando Clovis, rei dos Francos, agremiado á Igreja pela influencia da esposa, e dizendo-lhe: — “Curva a cabeça, orgulhoso Sicambro, queima aquilo que adoraste e adora aquilo que queimaste (24)”! O termo Sicambro parece adrede escolhido pelo Santo, porque vem do tudesco Sig-Kimbri, isto é, o Cimbro, o Cimeriano, o Bóreo vencedor.

O Cristianismo, com a sua força civilizadora, penetrará nas nações aventureiras que varrem como um diluvio a vastidão imperial: Francos, Burgundos, Longobardos, Ostrogodos, Visigodos, Vândalos e Suevos. Do turbilhão militar da conquista que retalha a Europa e o mundo mediterrâneo em novos reinos, reacção da força bárbara contra a força da Loba que contivera os povos pela opressão das armas e dos tributos, mas não o domara pelo Espirito, pouco a pouco emergirão os Clérigos, os Esclarecidos, afim de domesticar-lhes a inata fereza com o Credo de Amor de Jesus. Todos os góticos, sectarios de Odin, se transformarão em Cristãos, fieis do Cristo. E a propria arquitetura que brotará do estilo românico pela influencia das almas quasi virgens dos

(24) Grégoire de Tours — “Histoire Ecclesiastique des Francs”.

germanos renovadores, será aquela que mais vivamente exprimirá o impulso humano para Deus e a sublime riqueza espiritual da Religião Cristã (25).

As hordas bárbaras que invadiram e destruíram o Imperio tinham, não somente culto proprio, como organização social. Seus chefes não eram propriamente Reis, mas antes Mayers, Maires, Maiorais, isto é, guias militares escolhidos ou eleitos pela nação. Só quando o Cristianismo lhes dá o verdadeiro conceito da Realeza, é que se tornam soberanos hereditarios, creando novos Mayers ou Maires, encarregados da mordomia militar, até que um dia esta incide sobre as atribuições civis e se instala no trono. Em França, por exemplo, durante longo periodo, os Maires do Palacio governaram em nome dos Merovingios degenerados. Depois, o Maire Carlos Martel arrancou o derradeiro rebento da dinastia apodrecida e seu filho Pepino tomou a corôa real, a corôa do Kanh, do Khan, do Konung, do Konig, do King (26).

Após a conquista, a terra foi dividida entre os chefes militares. Para evitar o despovoamento, fixou-se o habitante á gleba pela servidão. Êle trabalhava para alimentar o homem de guerra e êste o defendia. O pacto era tão natural que a servidão

(25) Fulcanelli — "Les cathédrales".

(26) A comparar o King ou Kan, cabeça, com o tupi Cang, cabeça, e o Mayer ou Maire com o tupi Mair, até hoje pessimamente explicado pelas mediocridades enfiadas.

muitas vezes era *voluntaria* e, quando Luiz X tentou libertar os servos, êles recusaram a medida (27). Vigorou nova organização social, mescla das liberdades germanicas, dos usos locais e das idéas cristãs. A unidade da Igreja ia projetar sua sombra sobre a face da nova sociedade, imprimindo-lhe uma síntese e uma paz firmadas no Espirito sob a inspiração de Deus. Mas a Lôba deixara dois gémeos destinados a perturbar seculos alem o ritmo da nova civilização: o Direito Romano, que se alicerçava aparentemente em tres conceitos morais, porem se tornara o direito do forte, opressor, individualista, formalista, sem alma; e um povo parasitario e perturbador, dissolvente e negativista, carregado de ódio e descarregado de escrúpulos, encarnação do Nemrodismo, arrancado outróra de sua pátria ocidental pelos aludes gaulêses e celtas, desenraizado de sua pátria oriental pela violencia dos conquistadores assírios e babilónios, espalhado no mundo a última vez pelo pé devastador das legiões de Tito, em cuja capital a paz romana só pudera ser definitivamente imposta pelo aniquilamento da nação e o arrazamento dos edificios, quando Adriano fez passar a charrúa sobre o local de Jerusalem e ali erigiu a sua Elia Capitolina. *Solitudinem faciunt.*

(27) Levasseur — “Histoire des classes ouvrières en France” — Ch. Lamprecht — “Etudes sur l’Etat économique de la France pendant la première partie du Moyen Âge”.

A Cristandade substituiu com seu universalismo espiritual o universalismo da Força da Romanidade, lutando contra cismas, seitas e heresias, enquadrando os homens em novas molduras, até chegar ao esplendor do século XIII, o maior dos séculos (28), no qual só sábios e santos se assentavam nos tronos. Sobem para o céu as flechas rendilhadas das catedrais. A paz economica repousa no sistema das corporações. A paz politica repousa na Justiça dos Reis, que os povos proclamavam “pastores não mercenarios” e que a si proprios se reconheciam, como um de Portugal, “procurador dos descaminhos do Reyno” (29). A paz universal das almas repousa á sombra do prestigio do Sumo Pontifice de Roma.

O Direito Romano, que começara a ressuscitar do caos da queda do Imperio nos Breviarios Góticos e nas Capitulares Carlovingias, submergindo quasi todas as instituições juridicas naturais dos bárbaros, irá produzir seus frutos malsãos na Guerra das Investiduras, na Querela dos Dois Gladios, na Escola de Bolonha, nas Falsas Decretais, terminando por levar os Estados Cristãos ao Absolutismo Real, contrário á indole do Cristianismo. Por seu lado, o Judaismo Nemrodico minará o Estado Social Cristão, a Unidade Cristã, a Universidade Cristã, a Sintese Christã, ainda não de-

(28) James J. Walsh — “The Thirteenth, greatest of centuries”.

(29) Sardinha — “Ao ritmo da ampulheta”.

finitivamente estatuída, no sentido de impedir-lhe a cristalização e destruí-la mais tarde. Será o anarquismo alapardado nas trevas, sem coragem de arriscar-se á luz do dia, usando incançavelmente da astúcia, do engano e da fraude, algumas vezes da violencia pela mão de terceiros, para o triunfo, no futuro, da Desordem, da Confusão e dos Instintos. A guerra contra a Cruz levada pelo Cordeiro Pascal, carregado com os pecados do mundo, reproduzirá a guerra contra o vetusto Carneiro Arbitral do grande Ram.

Sendo o poder um órgão absolutamente necessario á conservação da sociedade, é um órgão natural que nasce da propria natureza das cousas. “Porque vem da propria natureza, segundo os que não crêem, êle deriva de Deus, que é o autor da natureza, segundo os que crêem. Não se defende com isto a monarquia de direito divino. A Igreja condena-a até terminantemente. O que se assevera é uma cousa diversa: — a origem divina de todo o poder. É accidental á pessoa que o exerce; mas, exercendo-o, sabe que o não exerce como sua pertença. Não são outras as limitações da Realeza cristã, que só se desviou para o Absolutismo, quando a influencia do Direito Romano a corrompeu (30)”.

O espirito judaico não se presta, nem nunca se prestou a nenhuma grande organização civil, mi-

(30) Sardinha — “Ao ritmo da ampulheta”.

litar ou religiosa. A história do povo de Israel demonstra sua incapacidade em crear um Estado. Dêsde seus primeiros dias, obedecendo ao impulso dos antepassados Bodohnes, êsse povo erra pelas terras alheias e nelas se enriquece sem escrúpulos. Por toda a parte, um eterno clamor se ergue contra êle. Contra Lot em Sodoma. Contra Isaque em Gemara. Contra Jacob na casa de Labão. Suas discordias e lutas ferozes enchem os capitulos da Biblia. E o velho patriarca Israel quasi amaldiçoa os proprios filhos, á hora da morte: a Simeão, porque só tem ira; a Levi, porque só tem furor; a Dan, porque é a serpente emboscada no caminho; a Benjamin, porque é o lobo que devora; a Ruben, porque manchou com o incesto o proprio leito paterno (31)!

Dividido e disperso, o judeu leva contra as civilizações onde penetra o odio da impotencia (32) e o messianismo politico e social (33). O cesarismo romano defende-se dêle com medidas draconianas, mas êle mergulha para surgir mais adeante. Entregue ao culto do Bezerro de Ouro, isola-se e organiza-se secretamente. Esquece Jeová. Troca o Pentateuco pelas glozas imorais do Talmud. A datar do primiro dia, a Sinagoga persegue o Cristianismo nascente. O ator judeu Alityrus assopra essa perseguição a Nero, através de Popéa Sabina,

(31) Genesis — Cap. XLIX.

(32) Renan — “Histoire du peuple d’Israel”.

(33) Lagrange — “Le messianisme chez les Juifs”.

com quem mantinha estreitas ligações (34). Desde o século I, os judeus de Alexandria preparam o ataque á Igreja pela filosofia. Semêam-se idéas contraditórias e atraentes: platonismos desvirtuados, néo-platonismos, racionalismos, ecletismos, ceticismos e negativismos. Sob sua influencia, Enesidêmo destrói os fundamentos seculares da moral. Os cabalistas hebreus empeçonham todas as intelligencias: Akiba, Simão Ben Iokai, Jossé de Trípora. Dos seus Sephiroth virão as Trindades-Hipóstases de Numenius e as Ennéadas de Plotino, discípulo do judeu apóstata Amonio Saca. Para seus fins particulares, os judeus exploram a famosa biblioteca alexandrina. As heresias começam e logo fervilham. É o chamado "Labirinto Diabolico das Seitas". No século II, os sectarios se espalham pela Asia, Africa e Europa, provocando as mais terribes guerras religiosas de todos os tempos. Correm rios de sangue. A barca de S. Pedro não afunda com essas tempestades, como não afundará com outras. Está escrito que contra ela as Portas do Inferno não prevalecerão.

Filon o Judeu pontifica na confusa Alexandria, negando tudo, duvidando de tudo, falsificando a filosofia, a história e a propria religião para seus fins politicos ocultos (35). O ataque é cerrado contra o dogma fundamental de Nicéa e introduz a

(34) Renan — "L'Antéchrist" — Neumann — "Der römische Staat" — Tertullianus — "Apologeticus" — Chamberlain — "La Genèse du XIX^{me} Siécle".

mais completa desordem no pensamento religioso dos povos. Alarmado, o Papa S. Diniz escrevia ao arcebispo de Alexandria: "Fujam das novidades"! Mas nada era possível contra a voga de Arius e de Hipatias. Só a violencia dos fieis pôde acabar com a deletéria influencia dessa mulher de genio. Depois, vieram os outros herejes, aos centos e milhares.

O arianismo influiu poderosamente no espirito ingenuo dos bárbaros odinicos que marchavam sobre a Lôba, para destrui-la. Os Ostrogodos de Teodorico, os Visigodos de Alarico, os Vândalos de Trasimundo, os Suevos da Galiza e os Burgundos do Reno tornaram-se arianos da noite para o dia. Naturalmente, sua razão primitiva admitia com facilidade que Deus-Padre era mais antigo do que Deus-Filho, do mesmo modo que o pai é anterior ao filho. Os Francos resistiram a essa onda de heresia e é daí que data a grandeza e o primado da Igreja Galicana, refúgio da pureza da fé católica no seio da barbárie vitoriosa e inquieta.

Ainda são os judeus que inspiram ao Imperador Juliano a apostasia e o retorno ao politeismo morto. Em recompensa de seu apoio, êle lhes promete a reconstrução do Templo de Jerusalem e morre, pronunciando as palavras significativas: — "Venceste, Galileu"! Vitorioso de pagãos, arianos e néo-pagãos, o Cristianismo recebe o assalto de

(35) J. Simon — "Histoire de l'Ecole d'Alexandrie".

Manés, que tenta reviver o antigo dualismo persa. Os maniqueus perseguidos pelos Basilei bizantinos ortodoxos, refugiam-se no interior da Persia (36). Mais tarde, alguns de seus elementos influenciarão a famigerada seita dos Tomadores de Haschisch, dos Assassinos do Velho da Montanha, com a qual entrarão em relações os Cavaleiros Templários, quando das Cruzadas, dela tirando o fundo de sua doutrina secreta e subversiva. Recebe também o ataque formidável de Nestorius, que nega a virgindade de Nossa Senhora. Batidos, os nestorianos correm para as regiões do Eufrates, confins do Imperio do Oriente e do reino dos Pártas (37). Unidos aos judeus, que os protegem, defendem e subvencionam, fundam o grande Collegio de Nisíbe, cujos doutores se encarregam de expandir a doutrina pela Siria, Arabia, India, Egito, Tartária e China (38). São os judeus que lhes fornecem meios para a fundação da famosa escola de medicina de Djona-sabur. Do mesmo modo, para a notável Academia de Pumbedita. Bispos nestorianos governam a diocese da Arabia. Os reis abissínios, conquistadores e donos do Iemen, são nestorianos. Através da seita de Nestorius, os judeus crearão o Islamis-

(36) Burkitt — "The Religion of the Manichees"
— Camont — "Recherches sur le Manicheisme".

(37) Thierry — "Nestorius et Entychés" — E. Blochet — "La conquête des États Nestoriens de l'Asie centrale".

(38) Draper — "Conflicts de la science et de la religion".

mo, afim de deter a expansão do Cristianismo no Oriente. Segundo o insuspeito Draper, (39), duas influencias o produziram: judeus e nestorianos. É o monje nestoriano Bahirah quem instrúe Maomé no convento de Bosrah. Um primo de Cadija, mulher do Profeta de Alah, o judeu Varaka, confirmou nêle o odio contra os cristãos que lhe incutira o frade heretico.

Em menos dum seculo, os Califas successores de Maomé venceram os persas e recalcaram os bizantinos, dominando a Asia; entraram triunfalmente em Jerusalem, conquistaram o Egito, beiraram o Mediterrâneo e se lançaram ao assalto do proprio Ocidente cristão. Sarracenos era o nome que traziam, ou melhor Sar-Asenos, Sar-Asinos, Senhores da Asia. A peninsula iberica de ha muito estava cheia de judeus. Como que os atraía misteriosamente por ter sido a antiga pátria dos Iberos maritimos. Era tão grande seu número que, nas cidades, somente se falava o aramaico. Por toda a parte, suas riquezas contrastavam com o estado miseravel das populações. Os soberanos visigóticos, descobrindo que conspiravam contra o Estado, castigaram uns e expulsaram outros, mas suas sociedades secretas a tudo resistiam (40). Elas se infiltravam por toda a Europa. Não eram outra cousa as *Guildi Diaboli*, associa-

(39) Draper — op. cit.

(40) Bedarride — “Les juifs en France, en Italie et en Espagne”.

ções do Diabo, condenadas na legislação de Carlos Magno (41). Os judeus abriram, por vingança, as portas das Espanhas á invasão dos mussulmanos. E influenciaram poderosamente a vida interna dos califados peninsulares até que os mouros farejaram a monstruosa conspiração de Halevi, destinada a apoderar-se do Estado, e os trucidaram aos milhares numa noite.

A invasão das armas maometanas mal conseguiu transpôr os Pirineus. Recuou deante da reação da França Cristianissima. A curva cimitarra do deserto chocou-se com a bruta espada carlovingia e perdeu a partida para sempre. Porem a invasão das idéas judaico-arabes, arabizantes e hebraizantes, foi longe e fundo. O arabismo apresentou-se como um sistema científico com a finalidade de matar o sistema religioso. Baseou-se na teoria da absorpção e da emanção. Disfarçado no arabe, o judeu trocou o Deus que morava por trás do véu do Templo por uma Inteligencia Infinita espalhada no Cósmos. “Na história intelectual do arabismo, escreve o citado Draper, judeus e sarracenos caminharam sempre juntos”.

A Europa medieval vivia á sombra da Cruz. O Estado Cristão reconhecia o Direito Natural, baseava a economia na ética, entendia a Justiça, a Riqueza, a Realeza e o Pontificado como delega-

(41) Saint-Leon — “Histoire des corporations de metiers”.

ções provindas de Deus. A Família, a Propriedade, as Corporações firmavam a vida social. A Escolástica dos seus doutores estribava-se em Aristóteles. E, como já dizia Boécio, “a Inteligencia Suprema tudo creara pelo seu Poder e tudo conduzia pela sua Sabedoria (42)”. Através do arabismo, os judeus lançaram contra a Cristandade o averroismo ou islamismo filosofico. É a doutrina contrária á Escolástica. Averróis compilara e vulgarizara os antigos. Daí seu grande prestigio intelectual. Esse movimento engendrou heresias por toda a parte. A grande moda do tempo era ser arabizante, era conviver com os doutores do Alcorão ou com os rabinos da Torah, todos êles cabalistas, para aprofundar os segredos das transmutações hermeticas que levariam ao achado maravilhoso da Pedra Filosofal. Assim, gnóses, maniqueismos, nestorianismos, arianismos, ofismos, todos os nemrodismos da intelligencia, repontaram nos espiritos conturbados. E, de regresso do Oriente tentador e mirifico, o filosofo João Erigenes trouxe para a Europa Cristã a semente daninha do materialismo...

Por maior que fôsse o esforço dos grandes Papas medievais, por mais ardente que fôsse a fé dos povos cristãos, as tentativas para chegar á Unidade Social, semelhante ou identica áquela que brilhára na Idade de Ouro de Ram, ficaram a meio caminho. O cesarismo romano dum lado, exprimindo-se atra-

(42) Boèce — “Les consolations de la philosophie”.

vés dos Corpos Juridicos, do conceito pagão do Estado e do Poder, o nemrodismo judaico do outro, manifestando-se no mercantilismo e no envenenamento e confusão das idéas, detiveram-lhe o impulso espiritual e atiraram cetros contra báculos, báculos e cetros uns contra os outros. O orgulho insolente de Carlos Magno perpetuára-se nos seus descendentes e sucessores diretos e indiretos. O turbilhão grandioso das Cruzadas, infelizmente, não encontrou um homem fatídico ou providencial para dominá-lo, canalizá-lo e conduzi-lo dentro dum plano. Perdeu-se, assim, no tempo e no espaço, como um simples movimento cavalheiresco e romantico. Suas vagas européas lançadas contra a Asia anularam-se do mesmo modo que outras vagas sem direção, vindas da Asia contra a Europa: hunos de Atila, arabes de Maomé, mongóis de Gengiz-Kan, tartaros de Tamerlão, turcos de Bajazet e de Amurat. É que, em geral, a Europa se move guiada pelas vontades humanas e a Asia pelo encadeamento fatal das causas e efeitos, pela força da Necessidade, pelo impulso dos determinismos. A vontade de Pedro o Grande, por exemplo, inspirada no sentido occidental, traz a capital da Russia para Petersburgo, janela aberta sobre a Europa; o determinismo materialista da história, invocado pelos bolchevistas, muda-a novamente para Moscovo, no sentido asiatico. O embate dessas duas forças sociais se anulará enquanto a Providencia, reguladora e dominadora do mundo, não

se pronunciar por uma ou por outra. Essa eterna luta está nitidamente exposta por Fabre d'Olivet: "Submetendo-se ás leis de Liberdade e Necessidade, que desenvolvem a Vontade e o Destino, a Providencia não quer que uma dessas forças fique senhora absoluta da outra. Por isso, vãos são seus esforços, quando tendem para tal fim. Sempre, quando mais decisivos parecem seus triunfos, um obstaculo inesperado os paraliza. Êsse obstaculo é obra da Providencia" (43).

O Renascimento é a pá de cal no Estado Cristiano Totalitario, grande e nítida síntese que o Classicismo Humanista, as Pandectas e o Judaismo corruptor conseguem minar e quebrar. A volta ao paganismo pela cultura classica e pela arte classica (44), arranca a sociedade européa de seus lineamentos teocentricos estabelecidos pelo Cristianismo, lançando-a no humanismo, no antropocentrismo. Os judeus Fugger e Welser estão por trás do abuso da venda das indulgencias, da eleição de Carlos V ao Imperio da Alemanha, da Reforma de Lutero, da liga protestante de Smalkalde, da guerra dos Trinta Anos e da mentirosa Paz da Vestfalia. Os judeus egipcios, os judeus como Zacuto, Abraão de Beja, José Sapateiro e Bartolomeu Marchioni, estão por trás dos descobrimentos maritimos. Enquanto o mundo conhecido se alarga, os espi-

(43) Fabre d'Olivet — "Histoire Philosophique du Genre Humain".

(44) Saint Yves d'Alveydre — "L'Archéomètre".

ritos se revoltam, enchendo-se de ambição e de orgulho. A unidade do pensamento cristão foi rompida. A sua impotencia social se mostra na impossibilidade de concluir as derradeiras catedrais góticas. E a influencia da America, até então ignorada e revelada ao Ocidente por um homem de nome profético, Cristovam, Christóphoros, o que leva o Cristo, em grego, Columbus, o pombo, faz-se profundamente sentir na vida economica, politica e social do Antigo Continente. De então por diante, no problema da humanidade, junta-se uma componente nova. Quando as idéas de livre exame trazidas para as novas terras pelos quakers e puritanos, que povoaram a parte septentrional, chegarem de tornaviagem ás plagas européas, desencadear-se-á um cataclisma que mudará a face do mundo. Quando, mais lentas na sua gestação, as idéas que semearam bandeirantes e jesuitas, que devassaram a parte meridional, retornarem ao outro lado do Oceano, talvez o Estado Social se acalme e os homens sejam mais felizes sob o influxo duma doutrina nova...

O panteismo rabínico de Espinosa inaugurou na filosofia uma era de dispersão. A Maçonaria, desvirtuada de seus propositos doutrinarios, alastrou-se depois da Carta de Colonia, que tem a assinatura de Melanchton, datada de 1535, e sobretudo depois da criação de Elias Ashmole, em 1646 (45). A revolução religiosa preparada atra-

(45) P. Deschamps — "Les sociétés secrètes".

vés das seitas gnósticas dos primeiros seculos, propagada pelos Albigenses, Catáros, Patelinos, Bogomilios, Valdenses, Templarios e Luciferianos, viera a furo claramente com a Reforma luterana. Os cadáveres das idéas cristãs boiaram nas vagas de sangue das guerras de religião (46). A revolução politica teria de desencadear-se fatalmente, como consequencia iniludível. A revolução social viria depois, como o último corolario de um plano diabolico.

Os governos laicizaram-se, sacudindo o jugo das forças morais, libertando-se da autoridade religiosa e desconhecendo Deus. A Pragmatica Sanção é o maior exemplo disso. Voltaram-se para a Loba pagã, ressurgida pelo classicismo do Renascimento como o grande ideal de todos os tempos, e restauraram no Absolutismo Monárquico o conceito do velho Estado Pagão, que foi cristalizar-se na fórmula attribuída a Luiz XIV, Rei-Sol, soberano expoente do novo paganismo: — O Estado sou Eu!... Nos estandartes reais, aguias, leões e sóis substituíram as cruces... Os proprios Pontífices parecem mais monarcas pagãos do que Pastores de Almas. Sixto IV veste a armadura dos conquistadores e arrasta as esporas de ferro pelos lagedos de mármore do Vaticano. Julio II é um guerreiro audaz e um politico habilissimo. Leão X, monarca esplendoroso, protege as artes e as letras classicas.

(46) Jacques Maritain — “Trois reformateurs”.

Providencialmente, porém, no dominio espiritual, todos seguem a doutrina intangivel e milenar. Sua politica temporal flutúa, como a de qualquer principe maquiavelico ao sabor das vicissitudes guerreiras, das finuras e astucias diplomaticas. Na apparencia, a côrte vaticana é a dum rei como os demais. Só a alma divina da Igreja, indestrutivel na sua essencia, continúa viva sob os europeis falsos, sempre pronta a rebrotar adeante em novas e gloriosas mésses.

O Imperio da Lôba, imperio da politica filha da Força, conduz as nações da Europa cristã para o abismo dos tempos modernos. Tudo, na vida social, passa a depender dos Cesares mirins que se assentam nos tronos hereditarios. E, como lá diz a velhissima canção chinesa de Kao-Yao, ministro do Imperador Chun: “Se o monarca é sábio e esclarecido, os ministros cumprem seu dever e tudo prospera. Se o monarca tem idéas confusas e inclinações baixas, os ministros são lerdos e ociosos, e tudo cái em decadencia” (47).

Destruído pela Força o Imperio das Doutrinas, entra a humanidade forçosamente no Imperio dos Personalismos. O mundo não depende mais de credos, porem de pessoas. O dominio das pessoas o levará, pelo abuso, ao dominio das massas. Um abismo provoca outros abismos.

(47) “Le Chi-King” — trad. G. Pauthier.



O IMPERIO DO CAPRICORNIO

“Demain, comme dit le Christ, Tu seras jeté dans le four... ce qui veut dire que Tu émigreras dans la solitude, la ruine et l'exil; et dans cet abaissement universel et sans exemple, Tu seras humilié au souvenir des ans écoulés. Par la prudence et la crainte du Seigneur, Tu aurais pu rendre tes affaires stables et prospères; mais Ta propre astuce a causé Ta ruine et voilà qu'il Te faut sortir du lieu où Tu estois entré.”

(“Prognosticatio eximii doctoris Theophrastus Paracelsi”).

“Amanhã, como disse o Christo, Tu serás lançado ao forno... o que significa que emigrarás para a solidão, a ruína e o exílio; e, nesse rebaixamento universal e sem exemplo, Tu serás humilhado à lembrança dos anos decorridos. Pela prudência e temor de Deus, Tu poderias tornar tudo estavel e prospero; mas Tua propria astucia causou Tua ruína e eis que precisas sair do lugar onde entraste.”

(“Prognosticos do eximio doutor Teofrasto Paracelso”).

A Reforma desencadeára a revolução religiosa e espalhára na Europa o espírito pagão de livre exame. Estavam abertas de par em par as portas do individualismo e do racionalismo. A consequencia natural da revolução religiosa é a revolução politica. O seculo XVIII deu-lhe os últimos retoques com a Enciclopédia; as sociedades secretas que pulularam por toda a parte e cujos cordeis o Judaismo puxava e ainda puxa (1), Alianças Universais e Internacionais, Neos-Templarios, Novas Harmonias, Bruderschafts, Martinismos, Iluminismos, Maçonarias de varios ritos — impeliram-na; as idéas de liberdade protestante trazidas da America do Norte pelos expedicionarios de Rochambeau e Lafayette agularam-na; o ouro da politica mercantil inglêsa contrária á França provocou-a; os abusos dos absolutismos reais justificaram-na; o filosofismo dos soberanos consentiu que a agitação se processasse sem estorvos serios; e êles proprios fôram quebrando inconsideradamente todas as disciplinas da hereditariedade.

(1) Gougenot des Mousseaux — “Le Juif, le Judaïsme et la Judaïsation des Peuples Chrétiens”.

A Revolução Francêsa, cujos *Imortais Principios*, hoje inteiramente desmoralizados, se espalharam pelo mundo, creou o dissolvente liberalismo burguês, que ultimou a separação do Estado e da Sociedade, desmoralizando a ambos. Vemos, no nosso tempo, quasi completa sua obra de dissolução geral. As camadas do povo, mais instintivo do que a classe média, por isso mesmo mais arraigado ao seu genio proprio, ás suas tradições, menos refalsado, permanecerão até certo ponto fechadas ao liberalismo. Quando se abismar a burguesia de todo envenenada, as forças ocultas impelirão as massas desencantadas para o socialismo, levando-as em escala progressiva para o comunismo. E será, então, a revolução social, corolario das outras duas: a religiosa e a politica.

A Reforma quebrou os lineamentos da unidade do pensamento religioso, permitindo que na sociedade cristã, na Catholicidade, penetrassem os germens da anarquia mental e sentimental. O classicismo do Renascimento, enchera os espiritos com a idéa falsa, embelezada e pintada de novo, do inorganico republicanismo greco-romano. O Direito Justiniano transformára a concepção cristã do Estado organico e totalitario. Montesquieu é o expoente revelador dessa nova cultura. De impessoal, o poder se tornou pessoal e absolutista. Na centralização das monarquias, sossobraram as regalias feudais dos grandes suzeranos, mas tambem todas as grandes e legitimas franquias antigas. Como tão

bem explana Royer-Collard, as instituições domesticas, as magistraturas independentes, as liberdades das corporações e das comunas formavam verdadeira constelação de republicas internas em cada nação. Elas consultavam e, portanto, exprimiam o genio ancestral de cada pátria. Sua germinação havia durado seculos para poderem florescer em resultados magnificos. Era uma obra comum do passado selada com o suor e o sangue de sucessivas gerações num pacto multi-secular com as velhas dinastias e com a Igreja. O absolutismo a que se entregaram os soberanos, superpondo-se a toda e qualquer autoridade moral e espiritual, foi uma revolução que antecedeu e permitiu abrolhasse a Grande Revolução preparada nas trevas. Porque, em se tornando absolutos, encarnações pessoais e pagãs do Estado, os reis romperam aquêlê pacto multi-secular com os seus povos, os liames de obediencia aos preceitos morais do Cristianismo e o dever de humildade perante Deus. Rompendo-os, buscaram o apoio da chamada Razão de Estado, duma idéa abstráta e voluvel, pois a razão que impera hoje já não impera amanhã. É a razão do arbitrio, dêsde que a não limita um cânone moral. Tornaram-se aos poucos filosofos e até mações. Perderam a fé na propria realeza. Abandonou-os aquella mística de reinar que lhes dava mais encargos do que direitos e privilegios, e passaram a querer somente direitos e privilegios, abandonando os encargos aos primeiros ministros todo-poderosos,

os quais brotaram por todos os lados: Richelieus, Pombais, Olivares, Ossunas, Lermas, Choiseuls. Tudo prepararam para sua própria quêda. A rainha Isabel de Inglaterra, fazendo julgar e decapitar a rainha Maria Stuart da Escócia, mostrou publicamente que a pessoa real não era intangível e que sobre ela podia pesar a mão impiedosa da justiça humana (2). Cromwell, levando Carlos I ao cadafalso, marcou a segunda etapa, provando concretamente que os súbitos revoltados podiam condenar e executar o soberano deposto por êles. Arrastada á última vergonha, a realeza ainda o seria na pessoa de Luiz XVI, que aceitou um tribunal, reconhecendo o direito da soberania popular fazer-lhe o processo, e subiu, em consequencia, os degraus da guilhotina. Depois disso, quando de revoltas, barricadas e revoluções, os reis não souberam mais impôr sua autoridade e nem ao menos morrer dignamente no seu posto. A unica excepção foi, no meado do seculo, aquêlê duro Nicolau I da Moscovia, que obrigou a populaça amotinada a ajoelhar-se em sua presença, só e revestido dos attributos imperiaes, na neve da praça Vermelha do Kremlim, onde agora ela, mais escravizada do que nunca, vai render ao aventureiro Lenine as honras que recusou ao derradeiro de-

(2) Segundo a Biblia, David, embora lutando contra Saul, mandou executar o seu partidario que matara o Rei de Israel, o Ungido do Senhor. Foi contra essa intangibilidade da pessoa real que Isabel atentou.

tentor da corôa que a libertara da anarquia primitiva, das avanías dos polonios e da servidão tartara.

Para se ter uma compreensão nítida do que foi a Revolução Francêsa, que abre o periodo que denominamos Imperio do Capricornio, isto é, simbolicamente, Imperio da Confusão, dos Instintos, da Animalidade, precisamos recuar no tempo até a Ordem dos Templarios. O espirito religioso e social da Idade-Média, informada pelo Feudalismo e pela Igreja, floresceu admiravelmente na instituição da Cavalaria. Os cavaleiros cristãos que combatiam pela Cruz, que perseguiram os máus, que endireitavam os tórtos, que vingavam os agravíos, que venciam os bruxêdos, que domavam os monstros e que aspiravam um lugar á Tavola Redonda ou ajoelhar-se aos pés do Santo Graal, formavam como que uma Ordem Religiosa Universal. Daí, com o tempo, o aparecimento no seu seio das Ordens Monásticas Militares, entre as quais a dos Templarios, defensores do Templo, chegou ao fastigio da riqueza e da influencia politico-social. Pois é no âmago dessa Ordem, expressão exponencial da Cristandade, que o nemrodismo secreto vai, propositalmente, depôr suas larvas de infamia. E disso decorreria, através dos seculos, um encadeamento de causas e efeitos que levaria a sociedade ocidental ao apocalipse revolucionario.

Se não, vejamos:

No começo do seculo XIV, a Ordem dos Tem-

plarios, fundada em 1118 por Hugo des Payens, possuía dez mil senhoríos e ilimitado poder. A disciplina de seus membros perante as autoridades civis e religiosas era uma simples afetação. Êles visavam o dominio do mundo, impulsionados da sombra por espiritos reveis á autoridade do Trono e do Altar. Uma velha tradição os dá como cristãos-joanitas, isto é, descendentes directos de pretensos fieis de S. João e não de S. Pedro e São Paulo. No recesso de seus castelos roqueiros, praticavam a goetia, a magia negra (3). O maniqueismo oriental os invadira, quando a Ordem estivera na Palestina, em contáto com os judeus cabalistas e os sectarios do Velho da Montanha. Sobre êsse facto não resta a menor dúvida histórica (4). O dualismo de Manés é, pelo seu antagonismo primordial, a completa negação do Principio de Unidade, portanto de qualquer sintese religiosa e social.

A lenda do Bóde Preto, que o povo julga existir nas lojas da Maçonaria actual, provem do culto prestado pelos Templarios a um idolo de cabeça de bóde, deante do qual o cavaleiro professo prestava seu juramento de obediencia, re-

(3) "Levitikon ou Exposé des Principes Fondamentaux des Chrétiens Catholiques Primitifs" — Clavel — "Histoire Pittoresque de la Franc-Maçonnerie" — "Manuel des Chevaliers du Temple". — Th. de Cauzons — "Histoire de la Magie et de la Sorcellerie en France".

(4) Mignard — "Preuves du Manichéisme dans l'Ordre du Temple".

negando a Nosso Senhor Jesus Cristo (5). Intitulava-se Bofomet. Êsse Capricornio da Dissolução e da Anarquia, enfeitado mais tarde com o manto ensanguentado dos *Imortais Principios*, levou a humanidade ao abismo da Grande Guerra e continúa a receber oblatas de seus adoradores (6).

Antes que a Maçonaria Templaria pudesse dar na Europa o grande golpe politico que premeditava, sobre ela pesou a mão de ferro dum dos maiores soberanos do Ocidente, o rei Filipe o Belo de França. De surpresa, comendadores, bailíos e cavaleiros fôram presos por todo o reino, na noite de 12 para 13 de novembro de 1307. Instruidos pelo monarca francês, os reis da Sicilia, de Castela, de Aragão, da Inglaterra, de Chipre, os principes flamengos e italianos fizeram o mêsmo. A conspiração da ordem social destruiu assim a conspiração da desordem. O concilio de 1311 proclamou a abolição da grande Ordem. Até essa data arrastou-se o minucioso processo iniciado com as prisões e devassas havia quatro anos. Nada foi feito de afogadilho. Houve muito tempo para colher provas, receber defesas, fazer agir empenhos e acalmar paixões. Todavia só em maio de 1311

(5) O bóde-preto, o Bofomet, era beijado *in virga virilis et in fine spinæ dorsalis*. — Henri Martin — “Histoire de France” — Jules Gavirot — “Histoire de la Magie en France”.

(6) Henri-Robert-Petit — “La dictature des loges”. — Paraf — “Israel-1931”.

foi queimado vivo o primeiro condenado para escarmento e intimação dos cavaleiros presos, que recalcitravam em confessar os crimes que lhes eram imputados. Seguiram-se, depois, outras execuções. O Grão Mestre, Jaques Molay, somente foi levado á fogueira a 18 de março de 1313, data do calendario anterior a Carlos IX. Suas cinzas — diz uma tradição — fôram recolhidas pelo cavaleiro Aumont e sete companheiros, todos disfarçados em pedreiros (*maçons*), nascendo daí a Maçonaria... Desta maneira, “imensa sociedade secreta se constituiu sobre as ruínas da Ordem” (7).

A vingança dos Templarios dormiu sob a terra quatro seculos e meio até vir explodir no vulcão do Terror Revolucionario. Os iluminismos masonicos prepararam na obscuridade e no silencio a Revolução Francêsa (8). Todos os ocultistas e cabalistas, judeus ou infeudados ao judaismo, teceram uma teia de misterios na Europa abafada pelo absolutismo real. Areopagitas, teurgos, filaretos, nigromantes, teosofos e adeptos tramaram e destramaram os fios multiformes da grande tela por trás da qual a Maçonaria Judaica preparou as vias do futuro. Houve nessa época quem presentisse êsse trabalho e lavrasse por escrito seu

(7) Stanislas de Guaita — “Le serpent de la Génèse”.

(8) Roger de Saint André — “Les auteurs cachés de la Revolution Française”. — Louis Madelin — “La Revolution”.

pensamento: "Todos se julgam destinados a fazer uma revolução e todos a preparam" (9)...

Os enviados das lojas faziam de lançadeiras de país a país, como o conde de S. Germano e o conde de Cagliostro, aventureiros misteriosos que deslumbravam as rodas cétricas dos filósofos e as rodas luxuosas das côrtes com seus prodígios equivoccos e seu fausto asiático. Ignorava-se de onde provinha o ouro que espalhavam às mancheias. Cagliostro intitulava-se o Grande Cophta e fundou a Maçonaria Egípcia, da qual foi Grã Mestre a iludida princesa de Lamballe, destinada a perecer nas mãos da canalha das ruas... As iniciais simbólicas do aventureiro eram L. P. D., que êle traduzia em geral como Liberdade De Pensar. Aos mais íntimos dava outra significação: Liberdade — Poder — Dever. A verdadeira explicação, a oculta, enraizava-se na vingança templária e só os iniciados podiam conhecer: LILIA PEDIBUS DESTRUE: Calcarás aos pés as flores de liz! (10)... Era a guerra de morte á Casa Reinante de França, cantada simbolicamente como a Guerra do Bem e do Mal por Claudio de Saint-Martin no poema do "Crocodilo"...

Em 1819, foi publicado na Alemanha curioso e documentado livro sob o seguinte título: "As sociedades secretas na Alemanha, a seita dos Ilumi-

(9) De Luchet — "Essai sur la secte des Illuminés".

(10) Stanislas de Guaita — "Le Serpent de la Gènesè".

nados, o Tribunal Secreto, etc.". Leiamos alguns de seus mais notaveis trechos: "Para achar a chave das revoluções, dêse o suplicio de Carlos I até o de Luiz XVI, é preciso sempre referir-se a essa seita intratavel. O barrete vermelho que se tornou o emblema dos Jacobinos em 1793 foi o simbolo dos Independentes britanicos, quando Cromwell subiu ao poder (11). Sem ir muito longe, basta assinalar que, no periodo mais forte da Revolução, os papeis principais fôram desempenhados pelos Pache, Marat, Cloutz, Lazouski, Buonarotti, Miranda, todos Iluminados suissos, alemães, polonios, italianos e espanhóis (12)... Os imperadores José II e Leopoldo, que haviam penetrado o segredo dos Iluminados, fôram vítimas da *Aqua Toffana*. O movimento insurreccional de 5 de outubro, os de 20 de junho e 10 de agosto se decidiram nas reuniões de adeptos e iniciados da loja do Contráto Social, á rua do Coq-Héron, como sei por uma testemunha de vista... Nunca os Iluminados se haviam visto tão poderosos. Dispunham, em 1793, da lámina do carasco... Genio, valor, talento, virtude, opulencia, tudo foi nivelado pela guilhotina. A mesma carreta levou Bailly e Custine, Malesherbes e Delaborde, Lavoisier e Westermann, a princesa Isabel e Vergniaud. Nada foi poupado: desapareceu sob

(11) O vermelho foi a côr adotada por Nemrod-Irshú e seus hereticos. Todo *revolucionario* a reivindica. E' a côr do Comunismo.

(12) Na maioria judeus...

a foice (13) dos Iluminados triunfantes tudo o que havia de majestático e sublime; e só restou o Bando Negro (14)... Perguntar-me-ão, nessa hipótese, por que o Grão Mestre do Capitulo de Paris (Filipe de Orleans, o *Egalité*) e seus acólitos, depois de haverem derrubado o trono, pereceram também no cadafalso! Responderei com um fato reconhecido: depois do triunfo, os Iluminados se dividiram: uma parte ficou nos Jacobinos e outra na Convenção. Os Jacobinos dominaram até 9 de Termidor. Então, Camilo Desmoulins, Hébert, Chaumette, Clotz e o Grão Mestre do Capitulo foram levados ao patíbulo. De nada valeu ao último renegar o próprio pai da tribuna dos Jacobinos e jurar que sua mãe se prostituía. Sabia-se que desejava trair a seita e foi entregue ao carrasco”.

Essa opinião combina completamente com a de Cadet de Gassicourt, erudito no assunto: “Filipe esgotou os cofres e sua ambição o perdeu. Após a morte do Rei, pela qual votara, julgou tomar as rédeas do Estado. Tê-lo-ia conseguido, se os iniciados se não houvessem dividido. A perda dos Bourbons, jurada pelos Templários, só lhe permitiria governar perdendo o nome. Julgou bastante renunciá-lo. Renegou o pai da tribuna dos Jacobinos, jurando que sua mãe se entregara a um cocheiro e que ele era o

(13) A *Foice*, emblema da U.R.S.S. de novo ali tudo ceifa...

(14) E’ a conquista da França pelo grupo de bandidos a que se refere Taine.

fruto dêsse amor impudico. Suplicou hildemente que lhe tirassem o nome e adotou o de Igualdade" (15). Para começar o movimento revolucionario, o povo foi atirado pelos agentes secretos contra os muros da Bastilha, *onde estivera preso Jaques Molay*.

Segundo de Guaita (16), todos os fátos da Revolução Francêsa trazem o sêlo dos Templarios. O nome de Jacobinos vem de Jacobus Molay, o Grão Mestre imolado por Filipe o Belo. Deve prender-se tambem a Jacob-Israel... O teorista revolucionario João Rousseau tomou de inicio o nome de João *Jaques*. Quando se inaugurou em Paris a loja João Jaques, a primeira de todas, á rua Platière, na casa do proprio autor do "Contrato Social", já se falava em Jacobinismo. De modo que o clube politico instalado mais tarde na igreja dos *Jacobinos* não tomou seu nome daí, mas escolheu o lugar pela coincidencia dos apelidos. Para encerrar o Rei decaído, escolheu-se a prisão do Templo, antigo castelo da Ordem dos Templarios. "Profanada, esmagada e arrasada a monarquia, os Jacobinos voltam-se contra o Catolicismo. Dêsde um ano antes que Chaumette e Anacharsis Clootz haviam iniciado a perseguição. Com Robespierre, ela atinge o paroxismo. O odio dos Neo-Templarios não se fartava com a figura de Filipe

(15) Cadet de Gassicourt — "Le tombeau de Jaques Molay".

(16) Stanislas de Guaita — "Le Serpent de la Génèse".

o Belo punida na pessoa de Luiz XVI. Era preciso que o pobre Pio VII pagasse a dívida de Clemente V"... Pelo processo de Cagliostro, feito no Santo Ofício de Roma, se vê a veracidade de tudo isso. Ele confessa ser iniciado maçônico e que sua seita visava ferir Roma, após derrubar a Monarquia. Ainda dos mesmos documentos consta o seguinte: "com o pretexto especioso de vingar a morte do Grão Mestre dos Templários, a seita tem principalmente em vista a destruição total da Religião Católica e da Realeza" (17).

Do sangrento panorama das matanças revolucionárias, sobressai a figura invulgar do velho Cazotte, ocultista e escritor, autor da curiosa novela "Le diable amoureux". La Harpe foi testemunha ocular e auricular duma estranha profecia que fez á mesa do duque de Nivernais, no começo de 1788." A companhia, tão numerosa quanto ilustre, compunha-se de grandes senhores, grandes damas, cortezãos, magistrados, academicos e poetas. A filosofia negativa e libertina dos Voltaire e Diderot era, então, da praxe, mesmo para as senhoras. Falou-se contra os padres e contaram-se anedotas cabeludas, com exclamações ditirambicas em honra da futura Revolução, que todos desejavam e que viria abolir os falsos pudores. Cazotte supportou toda essa apologia com impaciente mal estar. De súbito, levantou-se lívido, o olhar incen-

(17) "Vie de Cagliostro", edição de 1791.

diado por uma chama sibilina e, deante dos convivas anelantes pelo futuro, rasgou bruscamente os véus que o escondiam:

— Alegrai-vos, senhores, disse, pois todos verão essa sublime Revolução que os matará a todos, em nome da Fraternidade e da Razão. O senhor, sr. de Condorcet, morrerá proscrito por Ela, morrerá na prisão com o veneno que essa época feliz o obrigará a trazer sempre consigo. O senhor, sr. de Chamfort, também proscrito, suicidar-se-á com vinte e dois golpes de navalha. O senhor, sr. Vicq d'Azyr, morrerá do mesmo modo. O senhor, sr. Aymar de Nicolai, vejo-o subindo os degraus do cadafalso. O senhor, sr. Bailly, morrerá no cadafalso. O senhor também, sr. Roucher, no cadafalso!

Partiram de todos os lados estas exclamações textuais: — Oh! que aposta horrível! Esse homem jurou o nosso exterminio!

— Não! *Não fui eu quem o jurou!*

— Alguem, então, jurou essas proscricções. Quem foi?

— Os Jacobinos, os Neos-Templarios!... É mais do que claro...

— Felizmente (falou o proprio La Harpe), eu não estou metido no meio dêsses prodigios!

— Estará, sr. de la Harpe, e, por um grande milagre, ter-se-á convertido ao Cristianismo.

— Se nossas cabeças só tiverem de cair nessa

ocasião, exclamaram em redor, seremos imortais!...

— Nós, as mulheres, disse a duquesa de Grammont, por felicidade nada temos a vêr com revoluções!... Pelo menos, sempre o nosso sexo foi poupado...

— Mas desta vez não será. Sim, senhora duquesa, a senhora também subirá ao cadafalso, aonde o carrasco a levará na sua carreta.

— Oh! pelo menos consinta que vá no meu côche forrado de preto!

— Não, porque damas mais nobres do que a senhora não o terão...

— Só se fôrem as princesas de sangue real!...

— Mais nobres ainda!...

Aí, a senhora Grammont julgou prudente tomar a cousa como brincadeira:

— Vejam só! É bem capaz de me não conceder ao menos um confessor!

— Não o terá, porque a última pessoa a quem, por condescendencia, se concederá um será...

— Diga!

— O Rei de França.

Todos levantaram-se, achando que a pilheria, demasiado forte, ia além dos limites da discreção. O dono da casa dirigiu-se a Cazotte e pediu-lhe, impressionado, que deixasse de tão lúgubres facécias. Mas Cazotte não retirou uma palavra e ainda acrescentou que, em menos de seis anos, tudo aquilo aconteceria. Quando se preparava

para sair, a senhora de Grammont, para distrair a assembléa, o interpelou:

— Senhor Profeta, já que predisse a sorte de todos, prediga também a sua...

— Já leu, senhora duquesa, o cerco de Jerusalem em Flavio Josefo?... Durante êle, um homem fez varios dias seguidos a volta das muralhas, gritando com lúgubre voz: — Desgraça sobre Jerusalem e desgraça sobre mim proprio! No setimo dia, uma pedra enorme, lançada pelos engenhos do inimigo, despedaçou-lhe a cabeça.

E, sem mais uma palavra, fez uma reverencia e retirou-se" (18).

Êsse profeta do Terror, discipulo cabalista do famoso judeu português Pasqualis-Martinez (19), o qual "cobrira a França de lojas maçonicas do seu rito", recuou deante da bandeira vermelha desfraldada pelos Jacobinos e foi preso. Por ocasião das matanças de setembro, o heroismo de sua filha o salvou. Refugiado em uma herdade, correspondeu-se com Laporte e Pouteau, intendente e secretario da Lista Civil do Rei, pregando idéas de amor contra as de odio e dando conselhos politicos. Foi novamente preso e levado ao Tribunal Revolucionario. Seu processo é um dos documentos mais comprobatorios da ligação secreta entre a Revo-

(18) La Harpe — "Œuvres Posthumes". — Gérard de Nerval — "Vie de J. Cazotte in "Le Diable Amoureux" — Stanislas de Guaita — "Le serpent de la Génèse".

(19) Eliphas Lévi — "Histoire de la Magie".

lução e os iniciados Neo-Templarios (20). Lida sua correspondencia suspeita, o interrogatorio foi conduzido, contra os hábitos, com moderação, delicadeza e atenções pessoais. Se o réu recusava responder, o juiz não insistia e passava adiante. Sentia-se, entretanto, em tudo que Cazotte estava *condenado de antemão*. Perguntaram-lhe a que seita oculta pertencia. Replicou que a dos Martinistas. Após a defesa do advogado Julienne e a sentença de morte, o cidadão Lavau, presidente do Tribunal, dirigiu-lhe êste discurso revelador de misterios, que causou espanto á assistencia (21) e no qual grifamos as passagens mais significativas: “Fraco joguete da velhice, vítima infeliz dos preconceitos duma vida passada na escravidão! Tu, cujo coração não foi bastante grande para sentir o preço duma liberdade santa, *mas que provaste pela segurança das respostas que sabes sacrificar a propria vida para sustentar tua opinião*, escuta as últimas palavras de teus juizes e possam elas derramar em tua alma o bálsamo precioso da consolação! Possam elas, determinando-te a *lamentar a sorte dos que acabam de te condenar*, inspirar-te o estoicismo que deve presidir a teus derradeiros momentos e penetrar-te do *respeito que a lei a nós mesmos inspira!*”

(20) “Correspondance mystique de Jacques Cazotte, suivie de son interrogatoire et de son jugement”.

(21) Stanislas de Guaita — “Le serpent de la Génèse”.

Teus pares te ouviram e teus pares te condenaram; mas ao menos seu julgamento foi puro como sua consciência; ao menos nenhum interesse pessoal veio perturbar sua decisão pela lembrança dolorosa do remorso. Vai, retoma a tua coragem, reúne tuas energias, arrosta sem medo a morte, pensa que ela não tem o direito de te espantar. Não é um instante que ha de apavorar um homem como tu!

Mas, antes de te separar da vida, antes de pagares á lei o tributo de tuas conspirações, olha a atitude imponente da França, ao seio da qual não trepidaste em chamar aos gritos o inimigo, isto é, o escravo assalariado!... Vê tua antiga pátria opondo aos ataques de seus vis detratores tanta coragem quanta covardia lhe atribuías. *Se a lei pudesse prever que teria de pronunciar-se contra um culpado como tu*, em consideração á tua avançada idade (22), não te importaria essa pena; mas fica certo, se ela é severa, quando persegue, depois de pronunciar a sentença o gladio lhe cái das mãos. Ela lamenta a perda dos que a querem dilacerar. O que ela faz para os culpados em geral, *fá-lo especialmente por ti*. Vê como derrama lágrimas sobre teus cabelos brancos, que julgou dever respeitar até o momento de tua condenação. *Que êsse espetaculo te leve ao arrependimento e te faça, ancião infeliz, aproveitar o momento que ainda*

(22) Cazotte era quasi nonagenario.

te separa da morte para apagar de todo os vestígios de tua conjura com sincero pesar.

Ainda uma palavra: fôste homem, cristão, filósofo e *iniciado*; sabe morrer como homem e como cristão; é tudo quanto a pátria ainda espera de ti" (23)!

Todos êstes documentos permitem vêr alguma coisa nos bastidores do drama da Revolução Francesa, que o comum dos mortais somente enxerga da platéa. Na politica geral do mundo, dêse que o Judaismo conseguiu agir por trás de prepostos, de sociedades secretas e de certas camarilhas, no palco se movem verdadeiros titeres, cujos cordões são puxados por mãos ocultas e misteriosas. Pouco antes de morrer, ultimamente, Walter Rathenau, que era judeu e estadista, conhecendo-as bem, calculava-as em trezentas (24). Há quem diga que agora são somente treze: doze das doze tribus de Israel e mais um chefe (25). É o governo oculto dos povos a que varias vezes se refere Benjamin d'Israeli, lord Beaconsfiel, tambem judeu e estadista (26).

O filosofismo do seculo XVIII viera abrolhar em todos os falsos subjetivismos de Rousseau, cuja voga, na insuspeitissima opinião de Proudhon, custou mais ouro, mais sangue e mais vergonha do

(23) "Correspondance mystique", etc.

(24) "Neuer Wiener Journal" — 14-12-1927.

(25) P. Hochmuth — "O dominio judaico mundial sobre as ruinas dos povos destroçados".

(26) D'Israeli — "Conningsby" e "Aylesbury Speech".

que todas as cortezãs do depravado Luiz XV. Abrolhara também no intelectualismo agudo de Voltaire, cujo riso diabolico somente serviu para abolir e desacreditar. São duas expressões diversas e contrárias duma mesma época ateísta, que se vão encontrar num ponto: o reconhecimento do primado da razão humana. O racionalismo do primeiro recusa o poder de legislar e governar ao Rei, transferindo-o ao anonimato do povo. Sobre a soberania das multidões se deve edificar o Estado por um Contrato Social. O racionalismo do segundo nega a Providencia Divina e recusa aos Pontífices qualquer autoridade sacerdotal. Assim, ambos abalaram o Trono e o Altar. A tendencia dêsse filosofismo proprio a impressionar e fanatizar os homens de meia tintura intelectual é estatuir que o homem se deve libertar de qualquer regra, de qualquer preconceito, de qualquer disciplina, de qualquer constrangimento, tornando-se cada individuo seu proprio pontífice e seu proprio legislador. Preste-se bem atenção a isso e se verificará que essa tendencia levará fatalmente a humanidade, através de sucessivas negações, ao materialismo comunista e, mêsmo mais alem, ao negativismo absoluto, ao anarquismo e ao nihi-lismo.

A influencia dessa filosofia foi formidavel. “Embora ela declarasse formalmente que abolia padres, reis, sacerdocio e nobreza, um número incontavel de padres e nobres, magistrados e reis

enfileiraram-se como seus discipulos. Frederico da Prussia, cuja opinião dominava as outras, deu o exemplo. Quem não queria ser o que êle era? Todos os principes protestantes fôram filosofos; o Imperador José II foi filosofo, a propria Catarina e, o que é mais espantoso, até o Papa Clemente XIV fôram filosofos. Tudo foi filosofo na Europa, de ponta a ponta, menos o Grão Turco, que continuava alerta, pronto a recalcar o arrojo demasiado petulante do principio volitivo, do qual nascia êsse filosofismo (27)".

Atrás dêsse movimento filosofico, as sociedades secretas aticavam o fogo. Através das sociedades secretas, manobrava o nemrodismo judaico. Podemos documentar de modo insofismavel a afirmação. Primeiro, com a propria opinião da "Varité Israelite" de 1865: "O espirito da Maçonaria é o espirito do Judaismo nas suas crenças mais fundamentais, é a sua linguagem e quasi a sua organização". Segundo, com as palavras do publicista judeu dr. Isaac White no "The Israelit" de 1866: "A Maçonaria é uma instituição judaica, cuja história, deveres, palavras de passe e explicações são judaicas de cabo a rabo, exceptuando-se um unico gráu secundario e algumas palavras na fórmula do juramento". Afinal, com o que diz o judeu e pedreiro-livre Findel no seu

(27) Fabre d'Olivet — "De l'Etat Social de l'Humanité".

livro "Die Iuden als Freimaurer": "A questão se resume mais numa luta pelos interesses e dominio do Judaismo do que numa luta pelos interesses da humanidade. Nessa luta, o Judaismo se apresenta como o poder dominante a que a Maçonaria deve submeter-se" (28). O padre Deschamps na sua monumental obra sobre as Sociedades Secretas e Gougenot des Mousseaux na sua sobre o Judaismo deixam exaustivamente documentado êsse grave problema (29).

Embalados por promessas, enganados por ideologias diabolicas, iludidos por miragens e utopias, os povos cristãos teem sido, dêside a Reforma, conduzidos para aquêle fim a que alude o dr. Fíndel — o dominio de Israel, pela mão dos filosofismos revolucionarios. Fizeram e ainda vão fazendo o jogo das intrigas celeradas que já Tacito e Sallustio assinalavam na Roma antiga, tendentes a favorecer os interesses parasitarios dum povo que o proprio Voltaire, o proprio Renan, o proprio Michelet e o proprio Zola, embora lhes servissem os designios, julgavam indigno, aváro, maldito, verdadeiro flagelo do mundo.

A Revolução Francêsa aboliu as restrições com que a sociedade cristã dêle se defendia e permitiu que tudo invadissem e inficcionassem. No meado do

(28) Lucien Pemjean — "Vers l'Invasion".

(29) P. Deschamps — "Les sociétés secrètes". — Gougenot des Mousseux — "Le Juif, le Judaïsme et la Judaïsation des Peuples Chrétiens".

último século, Edmond de Goncourt adivinhou até aonde chegaria, desde que encontrasse todas as defesas arrazadas pelos adoradores da Deusa Razão: “Odeio essa raça que tem, incontestavelmente, aptidões superiores para conquistar o Capital e que, neste século XIX, faz do dinheiro factor do governo, da guerra, de tudo; faz do dinheiro o PODER-TODO-PODEROSO. No fim do século XX serão os Marquêses do Dinheiro da França, tronando sobre uma população de católicos empobrecidos e escravizados”...

As dôres de parto da Revolução Francêsa deram á luz um homem fatidico que absorveu suas energias, condensou-as e as espalhou pelo mundo na ponta das baionetas de seus veteranos. Durante mais duma década, êle assombrou os povos com os golpes do seu genio militar. “Não repeliu o crime de sua carreira politica, mas tambem não o provocou. Foi duro sem ser cruel e astucioso sem ser perfido”. Sua inquietação via sempre á sua frente um obstaculo ao estabelecimento de seu dominio sobre a terra. Alguma cousa impedia continuamente o Imperio Francês de ser o Imperio Universal que sonhava construir. Essa alguma cousa, na sua obsessão, era a Inglaterra. Precisava batê-la e esmagá-la onde quer que se apoiasse: no Egipto, nas Indias, na Peninsula Iberica, na Prussia, na Austria, na Russia. E o obstaculo desaparecia um momento deante dêle para reaparecer mais adeante. Napoleão viveu a imensa tragedia da infrutifera

busca dêsse obstaculo com a espada nua e ensanguentada na mão. Quando feria o espétro e o julgava pulverizado sob o sol de Austerlitz, nas areias das Piramides, no planalto de Iena ou na planicie de Borodino, êle se amostrava além, rindo com seu riso frio de caveira... Uma tarde, aproximou-se do Imperador fatigado e apertou-o para sempre nos braços esqueleticos. A noite caíu e o luar merencóreo derramou suas lágrimas de prata sobre os cadaveres da Velha Guarda no campo de Waterloo...

Preocupado tão somente com sua estrela e alheiado de Deus, o último Atlante (30), "soldado de seu proprio egoismo", que via claramente o que se passava na superficie do mundo, ignorava tranquilamente o jogo engenhoso e demoniaco dos maquinismos secretos. Nem o Imperio Britânico, nem o Imperio Austriaco, nem o Imperio Russo possuíam forças capazes de obstar a expansão do colosso napoleonico. Ninguém lhe poderia resistir ao embate armado, peito a peito. O que o paralizava era o Imperio, que êle uma feita ligeiramente suspeitára, mas na França somente, quando tentou a reunião dum Grande Sinhedrio, o Imperio Judaico. Preocupado tão somente com sua politica inorganica, o imenso artista militar não o podia compreender (31). Oculto por trás dos

(30) Dmitri de Merejkowski — "Napoléon".

(31) Saint-Yves d'Alveydre — "La mission des souverains".

outros imperios concretos, não era susceptivel de ser visto pelo olhar da Aguia que remigiava nas alturas. Mas estava presente em toda a parte, não com a ubiquidade divina, porém com a ubiquidade demoniaca. Ainda em Waterloo, enquanto Wellington se batia como um leão acuado de encontro á floresta de Soignies, um dos Rotschild apreciava de longe a batalha para, de acordo com seu resultado, ir cobrar na Bolsa de Londres o preço do sangue cristão gloriosa e desinteressadamente derramado!... Caída a grande potencia politica militar, nascia a grande potencia financeira (32).

O dualismo maniqueu dos Templarios injetado no espirito humano, de maneira sutil, fez com que da Revolução Francêsa brotassem duas correntes filosoficas e socio-politicas. Creou-se um verdadeiro Janus, de faces contrárias, mas unidas pelo mesmo cerebro, uma olhando á direita e outra á esquerda. A que logo appareceu foi o chamado Liberalismo. A que se formou mais em silencio foi o Socialismo. Logo de entrada, o primeiro dominou a Burguesia, impôs suas constituições estatais e lançou os homens á conquista dos bens materiais. A segunda surgiu sob a máscara das utopías sansimonianas e, á proporção que foi tomando corpo, tambem foi largando as roupagens cristãs com que se disfarçara até

(32) Chamberlain — "Die Grundlagen". — De Wolski — "La Russie Juive". — G. Barroso — "Brasil — Colonia de Banqueiros".

poder arvorar a bandeira vermelha do materialismo puro.

A convulsão revolucionaria gerára a última figura realmente grande que aparecera á face da terra, embora incompleta, defeituosa. Depois, rapidamente, viria a dissolução geral provocada pelo Liberalismo individualista. Esse individualismo egoísta matou a dignidade coletiva das sociedades, sem a qual não é mais possível a projeção de grandes individualidades representativas de classes ou corporações. Processou-se, naturalmente, a decomposição nacional, em cujo seio sorri a figura alvar do burguês cético, materialista, gosador, "adorador da propria passividade" (33). A Maçonaria agitou todos os povos que passaram a só pensar em Cartas e Constituições. A Realeza, amedrontada ou enfraquecida, cedeu por todos os lados, vivendo de concessões. Até os prelados se fizeram pedreiros-livres! Em proveito de Israel, foram-se desnacionalizando a politica, a moral, a instrução, tudo. Campeou a mediocridade. Após o novo surto revolucionario de 1848, Lamartine declarava a França "um deserto de homens e de idéas" (34). Definham todas as artes. Quebraram-se todas as faculdades logicas. Entrou-se na barbárie contemporânea (35). O programa continuado dessa desagregação molecular da sociedade cristã está admira-

(33) Antonio Sardinha — "Ao ritmo da ampulheta".

(34) Lamartine — "Les confidences".

(35) Antonio Sardinha — op. cit.

velmente traçado nos famosos PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO, cuja autenticidade ficou mais do que demonstrada pelos documentadíssimos trabalhos de W. Creuz e de Winberg (36). Através do Liberalismo, êsse programa levou a maioria dos povos a uma situação muito triste: desconhecimento do patriotismo, desamor às tradições e desrespeito a si mesmo, cumulando no escarnecimento do proprio país natal. Esqueceram-se todas as investiduras sagradas, perderam-se todas as compreensões vividas por gerações sucessivas, romperam-se todos os laços de solidariedade, aboliram-se os vínculos matrimoniais e patrimoniais, que dão fixidez e duração á familia — celula social.

A essa obra progressiva do Liberalismo surgido com a Revolução Francêsa, quando mais se rebaixavam as consciências diante dos triunfos materiais do seculo, a Igreja deu esmagadora e corajosa resposta com um dos documentos mais notáveis da humanidade — O SYLLABUS — cuja intransigencia doutrinaria veio demonstrar que o Espirito póde ser ocasionalmente vencido pela aluvião das Trevas, mas não se rende e é intolerante na Defesa dos Principios que sua Fé lhe aponta como verdadeiros.

A divisão do campo filosofico se projetou em todos os dominios do saber e das atividades so-

(36) W. Creuz — “Le Péril Juif” — Winberg — “Le rayon de lumière”.

ciais. O século XIX levou ao cúmulo os processos de análise e de descarnamento que vinham sendo prescritos desde o livre-exame reformista. Tudo se viu por partes. Foi o reinado absoluto das especializações. O panorama total dos fenómenos escapou a cada grupo de indivíduos preocupados com alguns fenómenos unicamente. A falta de visão do Todo conduziu êsses grupos sociais a afirmar a *verdade* de suas concepções restritas. Sem um lio coordenador, elas chocaram-se e entraram em luta, a qual se generalizou dos indivíduos até as nações, com uma agressividade fanática. Negou-se tudo o que se não compreendeu mais. Negou-se a essência das religiões, depois de combater suas regras e fórmulas. Negou-se a essência do próprio homem, depois de combater suas intuições mais profundas. O positivismo foi o estigma das novas gerações. O materialismo que êle encerra nas dobras do seu *não cogitar* extravasou e alastrou sobre o mundo. Estava, pois, o terreno preparado para o aparecimento da segunda face do Janus social que os sansimonistas haviam começado a esboçar: o socialismo, gémeo do Liberalismo, filho do mesmo pai judaico, ia entrar em cena e preparar outro cataclisma semelhante ao de 1789.

O individualismo creára o capitalismo, democratizando teoricamente o capital, o que fez com que as massas procurassem elevar seu nível de vida, aumentando a produção e o consumo sem direção científica e ainda menos moral. Isto trouxe,

naturalmente, um grande desenvolvimento comercial, que se processou dentro dos regimes liberais, nas asas do individualismo que o favorecia sem medida. Mas as consequencias do sistema produziram fenómenos politicos-sociais de tal natureza que as massas tiveram de se entregar aos exploradores da politica. Êstes, por idealismo desviado ou por cinismo tôrpe, por mandado de forças ocultas ou por interesses pessoais, conduziram a humanidade ás lutas sociais, cujos graves efeitos aí estamos vendo. “Assim — conclúe Josef Targowski, senador na Polonia e sociólogo, — á anarquia individual da época feudal foi substituida em nossos dias pela anarquia da coletividade social nos quadros do regime democratico parlamentar” (37). Faltou-lhe acrescentar que essa anarquia individual do feudalismo se processára dentro de formas rigidas de Estados Totalitarios, enquanto que a anarquia coletiva do parlamentarismo se realiza dentro de Estados dissolvidos pelos individualismos egoistas.

O mesmo autor nos dá uma bela lição sobre o momento contemporâneo. “As condições de vida sofreram profundas modificações e complicações devidas a toda a especie de fenómenos heterogeneos. Devemos, entre êles, registrar o prodigioso impulso do progresso técnico e, em sequencia a êsse

(37) Josef Targowski — “Tradition et révolution dans le rythme de la vie”.

sintoma, ou ao seu lado, o aumento da duração média da vida e da população do globo. Foi precisamente o principio dum nivel elevado de vida que contibuiu para estimular aquêlê progresso. O desenvolvimento das ciências técnicas deu os mais notaveis resultados, sobretudo nêstes dois dominios: o das invenções, visando o rápido aumento da produção e a substituição do trabalho do homem pelo da máquina; e o dos transportes, em que se chegou a diminuir muito sensivelmente o tempo necessario para levar duma extremidade da terra á outra tanto o homem, como as mercadorias que êle fabrica, o que é ainda mais importante. Dessa evolução vimos surgir os mais graves dilemas. Em primeiro lugar, a necessidade de conciliar dois fatore essencialmente contraditórios e, notadamente, o crescimento da população dum lado e o progresso técnico do outro. Êste progresso, cujo impeto desafia qualquer cálculo, faz com que dia a dia as máquinas tomem o lugar da mão de obra e privem de seu ganha-pão a população que não cessa de aumentar. Tal fenómeno se faz sentir mais duramente nos momentos em que a tensão das lutas politicas e sociais provoca, acentuando-se, a diminuição do consumo e, em consequencia, o enfraquecimento das trocas. Outro dilema não menos grave é o da organização mais eficaz e do aceleramento dos meios de transporte, programa que ameaça o atual sistema de autarquia, pelo qual cada Estado, obedecendo a motivos de ordem social e politica, tende

a garantir-se uma absoluta independencia nêsse dominio, o que necessariamente obriga a certo isolamento de sua produção (38). Nessa ordem de cousas, o fáto mais paradoxal parece ser o de saírem todas essas consequencias de principios humanitarios com tendencia a manter nos grupos étnicos particulares suas situações de posse. Ora, a realização dessas tendencias mina as bases da vida das nações na hora em que a idéa do coletivismo parece ressuscitar na fórmula do regime social e em que as relações existentes atualmente entre grupos étnicos e Estados se liberta da idéa renascente de universalismo. E é nisto que poderemos observar os desastrosos efeitos da ausencia do monismo duma *regra moral*, a qual fez com que os arsenais da intelligencia e da engenhosidade humanas militantes fôsem empregados na guerra contra os fundamentos da vida e da prosperidade, em nome dos mais sublimes principios humanitarios. O materialismo penetrou em todas as células e dominios da sociedade, sem excetuar mêsmo a vida domestica. A corrida para a riqueza foi elevada ao nivel de sumidade social, com valor quasi filosofico. O dinheiro tornou-se não um meio, mas o proprio fim da existencia, o idolo da civilização. O entesouramento, consequencia direta disso, modificou inteiramente seu papel, que passou de me-

(38) A chamada "economia de guerra"...

dida de valor para o de mercadoria. E foi este o último factor do caos social” (39).

A democratização teórica do capital entregou o commercio, a industria e as demais atividades economicas ao dominio dos mais habéis, espertos ou inescrupulosos, de modo que o capital se foi accumulando em um número cada vez mais restrito de mãos. As sociedades anónimas, as grandes companhias, os monopólios, os trusts e os carteis tornaram o capital verdadeira abstração social. Os efeitos do individualismo fôram, pois, não o que, em teoria, deveriam ser, porém justamente o contrário. É curioso como, na vida das sociedades, as praticas, ás vezes, desmentem todos os postulados das doutrinas, quando elas são passíveis de desvirtuamentos sistematicos. E a aberração monstruosa do capitalismo, obra eminentemente judaica, encheu todo o seculo XIX com sua tirania asfixiante.

O capitalismo hipertrofiou-se em imperialismo economico. Os banqueiros internacionais colonizaram os povos, quer conquistando-os pela expansão militar das grandes potencias nas terras africanas, asiaticas, oceanicas e mesmo americanas, estas herdadas da era dos descobrimentos; quer escravizando-os por meio de empréstimos onerosos e aladroados, de contrátos leoninos, de empresas industriais ou de transportes, de mãos dadas aos

(39) Josef Targowski — op. cit.

políticos venais e aos estadistas mediocres ou desonestos. O mundo foi partilhado pelos sindicatos ocultos de financistas e negociistas sem pátria, quasi todos judeus. O exercito inglês derramou sangue, por exemplo, na China numa guerra vergonhosa para impôr o ópio, um entorpecente proibido pelas policcias, a um povo que se não podia defender pelas armas, servindo os interesses inconfessaveis de mercadores da droga infame! E a propriedade privada, sobretudo a pequena propriedade, começou a ser sugada, destruída e concentrada em blocos dependentes de pequeno número de detentores, de modo a se proletarizarem as classes sociais, encaminhando-as para uma definitiva escravidão economica.

Nos Estados leigos, em que a Religião conseguia somente um *modus-vivendi* sob a condição de limitar-se á orbita das cousas privadas, sem a menor ingerencia na vida politica, em que a politica se fraccionava em partidos e sub-partidos, em que nenhuma sintese social era possivel, o Judaismo Capitalista penetrou á sombra dos *Imortais Principios* de 1789 e começou a solapar todas as bases morais do homem. Dono dos transportes, das comunicações e da formidavel alavanca da imprensa, influiu no ensino e na legislação, lentamente preparando as vias de seu dominio messianico sobre as nações desmoralizadas, iludidas, envilecidas, miseraveis e esquecidas de Deus.

A corrida para o abismo levou o mundo aos horrores da Grande Guerra. A humanidade estra-

galhou-se para gaudio dos fabricantes de armas, dos fornecedores de munições e dos intermediarios de altos negocios. O sangue da mocidade cristã ensopou as terras revolvidas pela metralha no Oriente e no Ocidente, no Norte e no Sul. Nunca maior crime fôra perpetrado á face do planeta. Seus fins ocultos se revelaram na Conferencia da Paz, em Versalhes, quando as nações exaustas entregaram á diplomacia, em que “tudo mente até a gramatica” (40), seu triste futuro. Após mil intrigas de gabinete, chegaram-se a conclusões antimorais, anti-religiosas e anti-sociais, sob a inspiração do banqueirismo judaico. A êsse congresso cabe bem a objurgatoria do marquês de Saint Yves d’Alveydre sobre o da Vestfália, em 1648: “Seria cem vezes mais leal, mais digno e menos corrupto para os governos como para as nações uma junta de generais ditando militarmente aos escribas da diplomacia as ordens da Força. Seria pelo menos a verdade núa e crúa” (41)! O espirito cristão fugira dêsse conclave de vinte e seis povos, entre pequenos e grandes, os primeiros simples caudatarios dos segundos. E por isso o que daí saíu não podia ser uma Paz Arbitral, uma Paz digna de tal nome, porém, mera anistia entre poderes anarquicos e rivais, como os fátos subsequentes fôram e ainda vão provando.

(40) Sant-Yves d’Alveydre — “Mission des souverains”.

(41) Idem.

A Reforma de Lutero fizera desencadear-se a Guerra dos Trinta Anos. A Revolução dos Pedreiros-Livres provocára todas as guerras políticas e imperialistas do século XIX. A Conflagração Mundial trouxe com sua sangueira a Guerra das Classes, a Guerra Social. O encadeamento é digno de nota!

Ao tratado da Vestfália, que, sem força moral para tanto, creou a instável situação conhecida pelo mentiroso nome de Equilíbrio Europeu, se deu o título pomposo de Código das Nações, desvirtuando na política pragmática o sonho idealista que o rei Jorge Podebrad da Boemia expusera em carta a Luiz XI de França e que Henrique IV pretendia realizar, de concerto com Isabel da Inglaterra, quando o punhal misterioso de Ravallac lhe cortou o fio da vida: um super-governo moral apoiado num tribunal regular do Direito das Gentes. Essa grandiosa e bela idéa foi apresentada ao concílio de Versalhes pelo presidente Wilson. Mas seu inspirador era o judeu Baruch e seu conselheiro e fiscal, disfarçado em alter-ego, espécie de "Eminence-grise", o judeu Haus, com a máscara de Coronel House (42). A criação saiu mesquinha e tendenciosa, tornando-se nas mãos dos regedores israelitas do mundo um instrumento de confusão, de intriga e de finalidades pouco claras...

(42) D. Petrovsky — "La Russie sous les Juifs".

As utopias socialistas do seculo XVIII, correndo emparelhadas com o Liberalismo burguês do mesmo seculo e do seguinte, fôram produzindo os varios socialismos democraticos parlamentares e oportunistas. Como a feição politica que tomaram demonstrasse sua absorpção mais ou menos lenta, porém fatal, pelo regime burguês, o Judaismo lançou através do rabinico Karl Marx (43) a idéa comunista emoldurada num sistema filosofico e social ao alcance das massas trabalhadoras. Espalhada a idéa comunista nos meios operarios da Europa Ocidental, assentada a ação dos proletarios numa reunião Internacional, ficou resolvido um golpe revolucionario para tomar conta da França, base de operações de onde facilmente se irradiaria a nova doutrina. As raizes judaicas da mesma já fôram á saciedade provadas no livro documentadissimo de Salluste — “Les origines secrètes du Bolchevisme”. Aproveitando a confusão proveniente da queda do Segundo Imperio francês sob os pés dos invasores prussianos, em 1871, estabeleceu-se a Comuna em Paris por muitos dias, com seu cortejo de horrores á sombra esvoaçante da bandeira vermelha. Dominados pela reação das tropas, os comunistas encolheram-se até o ano de 1917, quando, aproveitando situação identica na Russia, conseguiram apoderar-se dum grande Imperio e dêle fazer ponto

(43) Salluste — “Les origines secrètes du Bolchevisme”.

de apoio para um ataque ao mundo. A ligação entre os dois movimentos é de tal ordem que Lenine repousa no seu túmulo da praça Vermelha, em Moscovo, sobre a bandeira rubra que tremulou em Paris incendiado e ensanguentado.

Essa técnica revolucionaria duma minoria que se apodera de surpresa do poder e nêle se mantém pelo terror, a técnica do *putsch*, praticada na Baviera pelo judeu Kurt Eisner e na Hungria pelo judeu Bela Kun, basta para revelar a procedencia israelita do movimento comunista. Dêsde que Israel se meteu na cabeça dominar o mundo, messianicamente, que a põe em prática, como a história minuciosamente no-lo revela. Segundo a Biblia, é assim que a tribu de Dan se apodera da cidade sidoniana de Laís, saqueando-a e passando a fio de espada a população. Pouco mais dum seculo antes de Cristo, tomaram dessa fórmula a cidade de Cirena e a ilha de Chipre, trucidando 240 mil pessoas! A conspiração de Halevi contra os mouros de Espanha, descoberta a tempo, devia processar-se dessa maneira. No seculo X, prepararam conjura semelhante no reino da Persia; no seculo XI, no califado de Bagdad; no seculo XV, no Imperio Otomano (44). O movimento dos Iluminados, preparado cuidadosamente pelo judeu Weisshaupt e que, graças a Deus, gorou, obedecia ao mesmo método. Preconizando os *putschs* auda-

(44) C. Cantu — "Histoire Universelle".

zes duma pequena minoria, Lenine não se prende a Blanqui e Sorel, nem foi influenciado por Bakunine e Tkatschew; mas, como êles, se imbuíu do velho espirito judaico dos golpes violentos e sanguinarios, iguais áquêle pelo qual, com o famoso Mardoqueu, mataram os persas, não poupando as criancinhas de peito, façanha que todos os anos os ghettos comemoram na festa do Purim.

O ateismo do seculo XVIII produziu o materialismo burguês do seculo XIX. É dêsse materialismo que decorre, como consequencia logica e fatal, o comunismo-marxista. O marxismo é uma nova concepção do mundo, concepção inteiramente mecanica. Por ela, os homens perdem inteiramente sua consciência, abolindo toda tradição, todas as idéas herdadas, todos os preconceitos, para ficarem somente com o conhecimento objetivo. É o dominio completo dos fenómenos sob a égide do determinismo historico. E a luta de classes dá á classe que obtem a vitória o poder de esmagar a outra. Como a vitória deve ser do proletariado, êste, por meio duma ditadura de ferro, conduzirá a sociedade ao ideal terrestre: a um estado social sem classes, sem vinculos, sem propriedade, sem familia, sem governo de pessoas, regido pelas leis naturais, o "governo das cousas". Segundo essa concepção, o espirito é simples função da materia, de modo que todas as atividades espirituais da sociedade não passam de superestruturas condicionadas á sua economia. A economia, portanto, é tudo para o mar-

xismo, tudo crêa, tudo produz, tudo dela depende. O Estado que se construir sobre essa doutrina será simplesmente o Imperio Economico-Material.

Os revolucionarios russos, ou melhor judeus, conhecidos pela autonomasia de bolcheviques ou bolchevistas, isto é, majoritarios ou maximalistas, derrubando a autocracia tzarista, instituiram êsse Estado na imensa Russia. Pollock (45) define-o como uma sociedade sem classes, cuja produção é regulada metodicamente sem mercados e pela técnica mais perfeita, sendo posta em comunhão. A máquina governamental serve tão somente para levar a êsse ideal. Toda e qualquer concessão a outros sistemas não passa de medida de ordem estratégica ou tática (46). São meios respiratorios, são recursos para ganhar tempo. Porque o regime comunista é intolerante como todos os regimes que estão certos de exprimir a verdade. Êle exclúe e repele de modo absoluto tudo quanto não fôr sua politica e sua economia proprias, destruindo a cultura intelectual e a liberdade pessoal pela opressão social e politica, submetendo todas as manifestações e atividades ao jugo brutal de sua politica estritamente economica (47). Sua filosofia reduz-se á historia apreciada do ponto de vista materia-

(45) Frederic Pollock — "Les essais de plan économique dans l'Union des Soviets".

(46) Maurice Dobb — "Russian Economic Development since the revolution".

(47) Gurian — "Le bolshevisme".

lista. Sua moral é destruir todas as forças que se oponham ás suas fórmulas, seja por que meio fôr. Condicionando tudo aos fins, os fins justificam os meios, pelos quais, como observa Frederico Eccard, o homem-animal-social combate para estabelecer sua nova organização social.

Gurian afirma, depois duma análise admiravel do comunismo-marxista que êle é um *produto direto da sociedade burguêsa* e que mostra até que ponto póde chegar a concepção íntima do Universo pela sociedade burguêsa. Dêsde que, envenenada pelo seculo XVIII e pelos *Imortais Principios*, a burguesia afastou o Cristianismo da direção da sociedade e só lhe deixou a das almas, de modo privado, fatalmente esquecida do Cordeiro de Deus, a humanidade se entregou ao Capricornio judaico. A burguesia, em resumo, ensinou o ateismo ao proletario sofredor. E é daí que vem para o bolchevismo uma apparencia de religião, religião sem Deus! Rigorosamente ateu, pois o conceito materialista da história nada admite além da vida, seu deus é a sociedade comunista servida pelo proletariado, escravo do judaismo. Chega-se a uma como Auto-Deificação da Humanidade, que o positivismo de Augusto Comte já esboçara. A fé nêsse novo deus cria o fanatismo que esconde aos olhos dos fieis do credo materialista todas as fraudes,, todas as imposturas, todos os engodos, todos os enganoses e mêsmo todas as inocencias, para somente lhes mostrar as promessas dum futuro melhor, o rei-

nado da justiça social. Por isso, a religião, no Estado Comunista, não pôde mais ser tolerada, como no Estado Liberal, tendo de fatalmente ficar fóra da lei. Por isso, quando Hoglund propôs a fusão do comunismo e da religião, foi imediatamente expulso da IIIª Internacional.

É uma Contra-Igreja, uma Anti-Igreja que se fórma na base do materialismo dialetico. “Por esta fórmula, o bolchevismo caracteriza seu conceito do Universo, sua filosofia. De entrada, o materialismo dialetico diferencia-se de qualquer materialismo metafisico, como os em voga no seculo XVIII ou entre os naturalistas burguêses do seculo XIX. Para êle, o mundo não é um mundo estático e sem história; é, pelo contrário, uma realidade historica que se move e se transforma. A dialetica é a ciência dessa transformação e de seus movimentos, o metodo proprio para sua compreensão; mas não é idealista como a de Hegel: repousa, pelo contrário, sobre o materialismo objetivo, permitindo apreender as mudanças e transformações da realidade historica e social, como base material, isto é, resultando das condições de produção e da disposição das camadas sociais que a exprimem” (48).

A experiencia do *putsch* da Comuna de 1871 demonstrára que o proletariado não pôde apoderar-se das engrenagens sociais e acioná-las em seu proveito. O maquinismo o esmagará. Êle deve, pois,

(48) Gurian — “Le bolchevisme”.

destruí-lo completamente e substituí-lo pelo seu. Como é uma Anti-Igreja, deve levar ao extremo a guerra á religião e arrancar a idéa de Deus do coração das massas. Daí a campanha ateísta desencadeada na Russia de todos os modos, sobretudo pela criação de escolas, institutos, grupos, brigadas, esquadras e juventudes SEM DEUS (49)! Chegou-se á prática de meios como êste: Em uma conferencia anti-religiosa na cidade de Iaroslav, mostrou-se ao auditorio uma velha imagem de Cristo. O conferencista perguntou-lhe se era favoravel á liga dos SEM DEUS. Então, produziu-se um MILAGRE... A imagem resplandeceu e, em torno dela, brilharam legendas favoraveis á campanha ateísta. O público ria gostosamente. Depois, as lagrimas correram pelas faces do Cristo. E o orador explicou como o MILAGRE fôra produzido eletrica e quimicamente (50)...

Quando a Igreja luta tenazmente contra o comunismo, não tem em mira defender a sociedade burguêsa -capitalista, tão contrária ao seu espirito, mas conservar ao homem a possibilidade de se desenvolver segundo sua verdadeira essencia. "Na sociedade burguêsa, a Igreja tem a faculdade de tentar influenciar o dominio público pelo dominio privado. Isso não é mais possivel onde o bolchevismo chega ao poder, porque o dominio pri-

(49) Gurian — op. cit. — Guyot — "Dieu chez les Soviets".

(50) Gurian — op. cit.

vado passa também a depender d'êle e a servir seus fins. Assim, com o tempo, a Igreja não é mais autorizada a existir e a agir como entidade social. Cada vez mais é recalcada, pois que o bolchevismo é a Anti-Igreja que, gradualmente se substitúe á Igreja do Cristo" (51).

Uma documentação cerrada e irrespondível demonstra a ação judaica nessa obra anti-cristã para a escravidão dos povos ao capitalismo de Estado ás mãos de um bando de judeus (52). É a escravidão das massas sob o Estado-Férula de Gurian, a volta ao regime dos pastores e rebanhos sob o cajado de ferro para o qual apelam os "Protocolos dos Sabios de Sião"...

Se os povos modernos, empeçonhados de falsos racionalismos, não se tivessem abastardado até o mais grosseiro sensualismo, as massas não receberiam a doutrina comunista como um credo salvador. Fôram a imoralidade e a cupidez, o esquecimento dos preceitos cristãos que permitiram que um bando de judeus e malfeitores conquistasse um grande Imperio, para nêle fazer uma experiencia social fundada em hipoteses filhas mais da vaidade e da suficiencia do que da observação, da meditação e do estudo.

No Imperio do Capricornio, o Homem desceu

(51) Poncins — "Les forces secrètes de la Revolution".

(52) Petrovsky — "La Russie sous les Juifs".

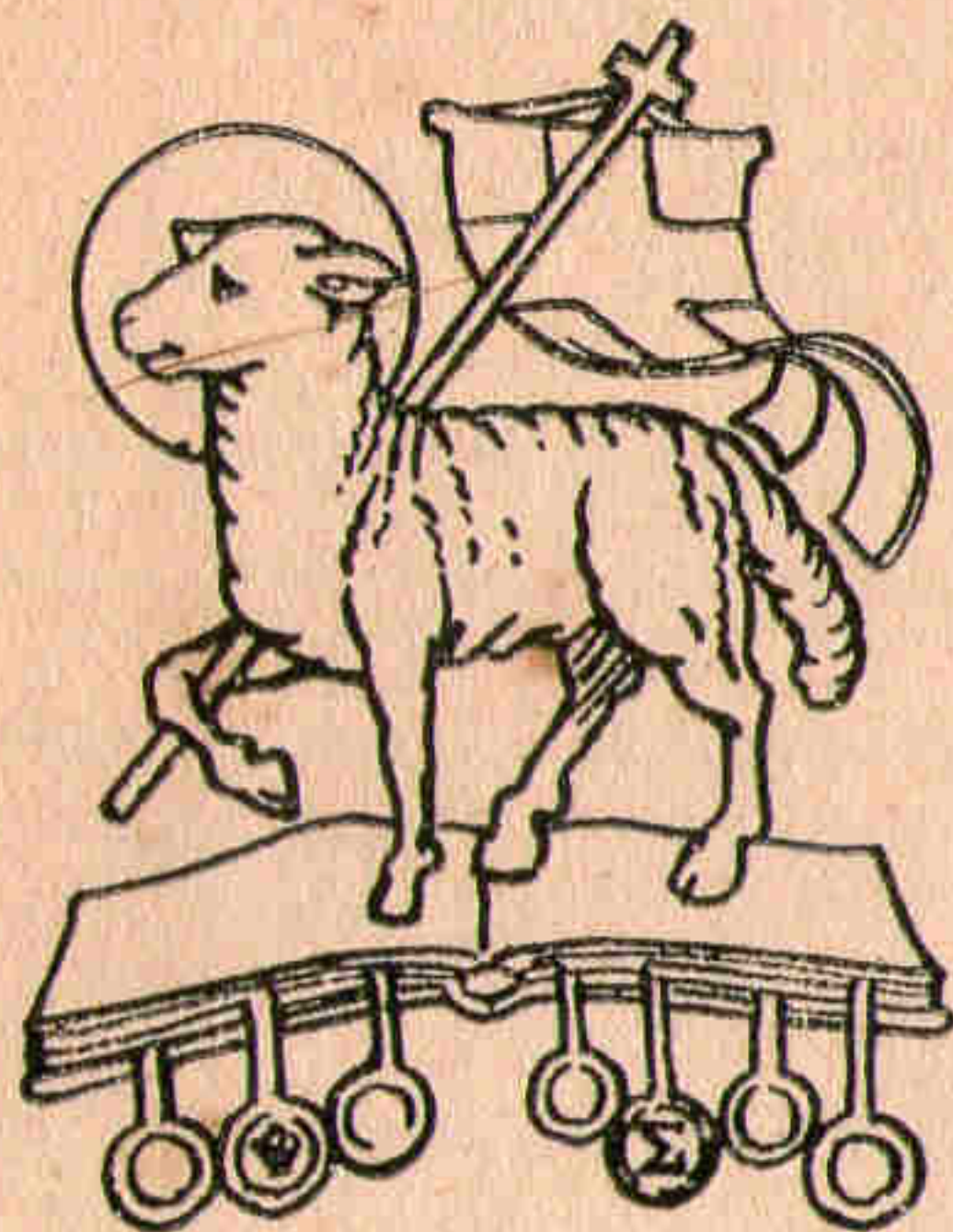
ao desprezo completo da Imortalidade, para se contentar com a criação na Terra duma existencia cheia de alegrias. O aperfeiçoamento da técnica e a regulamentação perfeita da produção e do consumo são os meios mais capazes de levar o Homem a êsse novo paraíso. Toda a confusão assoprada pelo nemrodismo judaico vem produzir êste resultado fatal: o Imperio Economico manejado por algumas mãos...

Temos de combater os erros comunistas, que representam o maior perigo para a humanidade não-judaica, refutando-os nos seus fundamentos e esclarecendo as massas sobre suas consequencias danosas. Além duma transformação economica, o comunismo não póde dar nada. E, quando nenhum futuro mais puder apontar aos enganados, cairá para nunca mais se erguer. O mundo espiritual reserva aos que nêle crêem perspectivas ilimitadas. Somente êle poderá levar os homens a um destino capaz de acalmar na sua alma a inquietação que trazem do misterio insondavel de sua origem. Deante do Anti-Cristo, formado pelo comunismo, irmão e socio do liberalismo burguês, reverso do capitalismo, impõe-se á volta ao Cristo para uma nova salvação. O Imperio da Animalidade e da Economia, o Imperio do Capricornio só poderá ser vencido definitivamente por uma nova espiritualização da Humanidade. Já ha muito anos, num discurso celebre, Guilherme Ferrero o adivinhava e procla-

mava: "O capitalismo somente poderá ser ameaçado seriamente por um *grande movimento ascetico* que penetre as massas e as arranque dos vícios e luxos a que estão habituadas dêsde um seculo (53)".

(53) G. Ferrero — "Discours aux sourds".





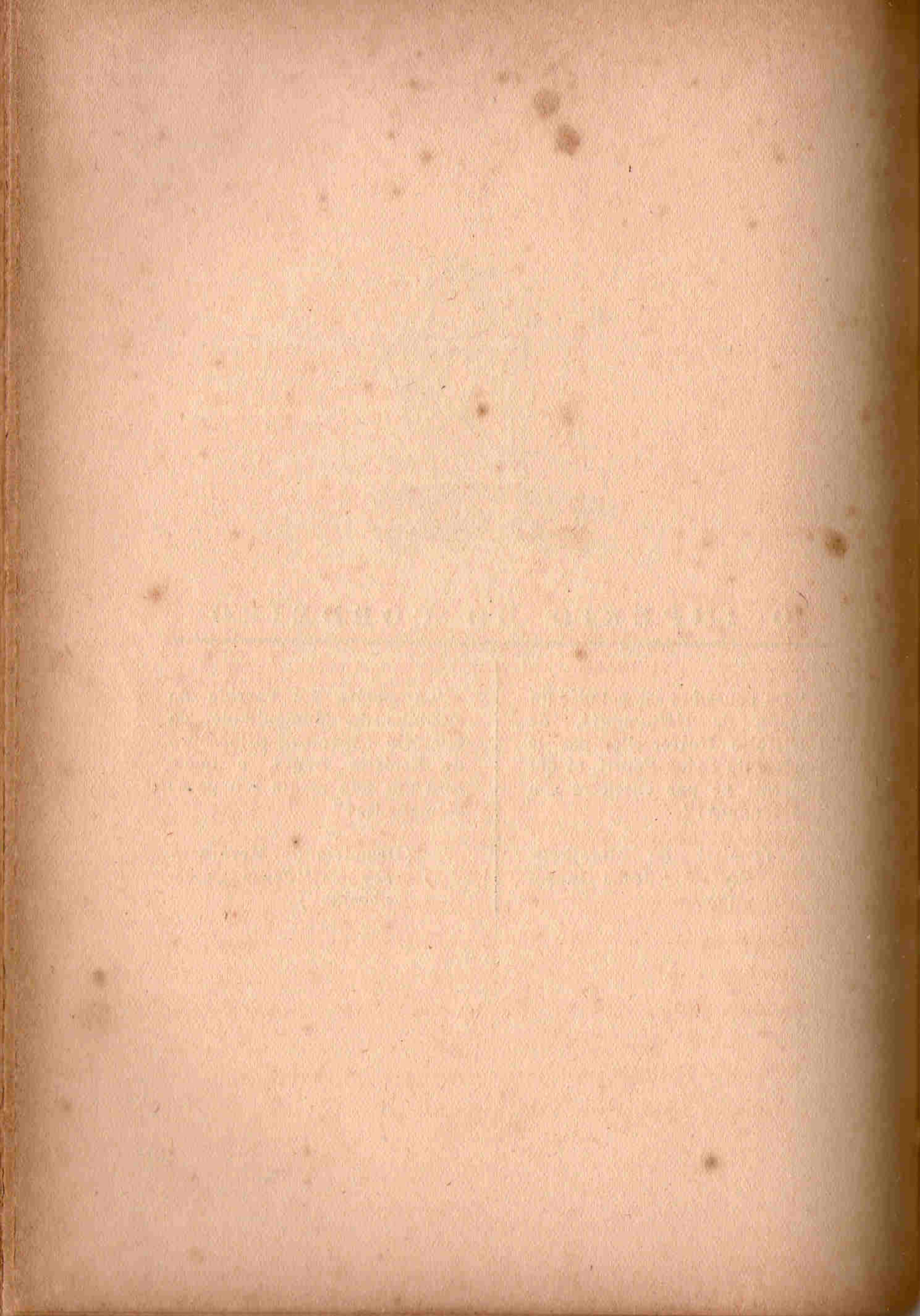
O IMPERIO DO CORDEIRO

“La poussière est balayée du
Chémin de l'Humanité, de
l'Histoire Universelle, par le
souffle du Saint Esprit, et qui
pourrait ne pas entendre son
pas tonnant?”

(Dmitri de Merejkow-
sky — “Jesus Incon-
nu”).

“A poeira foi varrida do
caminho da Humanidade, da
História Universal, pelo sôpro
do Espirito Santo, e quem
será que não escuta seu passo
retumbante?”

(Demetrio de Merejkow-
sky — “Jesus Desco-
nhecido”).



No fundo do abismo a que chegou, a Humanidade sentiu brotar do intimo de sua alma a necessidade de novo regime capaz de corresponder ao desejo de seu proprio sub-consciente, que é encontrar uma regra moral que lhe dê ritmo aos movimentos e a dirija para um futuro melhor. Sua existencia não póde continuar a processar-se dentro duma aggressividade constante e crescente: luta de nações, luta de partidos, luta de classes e luta de sexos. O esgotamento dos povos lança-os para o quadro de suas velhas tradições, que formam sua propria alma. E daí a necessidade de crear um órgão poderoso, com a força necessaria para impor a ordem, manter a paz e realizar, tanto quanto possível, a justiça social. Êsse órgão tem de ser o Estado, não mais considerado como organismo ou mecanismo, segundo os postulados liberais ou comunistas, porém como expressão da sociedade, unha e carne com ela. Assim, nasceu o sentimento do Estado Forte, que os ignorantes ou os de má fé confundem com ditadura, quando êle nada mais é do que o Estado reforçado contra os individuos, os grupos e os carteis, tanto os politicos quanto os

financeiros e economicos, reforçado “não mecanicamente, mas moralmente” (1).

Esse Estado é a resultante fatal duma síntese social. Síntese é a palavra de ordem que o século XX traz aos homens desta e das próximas gerações. A bêsta cornuda e falante da visão profética de Daniel fez, com a Grande Guerra, segundo a propria letra do livro santo, tudo “em miudos pedaços”. A análise atingira ao cúmulo e levara os homens aos vórtices preparados pela *immodica possidendi libido* do capitalismo sem pátria, sem moral e sem Deus: a guerra e aquêle monstruoso regime implantado na Russia pelo messianismo judaico fantasiado de messianismo proletario. Demetrio de Merejkowsky arrazou com seu desprezo genial os instituidores dêsse sistema social na sua pátria infeliz (2). Os comunistas—escreveu — não passam de “pequenos anticristos”, de “diabos mediocres”.

Na organização dos elementos intelectuais das sociedades, a análise necessariamente tem de preceder a síntese. É o conhecimento minucioso das partes que permite a completa visão do Todo, com o conhecimento pormenorizado das divisões. “A síntese só se processa mais tarde, quando se rasga o véu dos textos sagrados e se vê o fim universal a que a Providencia, até então velada, conduz os

(1) Josef Targowski — “Tradition et Révolution dans le Rythme de la Vie”.

(2) Dmitri de Merejkowsky — “Jesus Inconnu”.

povos, esperando como supremo resultado de sua liberdade o assentimento consciente de toda a sua intelligencia" (3).

O seculo XIX, apogeu do judaismo, do liberalismo, do capitalismo, do pragmatismo e do socialismo marxista, não foi absolutamente inútil, como muitos pensam. Das suas lições e da sua experiencia se fará êste seculo. Seu progresso mecanico, material, parecendo servir tão somente á Materia, em verdade serviu ao Espirito, pois nos seus laboratorios ficou patente a inexistencia da Materia deante da força creadora e plasmadora da Energia. Porque êle reduziu o mundo antigo, o mundo da Lôba e o mundo do Capricornio "em miudos pedaços", é que nós podemos, argamassando êsses pedaços com as forças morais e espirituais, preparar o cimento armado da grande construção do Futuro, que o velho Isaías avistava nos horizontes da história, lá do fundo da Judéa: "Eis aqui o que diz o Senhor: Guardai o Direito e fazei Justiça, porque perto está a minha Salvação para vir, e a minha Justiça para se manifestar" (4)! O "Zend-Avesta", na Gâtha XXXIV, adivinha êsse periodo que ha de vir, quando se refere á "reconstituição essencial", isto é, á reforma do mundo, ao seu restabelecimento

(3) Saint-Yves d'Alveydre — "Mission des Juifs".

(4) "Haec, dixit Dominus: custodit judicium, et facite Justitiam, quia juxta est Salus mea ut veniat, et Justitia mea ut revelatur". — Profeta Isaiaë, caput LVI, v .1.

em novo estado de perfeição (5). Assim, se compreende o antiquíssimo simbolo dos Peixes zodiacais, voltados para o Oriente e para o Ocidente, ligados pelo mesmo fio. Assim, se compreende a palavra de Santo Agostinho (6) sobre a *religio vera*, o cristianismo anterior e o cristianismo posterior á Redenção. Na Epistola 1.^a, S. Pedro prognostica a divisão da Igreja em seitas rivais e cultos hostis, e a divisão do Estado Social Cristão em “nacionalidades fratricidas”, o que já ocorreu. Aponta o engôdo judaico do comunismo com estas claras palavras: “Êles lhes prometerão a liberdade, sendo êles proprios escravos, servos da concepção, pois quem foi vencido é escravo de quem o venceu” (7). “Semelhantes a animais irracionais, nasceram para sêrem presa dos homens que os fazem perecer, atacam com suas blasfêmias o que ignoram e perecerão em consequencia das vergonhosas ambições em que mergulham. Receberão a recompensa que merece sua iniquidade” (8). Por êstes ligeiros e poucos exemplos se pôdem avaliar as razões que assistem a João d’Eraines para exclamar numa das mais sensacionais paginas de sua obra “Le problème des origines et des migrations”: “Aqui e ali, encontrei sempre a crença em um estado futuro e mais per-

(5) “Zend-Avesta” — tradução de Harlez.

(6) “De civitatis Dei”.

(7) Epistola I, 19.

(8) Epistola II, 12.

feito da Humanidade, nova e proxima passagem do HOMO TERTIUS ao HOMO QUARTUS, porein em condições diversas e muito especiais". Sabemos de fonte limpa que Plinio Salgado, ao publicar seu grande livro "A quarta Humanidade", não conhecia o trabalho de João d'Eraines. Nem nós mesmo o havíamos ainda folheado. Esta citação mostra como a inspiração dos novos tempos anda no ar. O Chefe Nacional do Integralismo Brasileiro teve a intuição perfeita dêsse quarto estado social. Que é êle senão o Kali Yug da India antiga e sábia, a idade das grandes mèses inteletuais, das grandes colheitas de bens sociais, do cumprimento das Promessas Sagradas, da CIÊNCIA TOTAL, da ALIANÇA UNIVERSAL, do INTEGRALISMO? O Imperio do Carneiro foi o Imperio da Ordem; o da Lôba foi o da Força; o do Capricornio foi o da Confusão; o do Cordeiro será o da Justiça, o da Paz. *Lama sabacthani!* A época de atirar pedras passou e eis que chega a de ajuntar pedras, do proverbio de Salomão. E nós caminhamos a passos largos para aquela "nova revolução cristã" que José de Maistre previu ha muito tempo (9). É o movimento de ascetismo destinado a matar o capitalismo, no conceito de Ferrero. Porque o mal universal provem simplesmente do mal moral. As fórmulas do mal são múltiplas. A essência é uma só. A Humanidade precisa de Paz Inter-

(9) Joseph de Maistre — "Les soirées de Saint Petersbourg".

nacional e de Paz Social. Deixemos de parte todos os subterfugios e todas as causas proximas da inexistencia dessa Paz tão desejada. Procuremos a causa mater. Qual é? É a falta de Paz Interior. Dê-se Paz Interior ao homem e a Humanidade terá Paz Social e Paz Internacional.

Eis o verdadeiro sentido da “reconstituição essencial”, da “nova revolução cristã”, das “condições muito especiais” de passagem do HOMO TERTIUS ao HOMO QUARTUS, do “movimento de ascetismo”, da “revolução interior ou subjetiva” do Integralismo para produzir a “revolução exterior ou objetiva”. Nêsse ponto, dão-se as mãos através dos tempos e dos espaços o “Zend-Avesta”, José de Maistre, d’Eraines, Ferrero e o chefe Plinio Salgado. A exata compreensão dêsse sentido revolucionario é que dá ao Integralismo Brasileiro sua superioridade espiritual sobre todos os movimentos semelhantes do mundo.

Depois da Grande Guerra, sentiu-se que o barco da civilização vogava desamparado, á mercê das tempestades sociais. Superlotado de riquezas materiais, ameaçava ir a pique com o peso da propria carga. O virus judaico que inficionava o corpo da sociedade cristã desmascarava-se numa furunculose generalizada. O imenso imperio euroasiatico dos tsares caíra inteirinho em suas garras crueis. A Maçonaria, sua aliada secreta, dominava os governos das grandes potencias. Ás mãos de poderosas forças ocultas estavam os aparelhos banca-

rios, as indústrias, o trafico, os transportes e a avançada destruidora da imprensa, fazendo e desfazendo as ondas da opinião pública. As artes afundavam-se no mais grosseiro materialismo. Os vícios dominavam. O ensino mecanizado desmoralizava a juventude. O cinema imoral dissolvia a decência social. A politica degradava a moral pública. A economia sujeitava-se ao intermediario sem escrúpulos, á especulação desenfreada, ao jugo sem piedade das bolsas e do cambio. Desaparecera quasi de todo o sentido heroico da vida, o espirito de sacrificio, substituido pela filosofia brutal do exito. Nuvens de desempregados cresciam a olhos vistos, entregando as massas proletarias ao desespero. O espectro da crise mundial ria alvarmente nos horizontes dos povos. Enquanto se morria de fome aqui, ali se queimavam os excedentes da produção sem escoamento. E a falta de capacidade aquisitiva de uns ombreava com o estreito e fanatico proteccionismo de outros.

Embiocado no comunismo, o judaismo sem estranhas preparava-se para realizar o sonho descrito nos autenticissimos "Protocolos dos Sábios de Sião". Os Kahals israelitas, organizações secretas de coesão duma raça eminentemente parasitaria, á medida que a cristandade se abismava no grande naufragio moral e material, por êles proprios provocado, num verdadeiro paganismo que se viera delineando desde o humanismo neo-pagão do Renas-

cimento, iam lançando os ávidos tentáculos sobre o mundo em delírio, para vendê-lo ao correr do martelo, isto é, “do malhete destruidor da Maçonaria Internacional” (10).

Triunfo completo do Egoísmo! Nada lhe escapára. Até as forças naturais mercadejára. Os trusts do capitalismo sem pátria apoderaram-se das minas e das quedas de água. A distribuição da luz, calor e energia passou a ser mera fonte de exploração da economia pública por meio de concessões na maioria imorais e de privilégios odiosos, que agora o presidente Roosevelt denuncia nos Estados Unidos, abrindo luta para destruí-los (11). A máquina, de serva do homem, se tornou sua senhora, reduzindo às mais tristes condições a mercadoria-trabalho (12). O dinheiro, de estalão de troca, transformou-se em mercadoria também, alugado, vendido, transferido de país a país num giro contínuo de altas e baixas bolsistas, arrazadoras de toda economia social em proveito do banqueirismo internacional, proletarizador das populações, bolchevizador das massas reduzidas á miséria (13). E um negativismo verdadeiramente diabolico se refletiu

(10) Saint-Yves d'Alveydre — “L'Archeomètre”.

(11) Rev. Chas E. Cougharn — “The New Deal in Money”.

(12) Jacques Dubrin — “La grande relève des hommes par la machine”.

(13) G. Barroso — “Brasil — Colonia de banqueiros”.

nos livros de fama trombeteada pela imprensa vendida ao judeu (14).

Os homens desta geração, vivam o tempo que viverem, seja qual fôr seu destino, guardarão nos olhos angustiados a visão panorâmica dum mundo enlouquecido. Êles poderão dizer que lutaram face a face, peito a peito com o Anticristo, o creador das falsas liberdades, o quintessenciado autor das mentiras filosóficas e sociais, o impudente alquimista que faz do preto branco e do branco preto, ao sabor de seus malévolos designios, rei dos despistamentos, imperador das confusões, sumo pontífice de todas as revoltas!

Sob a venenosa poeira do sufragio universal, desenvolveu-se rapidamente o "sectarismo economico da mão de obra", cheio dum pensamento que, "parecendo vir da cabeça, sóbe do ventre", que tudo quer destruir para tudo ocupar e não para reconstruir; o qual, sob a capa de realizar a justiça social em beneficio somente do proletariado, só faz exarcebar pretensões e acicatear odios, levando o espirito de luta ás classes e aos proprios sexos. Prega a libertação das massas e para isso exige a escravização das pessoas, paradoxo dos paradoxos. Na guerra travada dentro do proprio corpo vivo das sociedades, não só se acabaram as reservas de ouro, como tambem as reservas da confiança pública. E

(14) O infame livro "Aventuras de Julio Jurenito" do judeu Elias Ehrenburgo é o padrão dessa literatura.

a miseria material deu o magro braço á indigencia mental em todos os setores e atividades da vida.

De novo, os Cavaleiros de Apocalipse galoparam sinistramente pela noite alem. O fantasma de novas guerras alçou-se no crepúsculo das nacionalidades amedrontadas. Enquanto a impotente e impudente Liga das Nações se judaizou e bizantinizou, os homens de Estado, na maioria *faróis* das forças secretas revolucionarias, fizeram praça da velha chapa gramofonica do Equilibrio Europeu, impregnado ainda de todas as inspirações juridicas do Imperio da Lôba, das Cidades de Rapina, do Imperialismo da Força e do Arbitrio, continuação arqueológica do Nemrodismo antigo. Dêsde a paz da Vestfália, êsse famoso Equilibrio Europeu custou á cristandade, mortos nas batalhas, uma média de VINTE MILHÕES de homens em cada seculo (15), sendo tão mortal aos soberanos e governos quanto aos povos dêles dependentes!

Como verdadeiros jograis que brincam com bolas e facas no picadeiro dum circo, os equilibristas dêsse sistema de instabilidade, sem o menor cuidado pelo futuro da civilização ocidental, fôram armando com todas as mortíferas invenções guerreiras de hoje duzentos milhões de mussulmanos, quatrocentos milhões de budistas, cem milhões de brahmanistas e quinhentos milhões de mongóis. No

(15) Saint-Yves d'Alveydre — "Mission des Souverains".

dia da grande prestação de contas, êsse crime custará muito caro á Europa infeudada aos fabricantes e traficantes de armamentos!

O personalismo sem doutrina, que já no seculo XV abotoava no conceito de Conluccio Salutati — de que o céu pertencia aos *homens fortes*, e que, modernamente, floriu nos heróis carlyleanos e no super-homem de Nietzsche, resvalou para o culto das massas, ás quais se emprestaram todas as qualidades e grandezas das altas figuras humanas. A crise provocada pelo governo occulto e judaico dos povos levou-as propositalmente á miseria, para delas servir-se como o ariete destruidor de toda a ordem social ainda subsistente, apesar do dissolvente liberal e materialista inoculado dos fins do seculo XVIII até os fins do seculo XIX. A burguesia, que não é uma classe, mas um espirito de sensualismo, utilitarismo, immediatismo e passividade, existente em todas as épocas e em todos os povos, hipertrofian-do-se, teria de matar com sua nefasta influencia a sociedade cristã. Fôra a burguesia da tribu de Judá que assassinára os profetas, vezes da reacção popular contra seu dominio voraz. O paganismo propriamente dito respirou sempre o hálito burguês. *Pakkana* era o burgo em sánscrito e não o campo. Dêle veio o *pagus* latino, cuja significação se alterou mais tarde. Originariamente, o pagão, habitante do *pagus*, não era o camponês simples e puro, porém o morador do burgo, astucioso e des-fibrado. Com a invasão dos bárbaros germani-

cos é que irrompeu nos vocabularios a nova palavra para classificá-lo que chegou até nós: *burghman*, burguês. É ao burguês que o judeu explorador chama com propriedade Go, no plural Goim, "povo inorganico, isto é, privado de organização direta em proveito do Estado Politico que lhe imponham letrados parasitarios" (16).

A deshumanidade burguesa nada tem do espirito cristão. É eminentemente pagã. É um resultado, por assim dizer, mecanico do Humanismo. Affirmar o contrário, "seria ignorar o Evangelho e suas chaves, sua Ciência, sua velada Sabedoria, sua Sintese divina e humana, sua Religião una e universal" (17). Essa religião é Espirito e é Vida, lava todos na sua Luz, purifica-os no seu Amor e transfigura-os na sua Gloria!

A burguesia é análise. O Cristianismo é sintese. Portanto, fundamentalmente, na sua doutrina, o Cristianismo é anti-burguês. Essa sintese prende-se através dos milenios á sintese primitiva. ISHA-VA-RÁ ou ISHÚA-RÁ diziam os sábios do ciclo de Ram. JESUS-REI ou CRISTO-REI repetem os católicos hoje, como um eco misterioso daquêle passado encoberto por um véu, cuja ponta S. Paulo levanta com estas palavras: "Fregamos a Sabedoria de Deus contida nos misterios, Sabedoria *que estava occulta*, que Deus, *antes dos seculos*, predestinou e

(16) Saint-Yves d'Alveydre — "L'Archeomètre".

(17) Saint-Yves d'Alveydre — op. cit.

preparou para nossa Gloria" (18). As igrejas protestantes, que recusaram a disciplina papal para se entregarem ao jugo dos soberanos e governos temporais, não chegaram ainda, mas chegarão a essa concepção de Cristo-Rei do Estado Social. Para fugir a essa concepção, a cristandade terá de cometer verdadeira apostasia da Lei Social cristã (19), entregando-se inteiramente ao judaísmo.

É curioso notar como brotou essa devoção do Cristo-Rei em instante tão angustioso para a catholicidade. O negativismo como que se consumira a si proprio, vestindo a tunica de Nesso da Grande Guerra. Uma década após a catástrofe, quando era de esperar a negação absoluta, abrindo todas as fronteiras ao Atila comunista, o homem começou de novo a afirmar. A necessidade de reconstruir impunha a necessidade da afirmação. "No momento em que o mundo ia sendo arrastado para destinos ignorados, no meio duma vaga de inquietação, nas profundas camadas da civilização europeia, aparentemente preocupada só com os fins materiais, borbulharam correntes anunciadoras duma renovação intelectual, moral e social" (20).

O capitalismo liberal tinha vivido (21)! Os

(18) 1ª Epistola aos Corintios, 7.

(19) Dmitri de Merejkowsky — "Jesus Inconnu".

(20) Paul Le Cour — "L'Atlantisme".

(21) Josef Targowski — "Tradition et Révolution dans le Rythme de la Vie".

marcos celestes do caminho solar que guardavam a memória das conquistas sem par do grande Ram iam marcar novas etapas duma reconquista espiritual do mundo, áspera e difícil, mas eminentemente gloriosa. Nela teriam de tomar parte sociedades inteiras, não havendo mais — como acentúa de La Rocque (22), lugar para passivos, ociosos, indiferentes ou usurarios, pois toda força divergente do labor profissional, social ou público, deve e será fatalmente esmagada como contrária á salvação do Mundo!

Quem dissesse ao rio, se o rio tivesse personalidade, que o primeiro grão de areia por êle proprio depositado numa de suas voltas iria ser o começo dum banco ou corôa que um dia lhe impedirá a passagem, obrigando-o até a procurar novo leito, passaria por visionario. Quem dissesse ao Nemrodismo judaico que dos povos lentamente preparados por êle brotaria uma idéa nova e salvadora, teria passado ha tres lustros como um pobre maluco. O plano dos veridicos “Protocolos dos Sábios de Sião” tovaca a sua meta. Tudo se negára: virtude, fé, consciência. Tudo se vendêra: opinião, intelligencia, honra. Tudo se aniquilára: Familia, Pátria, Deus. O comunismo caminhára, ora com pés de lã, ora com sapatos de ferro, pela face do planeta. Era quasi dono da Italia. Tinha

(22) Lieutenant-colonel de La Rocque — “Service Public”.

milhões de adeptos organizados na Alemanha. Enchia a França. Infiltrára-se por toda a parte. Esperavam-se os triunfos de seus famosos *putschs* técnicos em países que se apontavam a dedo. Foi quando a figura de Mussolini se projetou no vasto campo da História. Vestia uma camisa preta, desenterrára do entulho dos séculos o feixe dos litores antigos, falava duma coisa chamada *fascismo*, que parecia vaga e incompreensível ao mundo, e tonitruava discursos inflamados. A Humanidade aburguesada e cética esqueceu um momento as cocaínas morais e sociais com que vinha se envenenando sob o olhar dulçuroso do judeu internacional, olhou o fenómeno e somente fez êste comentario: — Que cabotino! Incapaz de uma visão totalitaria, unicamente viu um dos aspétos exteriores e cenograficos da grande individualidade que se alevantava do seio da mediocridade geral. O aspéto menos significativo. Tudo o mais lhe escapou.

Aquêle homem ergueu o braço, como seus antepassados latinos. Centenas de milhares de braços jovens se ergueram com o dêle. E a êsse gesto energico e imperioso o comunismo parou. Dêsde êsse dia, nunca mais deu um passo no mundo, nunca mais fez uma conquista, não tomou conta de país algum, vendo por terra todas as suas tentativas no Chile, na Espanha, na propria China.

De onde vinham o homem, a doutrina, o gesto? Do fundo da alma da sociedade ameaçada, do misterioso metabolismo do corpo social, do sub-

consciente da Humanidade, que já conheecera, em longinquo passado, a síntese magnífica do ciclo de Ram e, mais perto, a síntese cristã medieval até o século XIII. O rio vermelho que corria de Moscovo ameaçando alagar o mundo ia ser desviado por uma corôa produzida pela aluvião dos centenários. Os judeus estavam certos de lhe haverem preparado leito esplendido. Enganaram-se redondamente. Dêse algum tempo, os grãos de areia a pouco e pouco se ajuntavam.

O arrazamento de todos os cânones espirituais levára de novo os homens ao espiritualismo, porque os extremos se tocam. Os estudos néotomistas haviam mostrado a grandeza da civilização cristã coberta pela poeira voltaireana das negações e invenções. Um sopro vivificador varreu de muitos capitulos da História as teias de aranha judaicas das mentiras e falsificações. Os olhos começaram a se abrir para as verdades incontáveis. Na França, Carlos Maurras e seu grupo de lutadores reivindicaram a defesa das velhas cousas traídas e vilipendiadas. Em Portugal, o grande Antonio Sardinha e seus notáveis companheiros de pregação mostraram a necessidade da volta á tradição nacional, ao sentido heroico da vida cristã, ao espirito de sacrificio, ao Integralismo contrário aos parcialismos dissolventes. Em todos os pensadores e publicistas dêse periodo, cuja maioria passou despercebida a seus proprios contemporâneos no meio do bruhahá da intensa vida gozadora e material

das modernas babilónias, se sente uma unidade fundamental de pensamento, embora sobre ela se articulem sistemas e organismos diversos, acóordes com as realidades de cada país e o genio ético de cada povo. O seculo XVIII, com seus filósofos, néo-filántropos, ateus e humanistas, não tem mais a menor influencia sobre êsses novos espiritos, claros e linheiros como espadas, cuja flexibilidade só se sente no esgrimir das polemicas e cujo retinir só se ouve quando tapezapêam na luta.

Que querem êsses homens novos, que parecem velhos, porque se radicam fundamente no passado; que parecem velhos aos envelhecidos e envilecidos burguêses que se julgam modernos, porque são anti-morais e anti-tradicionais; êsses homens arautos de novos tempos, cuja voz o chamado *rumor do progresso* quasi abafou de modo a que só fôsse ouvida pelos que lhes ficavam proximos? Que querem? Cousas velhas e sábias para a Humanidade consciente, cousas novas e loucas para uma humanidade em completo delirio, atuada no seu transe pelo espirito diabolico do judaismo.

Querem a disciplina da dedicação e do sacrificio; querem uma educação cristã que garanta, tanto quanto possivel, a invulnerabilidade da vida e da alma; querem que se passe da negação do dever e mêsmo do espirito do dever por temor ao espirito de dever por amor; querem que se não confundam mais, para os espertos se aproveitarem disso, legitimidade e legalidade; querem destruir os forma-

lismos vonieringhianos do direito vindo da Lôba opressora; querem a primazia espiritual, a família, a tradição, a propriedade moralizada, a responsabilidade, a compensação social dos direitos pelos deveres e encargos; querem a aglomeração organica das faculdades e atividades, tanto espirituais como produtoras, das nações; querem uma consciência nacional norteando os povos ao invés de conchavos politicos interesseiros e desmoralizadores; querem os trabalhadores associados corporativamente na defesa de seus interesses e não os eleitoralismos seguidos de esnobismos, fraudes e falatórios ôcos; querem a profissão organizada, a moralidade na governação dos Estados, a unidade de coração e de pensamento na vida nacional com a extinção dos partidos; querem a harmonia social substituindo a luta de classes; querem, enfim, ordem economica, ordem politica e ordem social, isto é, ordem integral. Para isso, estudam, escrevem, pregam, enquanto os imbecis sorriem, os indiferentes não dão um passo e os gozadores se divertem. Êles sabem que suas idéas germinarão com o adubo dêsses sorrisos amarelos e com o estrume dessas indiferenças, que seus sucessores as levarão por diante e que alguns dêles um dia as porão em prática, apoderando-se do Estado politico para renovar o Estado Social. Êles estão convencidos que a Humanidade tem levado a vida inteira a zombar dos sonhadores e idealistas para, depois, realizar todas as idéas dêsses sonhadores e dêsses idealistas. Anatole France, o

mais glacial dos céuticos modernos, verificou e confessou essa verdade.

É um poeta quem planta a abençoada semente. Ao apoderar-se num reide audacioso do territorio de Fiume, proclamando a Regencia de Carnaro, Gabriel d'Annunzio teve de organizá-la. Veiu-lhe a idéa do antigo Estado totalitario cristão da Idade-Média e êle pensou nas velhas e veneráveis corporações de officios, publicando sua "Carta del Lavoro", maravilhoso documento em que, pela primeira vez, oficialmente, um governo reconhecia o VALOR MORAL do trabalho acima de seu valor economico. Foi o anuncio da revolução economica do seculo XX, a volta ás verdades da economia moral e a morte de todas as mentiras da economia naturalista.

Quando na Italia agitada pelo comunismo, presa já da anarquia rubra, as legiões de camisas-negras de Benito Mussolini marcaram com seu passo cadenciado a marcha da primeira reconquista cristã dum povo occidental, o espirito dannunziano da "Carta del Lavoro" agitou os vexilos e lábares das manipulas fascistas. A marcha sobre Roma ha de estrondar eternamente nos séculos como o caminhar das forças do Espirito contra as muralhas da Materia. Deus dirige os destinos dos povos. Mussolini foi a Joana d'Arco dêsse momento histórico. Justamente por ter sido a primeira reação, a reação de emergencia, a reação apressada, a doutrina do fascismo italiano ficou a menos completa e menos

espiritual de todas. Teve de ir completando-se na luta, organizando-se pari-passu com as vitórias obtidas consecutivamente, pouco e pouco se adaptando às realidades, sobretudo às realidades espirituais da Italia. Seu simbolo reflete isso. É a reunião das varas num feixe sob a proteção do machado (23). O que estava disperso, feito em "miúdos pedaços", como está no livro de Daniel, foi reunido e amarrado às pressas, no afã duma como defesa aproximada, segundo se diz em linguagem militar, sob a égide dum Estado ditatorial. Porem a gloria do fascismo de Mussolini jamais se apagará. Num mundo desorganizado e desvirilizado, avelhantado e entorpecido, êle fez ressoar o canto ardente da mocidade, êle creou uma mística fervorosa, êle despertou o entusiasmo e êle proclamou a morte do liberalismo burguês naquêlê dia em que, da tribuna da Camara dos Deputados, pronunciou o famoso discurso do qual cada palavra vale por uma chicotada nas faces que haviam perdido a força de coroar: — Eu poderia fazer desta sala surda e triste o bivaque dos meus milicianos, mas não o faço, porque não quero e não quero, porque ainda não é oportuno (24)... Nunca, nem quando os granadeiros de Lefèvre ex-

(23) The axes symbolises the supreme authority of the organised State, to which every section and faction owes allegiance". — Sir Oswald Mosley — "The Greater Britain".

(24) Giorgio Pini — "Storia del Fascismo".

pulsaram a coice de arma os Quinhentos da sala onde vociferavam, nem quando um cabo de marinheiros, bocejando, mandou fechar as portas da Duma de Kerenski; nunca uma assembléa liberal e parlapatona foi tratada dessa maneira. Porque, além da força e do desprezo, Mussolini demonstrou a vacuidade daquêlê orgão dos poderes públicos anarquicos: fecha-lo-ia, se quisesse, quando quisesse...

Em presença do Senado, só porque seu nome traduzia a lembrança dum passado grandioso, sua atitude foi outra. Curvou-se reverente e repetiu a invocação latina: — Pais Conscritos! É que os fascistas teem de se apoiar forçosamente nas mais antigas tradições para poderem se apoiar na alma dos povos. Em tudo, tanto Mussolini como Adolfo Hitler, que conduziu á vitória o segundo movimento fascista (25), do mundo, aprofundam as mais remotas origens de suas gentes, exaltando de todos os modos a idéa dum passado superior, para sobre essa base construir o futuro. É nas tradições celtas que vamos encontrar tanto a acha de armas, o machado, do *fascio*, como a esvástica, a cruz-gamada, do nacional-socialismo germanico. Ambos os signos proveem do vetusto simbolismo celta. Sua origem é boreal, é nórdica, como provam os documentos arqueológicos da Europa neolítica, deante dos quais

(25) Empregamos as palavras *fascismo*, *fascista* em sentido geral, para designar os movimentos de caráter nacionalista e corporativista do mundo.

a pretensa origem asiatica da cruz-gamada não pôde continuar de pé (26). E, como aparece na India, se vê que para lá foi levada pelos celtas conquistadores do ciclo de Ram.

Sem o apêlo á tradição, é impossivel reformar a moral dos povos. A tradição é o ensinamento, a experiencia, a solidariedade, o exemplo. O Estado Total, que fusiona Estado e Sociedade, de Carlos Schmitt, que o propunha, em 1931, á Alemanha ainda á espera do triunfo hitlerista (27), estende no passado suas raizes como uma árvore as aprofunda no ubertoso seio da terra. Os antigos chamavam á tradição "culto dos antepassados". Esse culto é o unico capaz de manter coesas as sociedades. Por isso, o judeu o conserva ciosamente em si, mas procura destrui-lo nos outros. Quando a lição tiver aproveitado aos povos cristãos e eles se apoiarem nêsse culto, o judaismo perderá noventa por cento de sua força destruidora. Será o começo do seu fim.

A Italia fascista apoiou-se na tradição historica do Imperio Romano. Foi a primeira rocha que achou na aluvião liberal para plantar a primeira estaca do novo edificio social. Na Alemanha liquefeita pelo liberalismo aliado á saturação judaica, o movimento de Hitler teve de buscar um apoio ainda mais profundo do que a simples tra-

(26) Otto Rahn — "La croisade contre le Graal".
— Hermann Wirth — "Der Rufgang der Menschheit".

(27) Carl Schmitt — "Hütter der Verfassung".

dição jurídica e política. E êste foi a Raça. O racismo corresponde a uma realidade alemã do mesmo modo que o romanismo imperial corresponde a uma realidade italiana. Além disso, a Italia está com quasi todas as populações verdadeiramente italianas sob a sua bandeira. A Alemanha não. Ha alemães no corredor de Danzig, na Checoeslováquia, na Polonia, na Austria, fóra dos limites do Reich; havia alemães no Sarre. Se o nacional-socialismo se limitasse á tradição duma Alemanha politica e histórica, estaria errado. Para estar certo, para corresponder exatamente á realidade, êle é obrigado a basear-se numa Alemanha racial.

Seu simbolo já não é mais um apressado ajuntamento de varas sob a proteção da força nacional. A esvástica indica movimento, dinamismo, vida. As idéas de renovação social somadas simplesmente ao Estado na Italia entram agora a mover-se, a marchar para o futuro. "O nacional-socialismo não se apresenta como uma fórmula de vida politica, mas como um plano de regeneração total, tanto física como material, economica, racial, moral e religiosa, verdadeira visão de conjunto do mundo. É uma fé" (28). O fascismo italiano tambem é uma fé. Todos os movimentos semelhantes são outras tantas fés. E eis porque venceram

(28) Jean Edouard Spenlé — "Les assises morales de l'Allemagne hitlérienne".

e vencerão, fazendo o comunismo recuar deante dêles e, o que é mais triste, por ser abjéto, disfarçar-se com rótulos nacionalistas, libertadores ou humanitarios, covardia das covardias, infamia das infamias em presença de movimentos claros e definidos que clamam abertamente seus propósitos. As mentiras não dispensam as máscaras.

Os movimentos espiritualistas de salvação nacional rapidamente se irradiaram pelo mundo. O nacional-sindicalismo dos camisas-azúes com a cruz de Cristo de Rolão Preto, em Portugal, desapareceu do cenário da nação, mas o governo de Salazar põe em prática quasi todas as suas idéas, creando o Estado Corporativo Português. Na Inglaterra, os camisas-pretas do joven e simpático sir Oswald Mosley combatem o judaismo, condemnam o parlamestarismo liberal decrépito e anunciam o Estado Corporativo Inglês, realizando já admiravel ação cultural (29). Na Polonia, em 1926, José Gralla lançou o nacional-socialismo polonio, radicando-se nos pensadores nacionais e pregando a revisão dos probemas vitais da pátria. Seus camisas-côr-de-cereja organizaram-se em 1933 e fôram dissovidos peo governo em 1934; mas êste vai aos poucos realizando idéas fascistas. Segundo

(29) Para julgá-la, bastará lêr: Sir Oswald Mosley — "The Greater Britain", — "Blackshirt Policy", — William Joyce — "Fascist Education", — A. Raven Thomson — "Fascist Educational Policy".

documentado estudo de Carlos Istambul (30), o regime que domina a Turquia moderna tem caráter nacionalista. Na Holanda, os nacionais-socialistas acabam de ter admiravel triunfo eleitoral. Ha fascistas de camisa-azul na Irlanda, de camisa-cinzena na Africa do Sul, de camisa-dourada, os cristeros, no Mexico (31), de camisa-amarela na China, de camisas-prateadas nos Estados-Unidos. O "Peskonkrusts" da Letonia ou Livonia é uma organização fascista. O "Partido Nacional Social Cristão", fundado por Adriano Arcand e José Menard no Canadá, é fascista e anti-semita. A "Legião Civica" da Republica Argentina declara-se nacionalista por "determinismo biologico" (32). Ha fascistas na Belgica, influindo já nas resoluções administrativas. Toda a mocidade católica e verdadeiramente patriota da Espanha se alista sob a bandeira fascista da "Falange Espanhola". Na Romenia, o fascismo chefiado pelo energico Cornelio Cordeanu recebeu a adesão dos agrários. As juventudes fascistas da "Orjuna" desfilam militarmente por toda a Servia. A Bulgaria está invadida pelo fascismo e tem um governo fascista-militar. As "Milicias nacionais" do Chile desafiam hoje os comunistas a reaparecerem. Os apristas agitam-se no Perú,

(30) Charles Istambul — "La Turquie de Mustapha-Kemal".

(31) Para compreender o excepcional valor desses lutadores, lêr Maurice Kalperin — "Under the lid in Mexico".

(32) "Declaracion de principios".

agitando a alma nacional aletargada. Mesmo no Japão, o deputado Matsuoka faz brotar a idéa do *integralismo* nipónico.

A Austria apoia-se no estrangeiro para impedir provisoriamente que o nazismo dela se apodere, porque êle corresponde ás aspirações de seu povo; mas é obrigada a adotar a organização corporativa do Estado para poder viver.

Um dos Estados norte-americanos, a Luiziania, rompe, governado por Huey P. Long, abertamente, contra o regime liberal da União e envereda pela trilha das doutrinas fascistas (33). Esse fenómeno do país, onde, á entrada do maior porto, a estatua colossal da Liberdade Burguêsa *ilumina o mundo*, é deveras impressionante como índice duma época, cujo carácter de reação contra o materialismo capitalista e o materialismo comunista impregna as melhores medidas do movimento a pról do Estado Forte, realizadas com dificuldades e tropeços pelo presidente Roosevelt.

A França, pátria dos *Imortais Principios*, entregue de pés e mãos atados a governos judaicos-maçonicos, quasi escravizada a Israel, como os proprios escritores judeus claramente apregôam (34), fermenta de movimentos nacionalistas, fascistas e

(33) Raymond Daniell — "The Gentleman of Louisiana".

(34) Isaac Blümchen — "Le droit de la Race Supérieure". — Michel — "La France sous l'étreinte maçonnique". — Pemjean — "La Maffia judéo-maçonnique".

anti-semitas. Violentas campanhas de imprensa documentam as atividades anti-sociais e anti-cristãs da Maçonaria, do judaísmo e do eleitoralismo político (35). Os escandalos financeiros, como o caso Staviski, desmoralizam os governos que cáem deante da ebulição das massas populares. A “Action Française” prega a restauração da tradição monárquica, tão antiga como a propria França. Os francistas arregimentam-se ao grito de: — “La France aux Français”? E os trezentos mil veteranos da “Croix de Feu”, obedientes ao comando do taciturno tenente-coronel de La Rocque esperam o momento de entrar em ação, correndo de quando a quando a páu os bandos comunistas.

Respondendo ao grito de Marx, no meado do secuo XIX, — “Proletarios de todos os países, uni-vos”! ouve-se no seculo XX outro grito: — “Nacionalistas de todos os países, uni-vos”! Uni-vos na convicção de que o nacionalismo dêste seculo, bastando-se a si mesmo, pois mergulha suas raizes no génio proprio de cada povo, renovarâ a alma das velhas sociedades e trará ao universo a idéa duma ordem pacifica internacional (36).

Que deseja êsse movimento generalizado no mundo inteiro? Busquemos nos seus *tracts*, panfletos, catecismos, manifestos e livros doutrina-rios

(35) Henry Coston — “La libre parole”. — De La Rocque — “Service Public”. — Petit — “La dictature des Loges”.

(36) Gustave Hervé — “Une voix de France”.

os pontos básicos comuns que os norteiam na sua ação e revolução: disciplina consciente e voluntária; subordinação de todo e qualquer interesse ao interesse da nação; cooperação e harmonia de classes; governo moral e materialmente forte, que possa resolver os problemas nacionais sem depender das forças que se fórmam paralelamente aos governos fracos; sacrifício pela pátria até a morte; igualdade para todos no dever de servir á coletividade, afim de que o bem de cada um venha do bem de todos; poucas palavras e muita ação; primazia absoluta do Espirito e da Moral; humildade deante de Deus.

Que ensina? O orgulho da disciplina conscientemente aceita deante do exemplo dos Chefes; a coragem de morrer por uma idéa nobre; o dom de si sem mira em recompensas materiais; a solidariedade num nacionalismo sem xenofobia; a limpeza moral no proceder; a consciência no proprio valor; a coragem de afirmar; a economia moralizada na aquisição e na fruição, e dirigida pelo Estado; o Estado integrado na Nação; a organização corporativa de todos os trabalhadores; o valor ético do trabalho; a dignidade e intangibilidade da pessoa humana; a liberdade real dentro duma democracia verdadeira; a guerra de morte ao capitalismo opressor, ao materialismo burguês e ao comunismo escravizante; o caráter sagrado da Família; o amor incondicional da Pátria; a fé absoluta em Deus.

As regras e fórmulas dessa doutrina, como as regras e fórmulas das religiões, não importam. Elas variarão no espaço e no tempo, condicionadas às realidades de cada povo, de cada região. Os fundamentos, não, porque êsses são firmes, imutáveis. O que se prega é o que todas as religiões e todos os credos morais dignos dêsse nome em todos os tempos pregaram. Êsse é aquêlê Imperio que não perecerá do profeta Daniel. Após as enxurradas de lama ou sangue, do diluvio da Força com a Lôba e do diluvio da Confusão com o Capricornio judaico-maçônico, os Ararats das Eternas Verdades rompem as águas imundas e sanguíneas, oferecendo seus flancos indestrutíveis ao encalhe das Arcas de Novas Alianças.

No dia em que as doutrinas fascistas tiverem o mundo inteiro nas mãos, numa aliança universal que Dzelepy já entrevê (37), um equilíbrio social melhor permitirá aos povos a tranquilidade necessária para organizarem a Paz Social, livres da despudorada intriga da imprensa e da propagação de doutrinas dissolventes, graças às medidas de proteção contra as forças ocultas e parasitárias movidas por messianismos sem escrúpulos. Porque, á primeira vista, parece que o fascismo é o culto dum homem, quando na verdade é unicamente o culto duma idéa que um chefe encarna. Tanto assim que, perante a comissão de inquerito

(37) Dzelepy — “L’Alliance des Fascismes”.

sobre os famosos acontecimentos de 6 de fevereiro, em Paris, Varin, companheiro de La Rocque, deu esta resposta formidável: — “Quand nos idées prendront le pouvoir” (38)... São as idéas, para os fascistas de qualquer jaez, que tomam o poder. E essas idéas apagam até os maiores antagonismos entre os povos, as maiores rivalidades, porque os fascistas verdadeiros sabem muito bem que tais antagonismos e rivalidades são, na maioria dos casos, obra daninha e pérfida das forças secretas que agem em detrimento das nações e em proveito do judaísmo corruptor. Vêde, para sentir isso, como o tenente-coronel de La Rocque se expressa sobre a Alemanha. O exemplo é flagrante. “Deve-se tratar com os alemães”? pergunta, e responde: “Sim, mil vezes sim. Mas, sob a condição de sermos primeiro *senhores de nós mesmos*, tendo acabado, no nosso país, com as *empresas revolucionarias*” (39)... Porque êle tem certeza que os governos, infeudados a essas *empresas*, absolutamente escravizados, não são senhores de seus movimentos nem representam o sentir da nacionalidade; antes pelo contrário, acionados por essas *empresas*, defendem os interesses destas em detrimento dos verdadeiros interesses nacionais.

Do exposto se verifica nitidamente que toda revolução de caráter fascista começa por uma revo-

(38) De La Rocque — “Service Public”.

(39) De La Rocque — op. cit.

lução interior. Chamam-se hoje, na confusão reinante em tudo, revolucionarios os homens que negam a primazia das leis morais e se entregam á cega correnteza dos impulsos naturais. Isso é amesquinhar o sêr humano, é animalizá-lo. O caráter específico do homem é justamente o da libertação do dominio da materia para ascender aos páramos da espiritualidade. Revolucionario verdadeiro é aquêlê que reage contra os instintos. Os maiores revolucionarios fôram os ascetas e os santos. A maior revolução de todos os tempos foi o Cristianismo. A unica revolução digna de tal titulo na História, depois dêle, é o movimento renovador e regenerador do fascismo. Êle não vem substituir homens como as pseudo revoluções liberais, simplesmente politicas, de espirito revolucionario engarrafado; nem tudo destruir para tudo ocupar como a subversão comunista. Sua revolução processa-se de dentro para fóra, combatendo pela palavra o regime vigente, mostrando seus erros e crimes, convencendo as massas da superioridade de sua doutrina e de seus processos, crescendo lentamente, naturalmente, até romper a casca do ovo que a contem, “até rebentar o envolucro” (40), de modo a apresentar sua construção em lugar da antiga que absorveu. Não foi de outro modo que se fez a Revolução Cristã. Jesus Cristo foi circuncizado de acôrdo com a lei mosaica. “Vim para cumprir a

(40) Dmitri de Merejkowsky — “Jesus Inconnu”.

lei", declarou. Cumpriu-a, destruindo-a naturalmente, até dar-lhe substituição completa. Porque o Cristianismo era a revolução em todos os sentidos, que partia das almas, reformando-as, para reformar o todo social. Também a Revolução Fascista é integral e marcha na mesma direção.

O Integralismo Brasileiro, que simboliza no SIGMA a soma de todas as realidades, fatores, atividades e aspirações duma grande pátria, desmoralizada pelo liberalismo, solapada pelo comunismo e escravizada pelo banqueirismo, de todos os movimentos fascistas do mundo atual é aquêle que contem maior dose de espiritualidade. Surgido depois de Mussolini e de Hitler, êle afirma mais fortemente o primado do Espirito e mais alto se eleva, como prova sua doutrina, para as Verdades Eternas que cintilam nas auras dos novos tempos.

Nêste século, como adivinhou no século passado Fabre d'Olivet (41), os dois adversarios da grande luta religiosa do Ocidente medirão suas forças. O livre-exame que algemou o homem aos determinismos mais uma vez se chocará com o livre-arbitrio que faz com que a liberdade do homem esteja sempre onde está o Espirito de Deus (42). Suplantarão uma a outra ou se confundirão numa nova síntese social. Das terras do norte do continente americano, as idéas dos puri-

(41) Fabre d'Olivet — "De l'Etat Social de l'Homme".

(42) *Ubi spiritus Dei ibi libertas.*

tanos e quakers agiram reflexamente sobre a Europa do fim do século XVIII e do começo do século XIX. Das terras do sul do mesmo continente, as idéas mais puras e mais fortes do cristianismo católico, plantadas pelos catequizadores jesuitas, agirão de modo identico sobre a Europa do século XX. O Integralismo Brasileiro construirá uma Grande República Imperial, um Grande Imperio Cristão, e a sua doutrina completa influenciará os destinos da Humanidade.

Os homens desta geração, mesmo os mais cren-tes e fervorosos propugnadores das novas idéas, trazem consigo, intrinsecamente, resíduos venenosos do passado. Eles verão unicamente o dealbar da madrugada do Grande Dia. Seu papel limita-se sómente ao de precursores. E só lhes será permitido, pelo que pecaram no liberalismo ou no socialismo, sob o signo do Capricornio, a consolação de vislumbrar nos longes do horizonte o vulto gigantesco do edificio, cujos alicerces cimentaram com sua fé e que as gerações de amanhã acabarão de elevar para a felicidade de outras gerações. Então, a posteridade verificará que os não moveu a mesquinha ambição dos proventos imediatos nem a sede enganosa do poder, mas o anélo fecundo de erigir alguma cousa de verdadeiramente grande para a Eterna Gloria do Brasil.

Depois de quarenta anos de peregrinação pelo deserto, os israelitas chegaram ao limiar da Terra da Promissão. Do alto do monte Nebo, Moisés viu

o panorama esplendido do Canaã: águas alumian-do como aço polido sob os raios do sol, o casario branco de Jericó alvejando por entre os palmeirais verdes, a cortina arroxeadada das montanhas no fundo da paisagem. Seus olhos se encheram de lágrimas e, com aquela visão maravilhosa retratada nas pupilas, cerrou as pálpebras, como para guardá-la para sempre, e morreu. A Josué caberia a conquista da Terra Santa...

Do alto da sinistra cidadela herodiana de Makeros, por uma das lumieiras gradeadas do calabouço, o Batista olhava os vales e montes da Galiléa, com seu lago espelhando á luz do dia, e as veigas suaves, e os prados floridos, e os vinhedos carregados, os olhos também enevoados de lágrimas, pois sabia que outro *maior do que êle, maior do que Elias*, seria o constructor do Mundo Novo que êle somente anunciára, batizando os homens de bôa vontade...

Os homens desta geração são os Precursores do Novo Imperio Arbitral, do Imperio do Cordeiro, da Quarta Igreja, do Quarto Imperio, da Quarta Humanidade. Annunciaram a Bôa-Nova ao povo brasileiro e irão, cumprindo seu destino, dormir o sono eterno, levando nos olhos lacrimosos a imagem maravilhosa do Brasil do Futuro, do Brasil-Integral, que as gerações novas, mais integralistas do que êles, sem eiva das peçonhas do século XIX, saberão acabar de construir.

A paz é o reflexo de Deus no organismo so-

cial, ensinou a vetusta doutrina que elevou outróra pelo genio de Ram o primitivo Imperio do Carneiro. Os tempos são chegados do reinado do Cordeiro Divino que resgatou os pecados do mundo: Cristo vive! Cristo reina! Cristo Impera! E a Gloria Infinita de Deus resplandecerá na Unidade Espiritual dos Povos!

AMEN

Um livro de Historia e de Recordações

RODRIGO OCTAVIO — Minhas Memorias

dos Outros 10\$000

“As recordações do Snr. Rodrigo Octavio contribuem para que melhor se conheçam certas personagens da literatura e da politica e para que se forme um juizo exacto do que foram alguns grandes eventos da nossa vida collectiva.

Não lhes faltando, como não lhe falta, ao narrador, o dom da singeleza, a leitura do livro corre sem esforço, num crescendo de interesse”. — *PLINIO BARRETO*.

“Revelações das mais interessantes que achamos no livro são as que se prendem á vida e á pessoa de Raul Pompéa.

Entre as paginas mais significativas do Snr. Rodrigo Octavio, eu ponho o seu estudo sobre Carlos de Carvalho.

O livro encerra outras paginas de interesse igual a essas. Seu estudo sobre Prudente de Moraes é um pequeno excellente livro. Suas reminiscencias de Nabuco são muito curiosas e vivas”. — *MUCIO LEÃO*.

“Rodrigo Octavio relembra os homens que conheceu. Elle fala de velhas coisas, de um velho Brasil, de um Brasil que não volta mais. E não ha geito melhor de estudar historia que lêr coisas assim, sahidas do archivo das gavetas e das saudades de um grande espirito”. — *RUBEM BRAGA*.

“Este livro é uma das mais valiosas contribuições á historia anecdotica do fim da monarchia e de todo o periodo da proclamação á consolidação da republica em nosso paiz”.

“*Jornal do Commercio*” R. de Janeiro, 7-10-1934.

Muito breve: — NOVA SÉRIE

Entre os vultos da NOVA SÉRIE, figuram:

MACHADO DE ASSIS

ALUIZIO DE AZEVEDO

RIO BRANCO

FREI MONTE CARMELO

Livraria Jose Olympio Editora
Rua do Curador N.º 110 Rio de Janeiro